REVISTA DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

AFL 1917 2020

ANO 1 • Nº 2 • JULHO • 2020

EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 103 ANOS DA AFL

ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

Praça da República, nº 7
Centro – Niterói – RJ
CEP 24020-099
site: www.academiafluminensedeletras.com.br
e-mail: academiafluminensedeletras@gmail.com

Diretoria 2019/2020
Presidente: Waldenir de Bragança
Vice-Presidente: José Mauro Haddad
1ª Secretária: Márcia Maria de Jesus Pessanha
2ª Secretária: Regina Coeli Vieira da Silveira e Silva
1º Tesoureiro: Wainer da Silveira e Silva
2ª Tesoureira: Alba Helena Corrêa
Diretor de Acervo Documental e Bibliotecas: Flávio Chame Barreto

A Revista Fluminense de Letras é publicação oficial da AFL em formato digital, com previsão de quatro edições por ano (além de eventuais edições extras). Ela tem por objetivo divulgar as atividades literárias, artísticas e científicas desenvolvidas pelo corpo acadêmico, além de artigos e trabalhos que contribuam para a difusão das finalidades desta mais que centenária instituição. Todos os textos são apreciados pelos membros do Conselho Editorial antes de sua publicação. As matérias assinadas são de inteira responsabilidade dos autores.

A Academia Fluminense de Letras agradece a todos os(as) acadêmicos(as) que ajudaram e ajudam a manter e divulgar suas finalidades, desde a fundação desta Casa de Amor à Cultura, Guardiã da Memória e da História.

REVISTA DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

Diretor de Redação
Flávio Chame Barreto

Comissão de Redação
Alba Helena Corrêa
Alcir Vicente Visela Chácar
Célio Erthal Rocha
Cleber Francisco Alves
Eduardo Antonio Klausner
Eneida Fortuna Barros
José Mauro Haddad
Jota Carino
Márcia Maria Jesus Pessanha
Maria do Carmo Soares Cordeiro
Matilde Carone Slaibi Conti
Neide Barros Rego
Regina Coeli Vieira da Silveira e Silva
Wainer da Silveira e Silva
Waldenir de Bragança

Revisão
Christiane Braga Victer

Projeto Gráfico
Cleide Villela Abib

Foto da Capa
Antônio Machado
Prédio da Academia Fluminense de Letras e Biblioteca Pública Municipal

Créditos Editoriais
Christiane Braga Victer
Cleide Villela Abib

Publicação julho/2020

O conteúdo completo da Revista está disponível no site *www.academiafluminensedeletras.com.br/revistafluminensedeletras* .

Seu conteúdo é de propriedade exclusiva da Academia, não podendo ser reproduzido de nenhuma forma, em parte ou totalmente, sem autorização prévia por escrito da diretoria da instituição. Distribuição gratuita / esta publicação não pode ser vendida ou comercializada

A Revista digital da Academia Fluminense de Letras tem a parceria da Secretaria de Cultura de Niterói, de acordo com o estabelecido no Termo de Fomento celebrado entre as duas instituições.

ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS
ACADEMIA FLUMINENSE
PER ASTRA
22 DE JULHO DE 1917

SUMÁRIO

A Nau Capitânia Completa 103 Anos a Serviço da Memória e da História *8*
Waldenir de Bragança

Mensagem da Secretaria de Cultura *9*
Victor de Wolf

103 Anos Irradiando Cultura *9*
Giovanna Victer

Mensagem da Academia Campista de Letras *10*
Vanda Terezinha Vasconcelos

Agradecimentos *11*

ACADEMIA EM AÇÃO

Síntese do Relatório das Atividades da Academia Fluminense de Letras em 2019 *13*
Márcia Pessanha

Jogos Florais de Niterói 2020 *15*
Comissão de Redação

Lembrando Datas Significativas *16*
Comissão de Redação

MEMÓRIA

Alcindo Guanabara *19*
Luiz Felizardo Barroso

Américo de Souza Braga *20*
Aristeu Pessanha Gonçalves

Antônio de Souza Aguiar *21*
Márcia Pessanha

Ary Parreiras (Almirante) *22*
Alexandre Chini

Belisário Augusto *24*
Lucia Maria Barbosa Romeu

Benjamin Constant *25*
Fernando Gama de Miranda Netto

Edmo Rodrigues Lutterbach *26*
Franci Machado Darigo

Felisberto de Carvalho *28*
Eneida Fortuna Barros

Francisco de Lemos (Bispo) *29*
Comissão de Redação
(colaboração Eneida Fortuna Barros)

Homero Pinho *30*
Eduardo Antônio Klausner

Honório de Souza Silvestre *33*
Regina Coeli Vieira da Silveira Silva

Jayme Moreira de Luna *35*
Antonio Machado

José Carlos do Patrocínio *37*
Comissão de Redação
(colaboração Márcia Pessanha)

Júlio Maria (Padre) *38*
Comissão de Redação
(colaboração Márcia Pessanha)

Leopoldo Fróes *39*
Gracinha Rego

Lorenzo Fernandez *41*
Magda Telles Loureiro Belloti

Macedo Soares (Conselheiro) *42*
Comissão de Redação
(colaboração Eneida Fortuna Barros)

Múcio da Paixão *43*
Waldenir de Bragança

Oswaldo Cruz *44*
Erthal Rocha

Paulo da Silva Araujo *47*
Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro

Pedro II (Parte 2/3) *48*
Wainer da Silveira e Silva

Salvador de Mendonça *51*
Flávio Chame Barreto

Silva Jardim *52*
Comissão de Redação
(colaboração Márcia Pessanha)

Soares de Souza Jr. *53*
Sara Rifer

Teixeira de Freitas *54*
Comissão de Redação
(colaboração Valdir Costa)

Visconde de Sepetiba *57*
Lucio Facci

TEMPLO DA PALAVRA

Caixa Postal 692 *59*
Luiz Felizardo Barroso

De Coronéis e Lobisomens *61*
Pinheiro Júnior

Deu Ruim ou Os Reflexos da Pandemia na Cultura em Rio Bonito, RJ *62*
Maria do Carmo Soares Cordeiro

Entre Poetas *64*
Neide Barros Rêgo

Gratidão *64*
Sara Rifer

O médico e o doente *65*
João Batista Thomaz

NITERÓI INSPIRAÇÃO POÉTICA

Canção do Mar *67*
Ercules Lamego

Fronteira Azul *68*
Marcos Almir Madeira

Icaraí é tudo isso... *68*
José Naegele

Louvor a Niterói 1 *69*
Alba Helena Corrêa

NITERÓI HISTÓRIA E ATUALIDADE

A Praça da República *71*
Erthal Rocha

A UBT-Niterói e os Jogos Florais *73*
Alba Helena Corrêa

Albert Sabin em Niterói e a Luta Contra a Poliomielite no Brasil *75*
Alcir Chácar

Homenagem à Academia Fluminense de Letras pelas Entidades Culturais de Niterói *76*
Matilde Slaibi Conti

Niterói Cidade Cultural *77*
Márcia Pessanha

Niterói – Sede do I Congresso Brasileiro de Academias de Letras *79*
Waldenir Bragança

Carta de Educação, Cultura e Ética de Niterói *82*

ORAÇÃO DE GRAÇAS PELO CENTENÁRIO DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS *84*
Maria do Carmo Soares Cordeiro

NOMINATA

Classe de Letras *86*

Classe de Belas Artes *88*

Classe de Ciências *89*

Classe de Ciências Sociais *89*

Membros Honorários *90*

A Academia Fluminense de Letras celebrou durante o ano de 2017 o Centenário desta Casa de Amor à Cultura, Templo da Palavra, Guardiã da Memória e da História do Estado do Rio de Janeiro, em extensa e variada programação que incluiu concursos literários, concurso de fotografias, atividades e solenidades conjuntas com instituições públicas e entidades culturais. O ponto alto das comemorações foi a realização do I Congresso Brasileiro de Academias de Letras, que reuniu representantes de Academias de Letras estaduais, de Academias das cidades do Estado do Rio e de nossa alma manter, a Academia Brasileira de Letras, contando com a presença de luminares das áreas da Educação e Cultura, autoridades e convidados.

FOTO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DA AFL / 2017

Luiz Augusto Erthal, Antônio Machado, Luiz Felizardo Barroso, Alba Helena Corrêa, Eneida Fortuna Barros, Waldenir de Bragança, Márcia Maria de Jesus Pessanha, Lúcia Maria Barbosa Romeu, Wainer da Silveira e Silva, Cláudia Cataldi, Sávio Soares de Sousa, Alexandre Chini

Aristeu Pessanha Gonçalves, Antônio Werneck de Castro, Magda Telles Loureiro Belloti, Célio Erthal Rocha, Elídio Robaina (monsenhor), Deila Maria Ferreira Scharra, José Bernardo de Souza, José Mauro Haddad, Maria do Carmo Soares Cordeiro, Matilde Carone Slaibi Conti, Nagib Slaibi Filho

Lúcia Regina Antunes da Motta, Leda Mendes Jorge, Sara Rifer (Jussara Ribeiro de Souza Ferreira), Franci Machado Darigo, Mirian Paura Sabrosa Zippin Grinspun, Maximiano de Carvalho e Silva, Gracinha (Maria das Graças) Alves de Azevedo Rego, Maria Aparecida Albuquerque Barreto da Silva, Neide Barros Rêgo, Marly Soares Prates Lima

Foto: Acadêmico Antônio Machado

A NAU CAPITÂNIA COMPLETA 103 ANOS A SERVIÇO DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA

WALDENIR DE BRAGANÇA
Presidente da Academina Fluminense de Letras
Acadêmico Titular da Cadeira 29

A Nau Capitânia dos mares culturais fluminenses prossegue, há 103 anos, com navegantes representativos de séculos, que estão vivos, fazendo-a viver e dando-lhe razões para ser a Guardiã da Memória, da História e Templo da Palavra.

Fundada por intelectuais idealistas empenhados numa renascença fluminense, com o propósito de ressaltar a participação de valores nascidos no Estado do Rio de Janeiro para a formação cívica e sociocultural na nacionalidade brasileira, a Academia Fluminense de Letras conserva sua missão para mais contribuir com o movimento cultural fluminense, estimulando as atividades culturais e educacionais, a produção de literatura / difusão da leitura e a valorização do idioma nacional.

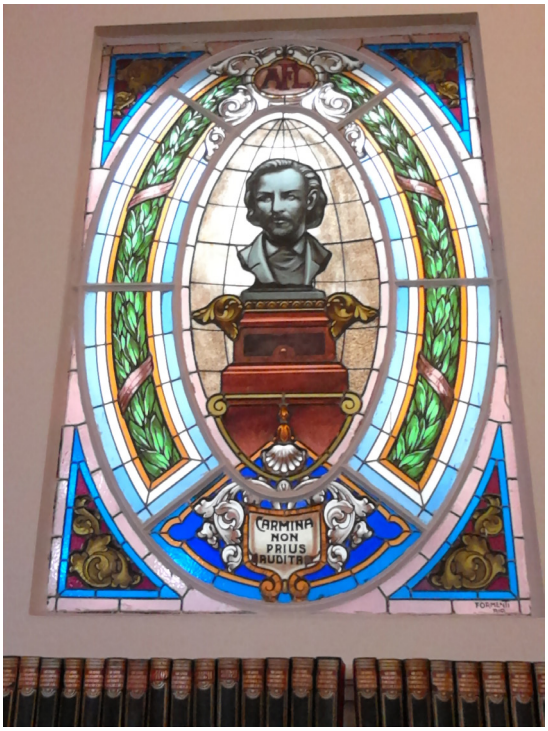
As marcas dessa trajetória serão exaltadas eternamente, em 95 cadeiras patronímicas de expressivos vultos das Letras, Belas Artes, Ciências e Ciências Sociais.

O dia 22 de julho de 1917 brilha ainda na gloriosa instituição, conectada com os que, embora fisicamente afastados, têm suas vidas presentes, como exemplos inspiradores e estimuladores do compromisso assumido por todos os acadêmicos, que serão mantidos pelos tempos infinitos.

Devido à atual situação de distanciamento social acarretada pela pandemia de Covid-19, não será possível realizar uma programação comemorativa solene, conforme originalmente planejado; todavia, vamos utilizar as ferramentas tecnológicas disponíveis para marcar a existência viva e atuante da AFL. Esta edição especial da Revista marca a efeméride; serão promovidos, ainda, reuniões e encontros virtuais em sua honra e para atendimento de suas finalidades.

Encontramo-nos empenhados em colocar em prática etapas do Plano de Trabalho estabelecido em parceria com a Secretaria de Cultura de Niterói, confiando no espírito acadêmico vivo e forte para vencer os obstáculos.

A nossa monumental Academia de Letras oficial do Estado do Rio de Janeiro sente e exerce a responsabilidade coletiva de guardar, preservar e manter a Memória das personalidades que, pelos seus méritos, enriquecem e dão honrosa substância ao inigualável patrimônio imaterial, motivo de orgulho para os que nela convivem para fazê-la a Casa de Amor à Cultura e um centro de luz permanente a iluminar caminhos literários, históricos e cívicos do Estado do Rio e do Brasil.



"Contribuir para a preservação da memória dos vultos que se distinguiram na história literária, especialmente a do Estado do Rio de Janeiro"
(Estatuto da AFL - Objetivo II)

MENSAGEM DA SECRETARIA DE CULTURA DE NITERÓI

VICTOR DE WOLF
Secretário Municipal das Culturas de Niterói

Neste dia 22 de julho de 2020, a cidade de Niterói e toda a cultura fluminense estarão comemorando mais 1 ano de existência da Academia Fluminense de Letras. São 103 anos de muita dedicação e empenho para preservar o que existe de mais importante na literatura niteroiense e fluminense, contribuindo para eternizar os melhores escritores, editar livros, fazer renascer bens culturais, promover valiosos encontros, seminários e conferências, valorizar e defender pessoas que cultivam a literatura, além de estimular manifestações culturais de suma importância para a construção da história e da cultura de Niterói e do Estado do Rio de Janeiro.

Venho aqui, orgulhosamente, parabenizar a todos os confrades e confreiras que valorizam nossa cultura e o patrimônio material e imaterial de nossa cidade. É uma honra poder, à frente da Secretaria Municipal das Culturas, contribuir e estimular ainda mais o desenvolvimento deste trabalho tão importante, compartilhando esperança com aqueles que valorizam a literatura e a cultura em nosso município. Parabéns AFL!

Foto: Mariana Lima

103 ANOS IRRADIANDO CULTURA

GIOVANNA VICTER
Secretária de Fazenda de Niterói

A Academia completa 103 anos. Niterói orgulha-se de sediar esse encontro de saberes e da arte. Contudo, a maior glória não é o espaço físico e sua localidade, mas a cultura que dela irradia para todos os lados.

É certo que o imaginário da cidade é alimentado por essa querida instituição. A força de Niterói, sua resiliência e o culto à liberdade e à democracia encontram nesta casa seus alicerces. A criatividade e a inteligência não conhecem limites, censuras ou preconceitos. Elas permitem o avanço para o que é justo e belo.

Que nos próximos 103 anos, os ilustres personagens que venham a compor tão seleta cátedra continuem honrando os valores humanitários que perpassam locais tangíveis e constroem sua morada na nossa alma.

Parabéns Academia Fluminense de Letras!

ACADEMIA ACL CAMPISTA DE LETRAS

MENSAGEM DA ACADEMIA CAMPISTA DE LETRAS

Comemorar 103 anos, em permanente e profícua atividade, como ocorre, neste ano, exatamente no dia 22 de julho de 2020, com a Academia Fluminense de Letras, realmente é um mérito para raras entidades e, com destaque, pela preservação e fidelidade aos seus objetivos, entre os quais podemos citar: estimular e promover a cultura, as ciências sociais e as artes, assim como, a valorização do idioma e das letras nacionais.

Muito gratificante, para todos nós, acadêmicos da Academia Campista de Letras, quando ao sermos convidados pela AFL, tivemos a oportunidade de estar presentes em julho de 2017, participando em todos os eventos do I Congresso Brasileiro de Academias de Letras, quando se marcava, brilhantemente o Centenário da AFL – com o tema "Educação, Cultura e Ética – Instrumentos Básicos para Fortalecer o Sentimento Nacional". Vale ressaltar, também, a nossa presença e participação – ACL – no dia 22 de julho de 2017, da fundação da Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro, durante o referido Congresso Brasileiro de Academias de Letras. E tudo isso comandado de forma impecável, graças ao dinamismo e perfeccionismo do Dr. Waldenir Bragança e com a inestimável colaboração de toda sua equipe e dos acadêmicos da AFL.

Também parabenizamos os campistas que pertencem ou pertenceram à AFL dando, portanto, a sua contribuição nesta honrosa Academia de Letras. Gostaríamos de nominá-los, mas na impossibilidade, que recebam, pois, agradecimentos dos campistas, pelos serviços prestados com esmero à AFL.

Atenciosamente,

Vanda Terezinha Vasconcelos
Presidenta da Academia Campista
de Letras – ACL
Campos, 3 de julho de 2020

AGRADECIMENTOS

A Comissão de Redação agradece pela especial colaboração de:

- Acadêmico Antônio Machado (Classe de Belas Artes), cedendo fotos de sua autoria para o 1º número da Revista, assim como para o atual;

- Acadêmica Neide Barros Rêgo (Classe de Belas Artes), nos artigos homenageando a memória dos patronos Margarida Lopes de Almeida e Heitor Villa-Lobos, publicados no 1º número;

- Acadêmica Eneida Fortuna Barros (Classe de Letras), nos artigos homenageando a memória dos patronos Francisco de Lemos e Macedo Soares;

- Acadêmica Márcia Maria de Jesus Pessanha (Classe de Letras), nos artigos homenageando a memória dos patronos José do Patrocínio, Júlio Maria e Silva Jardim;

- Professor Valdir Costa (presidente da Associação Teixeira de Freitas), no artigo homenageando a memória do patrono Augusto Teixeira de Freitas.

"Que o ensino da Língua Portuguesa e da Literatura seja feito com a visão de que na língua nacional e na sua expressão literária estão as mais altas representatividades da nossa cultura, em permanente contato com as demais manifestações artísticas" (recomendação da Carta de Educação, Cultura e Ética de Niterói)

Lateral do prédio do Liceu Nilo Peçanha
Foto: Acadêmico Antônio Machado

Academia em Ação

SÍNTESE DO RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS EM 2019

A Academia Fluminense de Letras, seguindo sua nobre missão de valorizar e cultivar nosso idioma; de contribuir para a preservação da memória de seus patronos; de apoiar iniciativas e eventos literários e socioculturais; de fomentar a cooperação e o intercâmbio entre academias e instituições congêneres, vem realizando uma série de atividades culturais não só em sua sede, na Praça da República, nº 07, Centro, Niterói, mas também em outros espaços representativos da História, da Literatura, das Ciências, das Artes e da Cultura, em geral, do Estado do Rio. Haja vista que a AFL é a Academia Oficial do Estado do Rio e possui em seu quadro acadêmico as Classes de Letras, Belas Artes, Ciências e Ciências Sociais.

Em 2019, registramos um total de 32 sessões, entre reuniões da diretoria, assembleias, reuniões ordinárias e extraordinárias, posses, comemorações de datas significativas como centenários de vultos ilustres e de instituições, dias especiais como Dia das Mães, Dia do Professor, do Médico, do Assistente Social, etc. – tudo isso é lembrado em nossas reuniões que acontecem às quintas-feiras, das 16h às 18h.

Iniciamos, festivamente, no dia 14/03/2019 com uma sessão solene de abertura das Atividades Acadêmicas da AFL, comemorando o Dia Internacional da Mulher, com pronunciamento da Acadêmica Eneida Fortuna Barros – Tributo à Acadêmica Albertina Fortuna – e Recital Poético, coordenado pela Acadêmica Neide Barros Rêgo.

No dia 21/03 – Assembleia Geral Ordinária com a seguinte pauta: apresentação do relatório das atividades de 2018 para apreciação e aprovação; apresentação do relatório de prestação de contas para análise e aprovação; eleição de candidatos: Therezinha de Carvalho Pinto, Classe de Letras e Pinheiro Júnior, Classe de Ciências Sociais; apresentação e discussão de parceria com a UFF.

28/03 – Reunião Plenária Mensal, em que são discutidas questões referentes à atuação da AFL, com voz e voto dos presentes para aprovação das matérias apresentadas, dos pareceres de candidatos às vagas, e ao final, um acadêmico expõe um trabalho de sua autoria, ou fala a respeito do seu patrono.

04/04 – Reunião da Diretoria, em que são tratados assuntos do cotidiano acadêmico, planejamento de atividades, organização do acervo. Cumpre ressaltar que em todas as reuniões trabalhamos na elaboração do Projeto de Fomento à Cultura, com o aval da Secretaria de Cultura de Niterói e com o apoio da Secretaria de Planejamento e Fazenda.

25/04 – Reunião Plenária Mensal, que acontece toda última 5ª feira do mês, com as características já explicitadas na plenária do dia 28/03.

09/05 – Sessão Conjunta da AFL com a ACAMERJ / Academia de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, com expressiva homenagem ao cientista Carlos Chagas, patrono da Cadeira nº 3 da Classe de Ciências.

23/05 – Posse de Therezinha de Maria Carvalho Pinto na Cadeira nº 15 da Classe de Belas Artes, Patrono Villa-Lobos.

25/05 – VI Jornada Cultural da FALERJ / Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro, na Academia Teresopolitana de Letras.

30/05 – Duas sessões na mesma data:

1- Assembleia Geral Extraordinária, às 16 horas: Eleição de Leslie de Albuquerque Aloan, Classe de Letras, Cadeira nº 30, Patrono Martins Teixeira.

2- Reunião Plenária Mensal, às 17 horas, com palestra do Acadêmico Roberto Preis, titular da Cadeira nº 6 da Classe de Belas Artes, que falou a respeito de seu Patrono Israel Pedrosa.

06/06 – Sessão comemorativa do Centenário do Instituto Vital Brazil, em parceria com o Instituto Vital Brazil e com a Academia de Medicina Veterinária no Estado do Rio de Janeiro, presidida pelo Acadêmico Aristeu Pessanha Gonçalves, titular da Cadeira nº 1 da Classe de Ciências.

13/06 – Reunião da Diretoria, como já foi dito, para tratar de assuntos administrativos e do cotidiano acadêmico, continuidade da elaboração do Projeto de Fomento à Cultura.

27/06 – Visita à AFL de alunos do Colégio Anchieta de Friburgo, que fizeram homenagem à escritora Henriqueta Lisboa, apresentando peça teatral baseada na biografia da referida autora.

04/07 – Reunião da Diretoria, nos mesmos moldes das anteriores.

11/07 – Assembleia Geral Extraordinária

– Visita da secretária municipal de Fazenda Giovanna Victer, de sua assistente Thaísa Braga e do subsecretário municipal de Cultura Daniel Damasceno para tratar do Projeto de Fomento à Cultura, conforme Acordo de Cooperação entre a AFL e a Prefeitura de Niterói.

25/07 – Sessão comemorativa dos 102 anos da AFL e posse do Acadêmico Leslie de Albuquerque Aloan na Cadeira nº 30 da Classe de Letras, Patrono Martins Teixeira.

01/08 – Reunião da Diretoria, apreciação dos Pareceres dos Candidatos à Classe de Letras Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro e Marcus Faver.

03/08 – VII Jornada Cultural da FALERJ, na Academia de Letras de Santo Antônio de Pádua.

15/08 – Posse de José Alves Pinheiro Júnior na Cadeira nº 11 da Classe de Ciências Sociais, Patrono José Clemente Pereira; Comemoração dos 200 anos da Câmara Municipal de Niterói, em parceria com a Câmara, com homenagem a José Clemente Pereira.

22/08 – Reunião da Diretoria – discussão sobre o Projeto de Fomento à Cultura com o apoio das Secretarias Municipais de Fazenda e da Cultura.

29/08 – Assembleia Geral – Leitura de Parecer e eleição de Rogério Reis Devisate para a Cadeira nº 40 da Classe de Letras, Patrono Silva Jardim.

12/09 – Reunião da Diretoria – Encontro com o Sr. José Cláudio Cardoso Ururahy, da Imprensa Oficial, para tratar da publicação do livro da AFL "As vidas que dão vida à casa centenária".

19/09 – Reunião da Diretoria – Combinar ida a Vassouras para a solenidade do 20º aniversário da Academia de Letras de Vassouras – a Acadêmica Márcia Pessanha, 1ª Secretária, foi indicada para representar a AFL no evento, no dia 20/09. Planejamento para a homenagem a Vasconcelos Torres e pelos 60 anos da UFF, em abril de 2020.

20/09 – Evento comemorativo dos 20 anos da Academia de Letras de Vassouras – em que a 1ª Secretária Márcia Pessanha representou a AFL

26/09 – Assembleia Geral – Presença do Presidente da Câmara Municipal Paulo Bagueira Leal, para entrega de Moção de Louvor da ALERJ ao Acadêmico e jornalista Pinheiro Júnior por sua contribuição às homenagens a José Clemente Pereira (discurso de posse na AFL, pesquisa, etc.)

05/10 – VIII Jornada Cultural da FALERJ, na Academia Friburguense de Letras.

10/10 – Reunião da Diretoria – Relato da Jornada da FALERJ, em Friburgo, no dia 05/10, e explanação do presidente Waldenir de Bragança sobre o apoio da AFL à UBT-Niterói

17/10 – Posse do Acadêmico Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro na Cadeira nº 31 da Classe de Letras, Patrono Paulo da Silva Araújo.

31/10 – Comemorações – Dia Nacional do Livro, dos 109 anos da Biblioteca Nacional e do Jubileu de Prata da Antologia "Água Escondida", organizada pela Acadêmica Neide Barros Rêgo, da Classe de Belas Artes, que também apresentou Recital com poemas dos acadêmicos da AFL que fizeram parte da referida Antologia.

07/11 – Posse do Acadêmico Marcus Antônio de Souza Faver na Cadeira nº 7 da Classe de Letras, Patrono Azeredo Coutinho (bispo).

09/11 – IX Jornada Cultural e II Congresso da FALERJ, na Academia de Letras de Vassouras.

21/11 – Reunião da Diretoria – Resultado do Concurso Literário de Contos e Poesias com o tema "A presença feminina na educação, cultura e ética"; e do Concurso de Fotografia com o tema "O livro".

28/11 – Posse do Acadêmico Rogério Reis Devisate na Cadeira nº 40 da Classe de Letras, Patrono Silva Jardim.

04/12 – Almoço de confraternização das Academias de Letras e instituições culturais.

05/12 – Sessão de entrega dos prêmios dos Concursos Literário, na sede da AFL e de Fotografia, na Sociedade Fluminense de Fotografia.

Pelo exposto, vale ressaltar a intensa atuação da Academia Fluminense de Letras, a "nau capitânia", casa da cultura, templo da palavra e do saber, liderada pelo ilustre condutor – o presidente Waldenir de Bragança, cuja palavra é um porto seguro de fé, de entusiasmo e de esperança. Que bons ventos nos levem, com as bênçãos divinas para um futuro promissor, com valorização do idioma pátrio, da educação, da cultura e da ética.

E citando como paradigma alguns versos de Carlos Drummond de Andrade, ousamos dizer:

Não serei o poeta de um mundo caduco
o presente é tão grande, não nos afastemos
não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Vamos, então, de mãos dadas, acadêmicos da AFL, contribuir para o engrandecimento de nossa instituição.

Que assim seja!

Márcia Pessanha
1ª Secretária

UNIÃO BRASILEIRA DE TROVADORES
SEÇÃO NITERÓI

JOGOS FLORAIS DE NITERÓI 2020

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Concurso de trovas promovido anualmente pela União Brasileira de Trovadores / Seção Niterói com o apoio da Academia Fluminense de Letras, os Jogos Florais de Niterói integram o calendário oficial das comemorações do aniversário da cidade, em novembro.

Este ano, devido à pandemia, não existe ainda uma definição quanto à data de premiação e à realização da solenidade de forma presencial; entretanto, a diretoria prossegue trabalhando com o objetivo de preservar o tradicional evento, da melhor forma possível.

REGULAMENTO

Temas:

- Âmbito Nacional/Internacional – "Idoso";
- Estadual (RJ) – "Missão";
- Novos Trovadores – "Berço".
- Serão aceitas cognatas.

Prazo:

- 30 de agosto (prorrogado em virtude da pandemia)

Sistema de Envelopes:

Cada candidato poderá enviar apenas uma trova, inédita, através do sistema de envelopes, no qual a trova é datilografada ou impressa na face de um envelope branco (11cm x 7cm) fechado, contendo no interior uma tira de papel com a identificação do autor (nome completo, endereço, telefone, e-mail e o primeiro verso da trova). O envelopinho é colocado em um envelope de carta comum, que deverá ser remetido pelo Correio.

Colocar acima da trova a palavra-tema (que deverá constar da trova).

Não serão aceitas trovas manuscritas.

Remeter para:

Concurso Jogos Florais de Niterói – 2020
A/C de Alba Helena Corrêa
Rua Miguel de Frias, nº 48 / 1101, Icaraí, Niterói / RJ, CEP 24220-002
- tendo como remetente "Luiz Otávio".

Premiação:

- Âmbitos Nacional/Internacional e Estadual – 5 Vencedores, 5 Menções Honrosas e 5 Menções Especiais
- Âmbito Novos Trovadores – 10 classificações

Os premiados receberão diplomas, troféus e o livreto contendo todas as trovas classificadas.

Tradicional Missa em Trovas realizada na Capela de São Lucas pelo Acadêmico Monsenhor Elídio Robaina, que marca a abertura da premiação dos Jogos Florais de NIterói. Foto: Cleide Villela

LEMBRANDO DATAS SIGNIFICATIVAS

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Além do 103º aniversário da Academia Fluminense de Letras, neste mês de julho ocorrem outras datas de interesse acadêmico, que desejamos ressaltar, assim como nos meses que se seguem.

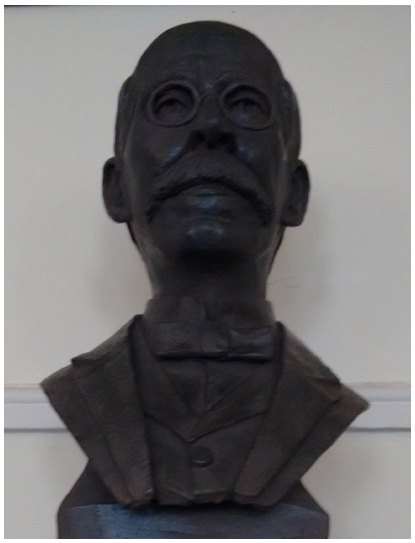
- 18 de julho – Dia Nacional da Trova; a data recorda o nascimento do "magnífico trovador" Luís Otávio, um dos criadores dos Jogos Florais no Brasil e fundador da União Brasileira de Trovadores.
- 20 de julho – Dia Internacional da Amizade (integrante do calendário oficial de Niterói), criado pelo rotariano argentino Enrique Febbraro assinalando a chegada histórica do homem à Lua, em 20 de julho de 1969. A amizade é a base de todo o nosso convívio como acadêmicos. Vamos comemorar, mesmo à distância, da forma que pudermos para valorizar este dia tão importante para a convivência acadêmica.
- 25 de julho – Dia Nacional do Escritor, data escolhida no primeiro Festival de Escritores Brasileiros, organizado pela União Brasileira de Escritores em 1960 – sendo presidente Jorge Peregrino Jr. e vice-presidente Jorge Amado. Por decreto governamental, a data foi instituída para celebrar a importância do profissional de Letras – nas palavras de Jorge Amado: "Escrever é transmitir vida, emoção, o que conheço e sei, minha experiência e forma de ver a vida".
- 5 de agosto – Dia Nacional da Saúde, que marca a data de nascimento do grande cientista brasileiro Oswaldo Cruz, Patrono da Saúde Pública do Brasil.
- 11 de agosto – Dia Nacional do Advogado, assinala a data em que foram instituídas as duas primeiras faculdades de Direito do Brasil, no Largo de São Francisco, em São Paulo, e em Olinda, Pernambuco (1827).
- 12 de agosto – assinala o Dia Nacional das Artes, que celebra as atividades artísticas nas diversas áreas.
- 16 de agosto – Dia Nacional do Filósofo, homenageando os estudam temas relacionados às reflexões e questionamentos sobre a existência humana, a natureza, a sociedade, política, ética, religião e os mais diversos temas.
- 17 de agosto – Dia do Patrimônio Histórico, marca a data da criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), através da Lei nº 378, de 1937.
- 19 de agosto – Dia Nacional do Historiador, escolhido em homenagem ao nascimento do diplomata e escritor Joaquim Nabuco (1849-1910); e Dia Mundial da Fotografia, que assinala a data da primeira apresentação pública do daguerreótipo na Academia de Ciências da França, em 1839. O daguerreótipo foi o primeiro equipamento fotográfico divulgado e comercializado ao público.

Joaquim Nabuco

- 27 de agosto – Dia Nacional do Psicólogo, profissional de Saúde que estuda o comportamento humano e os processos mentais. A data remete à promulgação da Lei nº Lei 4.119, de 1964, que regulamentou a profissão no Brasil.
- 31 de agosto – Dia do Nutricionista, profissional de Saúde que estuda os alimentos e seus efeitos nos organismos; recorda a data de fundação da Associação Brasileira de Nutricionistas (1949).
- 7 de setembro – Dia da Pátria, que assinala a Proclamação da Independência do Brasil (1822).
- 8 de setembro – Dia Mundial da Alfabetização, criado em 1967 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) para ressaltar a importância da

alfabetização para o desenvolvimento social e econômico mundial.

- 9 de setembro – Dia Nacional do Veterinário, profissional que cuida da saúde dos animais e colabora para a saúde humana através de atividades de vigilância sanitária e epidemiológica. A data assinala a normatização da profissão, através do Decreto nº 23.133/1932.
- 27 de setembro – Dia Nacional do Idoso, estabelecido em 1999 pela Comissão de Educação do Senado Federal para conscientizar a respeito da situação do idoso no País, seus direitos e desafios.
- 1º de outubro – Dia Internacional do Idoso, instituído pela Organização das Nações Unidas para homenagear esta parcela crescente da população mundial e ressaltar a importância do envelhecimento com qualidade de vida.
- 15 de outubro – Dia do Professor, responsável pela transmissão do conhecimento, uma das mais importantes profissões para o desenvolvimento da humanidade. Em 15 de outubro de 1827, o imperador D. Pedro I criou o ensino elementar no Brasil, através de um decreto que determinava que todas as cidades, vilas e lugarejos tivessem suas escolas de primeiras letras.
- 16 de outubro – Dia da Ciência e Tecnologia, homenageando as grandes descobertas e incentivando as novas pesquisas que trazem o desenvolvimento e a evolução da humanidade.
- 18 de outubro – Dia do Médico, que tem a responsabilidade de cuidar da saúde da população. A data homenageia o padroeiro da Medicina, São Lucas, e é especialmente relevante neste momento em que os médicos, ao lado dos enfermeiros, fisioterapeutas, técnicos em enfermagem, auxiliares e tantos outros profissionais da área de Saúde encontram-se na linha de frente do combate à pandemia da Covid-19.
- 20 de outubro – Dia do Poeta, marca a data da criação, em 1976, do Movimento Poético Nacional, na residência do jornalista, romancista, advogado e pintor brasileiro Paulo Menotti Del Picchia.
- 24 de outubro – Dia das Nações Unidas, dedicado a fazer serem conhecidos pelos povos do mundo os objetivos e conquistas da ONU e a obter apoio para a sua obra – assinala a entrada em vigor da Carta das Nações Unidas, tratado fundamental da organização, em 1945.
- 25 de outubro – Dia do Dentista, homenageia os profissionais da Odontologia, profissionais de Saúde responsáveis pela prevenção e tratamento das doenças do sistema mastigatório.
- 29 de outubro – Dia Nacional do Livro, homenageia a criação da Biblioteca Nacional do Livro, em 1810, pela Coroa Portuguesa, constituída por milhares de peças da Real Biblioteca Portuguesa trazidas para o Brasil por D. João VI. O acervo formou o princípio da Biblioteca Nacional do Brasil, fundada em 29 de outubro de 1810.
- 5 de novembro – Dia Nacional da Cultura, marca o nascimento do jurista, político, escritor e diplomata Ruy Barbosa (1829-1923), um dos maiores pensadores brasileiros.



Busto de Rui Barbosa, na sede da AFL.
Foto: Deborah Eltz

"Que seja proporcionada maior relevância, por todos os meios ao alcance das instituições, federais, estaduais e municipais, ao Dia Nacional da Cultura e da Língua Portuguesa no Brasil – o 5 de novembro – como uma das formas de mais valorizar o idioma nacional e ressaltar a importância da Cultura como patrimônio nacional (recomendação da Carta de Educação, Cultura e Ética de Niterói)"

Memória

ALCINDO GUANABARA
1865-1918

Patrono da Cadeira nº 4
Classe de Letras

LUIZ FELIZARDO BARROSO

No jornalismo

Em 1886, fundou seu primeiro jornal, *A Fanfarra*, órgão acadêmico. Entre seus colaboradores estava Olavo Bilac. Deixou o curso de Medicina no terceiro ano. Aproximou-se, então, de José do Patrocínio, com uma apresentação de Marinho de Andrade, e foi admitido na *Gazeta da Tarde*. Ali encontrou como redatores Raul Pompéia e Luís Murat. Quando trabalhava na *Gazeta da Tarde*, após o pessoal do jornal deliberar (na ausência de José do Patrocínio e de Raul Pompéia) fazer greve, Alcindo prontificou-se a fazer tudo completamente só. Meteu-se, então, sozinho na redação, e a *Gazeta* rodou, naquela tarde, toda feita por ele. Logo depois, Patrocínio lhe confiava a crônica política, que ele assinava com o pseudônimo de Aranha Minor. Nessa fase, foi brilhante articulista em prol da abolição.

Na política

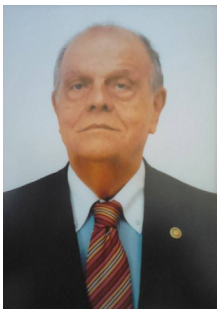
Feita a abolição, passou a trabalhar no *Diário do Commercio* e fez a campanha da República no *Correio do Povo*. Com o novo regime, foi eleito para a constituinte. Quando ocorreu a dissolução do Congresso com o golpe de estado de 1891, ele protestou contra o ato de Deodoro da Fonseca. Restabelecida a legalidade, permaneceu na Câmara até o final da legislatura (1891-1893). Em 1893, viajou para a Europa, feito superintendente-geral de Imigração. No ano seguinte, tomou assento na Câmara dos Deputados para legislatura republicana (1894-1896). Escreveu a História da República, editada primeiro nas colunas do *Commercio de São Paulo* e, depois, em livro.

Regressando ao Rio, fundou *A Tribuna*, órgão de oposição a Prudente de Morais. No período de Campos Sales (1899-1902), Alcindo se tornou o grande jornalista da situação. Findo o quatriênio, publicou o longo e minucioso livro *A presidência de Campos Sales*. Fundou *A Nação*, no qual desenvolveu a propaganda de um programa socialista. Colaborou em *O Dia*, no qual publicou esplêndidas páginas literárias com o pseudônimo Pangloss.

Foi nomeado redator-chefe de *O Paiz* e ali ficou até 1905. Na luta de Rui Barbosa contra Hermes da Fonseca, estava na *Imprensa* (jornal que ele fundou), fazendo a campanha do candidato de Pinheiro Machado.

Em 1918, foi eleito para o Senado como representante do Estado do Rio, tomando parte na Comissão dos Poderes. Mal se iniciara o período dessa legislatura quando Alcindo Guanabara legou-nos, entre outras, as seguintes obras:

* *Amor, romance* – 1886
* *História da revolta de 6 de setembro de 1893* – 1894
* *A presidência Campos Sales 1898-1902* – 1902
* *A dor, conferência* – 1905
* *Jornal de Commercio – A Tradição, discurso* – 1908
* *Discursos fora da Câmara* – 1911



LUIZ FELIZARDO BARROSO
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 4
Classe de Letras

Ph.D., doutor em Ciências Jurídicas e Sociais, professor jubilado em Direito Comercial – UFRJ. Membro dos Institutos dos Advogados Brasileiros e do Distrito Federal e do Fórum Permanente de Direito Empresarial da Escola de Magistratura/RJ. Conselheiro da Federação Interamericana de Advogados; membro do Tribunal de Ética e Disciplina OAB/RJ; procurador aposentado do Banco do Brasil; titular da Advocacia Felizardo Barroso & Associados; presidente da Cobrart Gestão de Ativos e Participações; consultor/instrutor do SEBRAE/RJ. Autor e coautor de diversas obras de cunho jurídico. Diplomado pela Escola Superior de Guerra – ESG.

AMÉRICO DE SOUZA BRAGA 1899-1947

Patrono da Cadeira nº 1
Classe de Ciências

ARISTEU PESSANHA GONÇALVES

Figura exponencial da Medicina Veterinária, o cientista e pesquisador Américo de Souza Braga tem seu honrado e digno nome perpetuado pela Academia Fluminense de Letras como Patrono da Cadeira nº 1 da Classe de Ciências.

O professor Américo Braga nasceu na cidade de Santarém / PA, em 18 de janeiro de 1899, filho de Antônio Joaquim de Vasconcelos Braga e Zulmira de Souza Braga.

Aos 14 anos, destacava-se como compositor, com a música dedicada à sua mãe Zulmira. Aos 16, deslocou-se para o Rio de Janeiro (à época, Capital da República), ingressando no Colégio Pedro II, onde concluiu o segundo grau em 1916.

Em 1917 concluiu o curso de Bacharel em Letras; no ano seguinte, iniciou o curso de Biologia na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, diplomando-se em 1921 como o melhor aluno da turma.

Em 1922, coordenou o 1º Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária, no Rio de Janeiro. Nomeado diretor-geral de Agricultura e Indústria Pastoril em 1923, foi promovido em 1927 a diretor experimental da Medicina Veterinária no Distrito Federal.

Em 1929 foi nomeado consultor da Revista Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária. Em 1930, coordenou o XI Congresso Internacional de Medicina Veterinária, em Londres, Inglaterra.

Contratado pelo Instituto Vital Brazil em 1931, dois anos depois foi nomeado diretor do Hospital Veterinário da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária.

Em 1935 apresentou várias experiências com soros e vacinas no IVB; no ano seguinte, solicitou e obteve do cientista Vital Brazil a doação do terreno para a construção da Escola Fluminense de Medicina Veterinária, da qual foi um dos fundadores.

Nomeado em 1939 professor de Higiene e Saúde Pública da Escola Fluminense de Medicina Veterinária, em 1940 foi designado como membro da Comissão Examinadora do Concurso para Terapêutica e Farmacodinâmica e coordenador de Estudos de Soros, Vacinas e Imunógenos.

Em 1941, foi aprovado para a Cadeira de Doenças Infecciosas. Em 1943, ministrou curso para enfermeiras de Guerra. A seguir, foi indicado para diretor cientifico do Instituto Vital Brazil.

Homenageado no Congresso Mundial de Medicina Veterinária, em Zurich, Suíça (1938). Foi membro da Union of American Biological Societies da Universidade de Pennsylvania (Filadélfia, EUA) e colaborador em Biological Abstracts, da mesma Sociedade; fundador do Clube Zoológico do Brasil (São Paulo); presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária (1930-34).

Fundou em 1945 o Instituto de Biologia do Rio de Janeiro, que dirigiu até 1947, ano em que veio a falecer, em 9 de junho. Três anos depois, a Faculdade de Medicina Veterinária seria federalizada, passando a integrar a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – hoje Universidade Federal Fluminense.

Mereceu de seus pares o cognome "semeador da Medicina Veterinária no Brasil", por todas as suas admiráveis realizações,

ABRAMVET

Academia Brasileira de Medicina Veterinária (ABRAMVET)

que contribuíram significativamente para o enriquecimento do patrimônio científico nacional. A Academia Brasileira de Medicina Veterinária (ABRAMVET) o fez Patrono da sua Cadeira nº 1.

Seu legado científico é imenso, deixado em inúmeros trabalhos publicados dentro e fora do País, principalmente, em patologias zoonóticas e antropozoonóticas. Dentre suas consideráveis obras destaca-se o livro em quatro volumes *Soros, Vacinas, Alérgenos e Imunógenos* (Imprensa Nacional, 1942), de grande repercussão, inclusive internacional, que representou elevada contribuição para a saúde da humanidade.

Referências:

CANTO, Sidney. **Nasce Américo Braga, um ilustre desconhecido**. Portal Jeso Carneiro. Disponível em: <https://www.jesocarneiro.com.br/educacao-e-cultura/nasce-americo-braga-um-ilustre-desconhecido.html> Acesso em: 18 jun. 2020.

Centro de Controle de Zoonoses e de Doenças de Transmissão Vetorial Prof. Américo Braga. **Quem foi o Professor Américo Braga?** (14 de junho de 2019) Disponível em: <http://cczniteroirj.blogspot.com/2019/10/quem-foi-o-professor-americo-braga.html> Acesso em: 18 jun. 2020.

ARISTEU PESSANHA GONÇALVES
Acadêmico Titular da Cadeira nº 1
Classe de Ciências

Formado em Medicina Veterinária e pós-graduado em Clínica Cirúrgica, UFF. Professor de Clínica Médica e Ética Profissional, UFF (33 anos). Presidente nacional da Associação de Clínicos Veterinários (1982). Presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária (1984-1987). Presidente da Academia de Medicina Veterinária/RJ (2006-2015). Vice-presidente do Conselho Federal de Medicina Veterinária (1987-2001). Vice-presidente da Sociedade Brasileira de Higiene e Saúde Pública (2011-2015). Cidadão benemérito do Estado do Rio de Janeiro. Cidadão honorário de Niterói. Diretor científico da Policlínica Veterinária Ypiranga, Rio de Janeiro/RJ (há 45 anos). Autor de diversos artigos científicos, apresentou trabalhos em vários encontros, seminários e congressos.

ANTÔNIO DE SOUZA AGUIAR 1861-1917

Patrono da Cadeira nº 6
Classe de Letras

MÁRCIA PESSANHA

Na presente edição da Revista da AFL, destacarei meu Patrono, já que na anterior distingui meu último antecessor, Mário Ritter Nunes.

Antônio de Souza Aguiar nasceu no dia 11 de junho de 1861, em Sapucaia, cidade fluminense, nome derivado de uma árvore, à margem direita do rio Paraíba do Sul, local em que os tropeiros descansavam, quando se dirigiam ao Porto de Piedade, em Magé.

Filho de José de Souza Aguiar e Maria Augusta de Aguiar, aos nove anos de idade iniciou os estudos primários na terra natal. Cursou o secundário no Colégio Pedro II, concluindo o curso de Humanidades em 1880. Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, graduando-se em maio de 1887 e defendeu tese sobre clorose.

Medicina e literatura contracenam na vida de Antônio Aguiar. Médico competente e incansável, pesquisador em busca da cura do beribéri e da morfeia, também dedicou-se às letras, compondo poemas, contos e novelas, motivo que lhe valeu o título de Patrono da AFL. Órfão de mãe aos cinco anos, as saudades maternas acompanharam-no durante toda sua vida, motivando suas composições poéticas, com um tom nostálgico e comovente, como nos versos:

Eu não tenho vivido. Se é viver / Ter-se a alma enlutada desde o berço. / No véu lacrimejante da orfandade; / ...Cinco anos eu tinha! É tão precoce / Essa idade infantil, p'ra que se perca / O ANJO tutelar – que os tíbios passos / Da infância insciente, carinhoso, / Ampara, desvelado e sempre terno / E sempre sorridente e prazenteiro!... / Nessa hora festiva adormeceu / Para sempre serena e sorridente / No seio desleal da Natureza / Prendendo-me entre os braços mortuários / E legando-me o último suspiro / No beijo derradeiro e sempre doce. / Entre tanta amargura que hei libado / Meus lábios infantis chamaram – MÃE!

Na *Gazeta Acadêmica*, publicou sonetos, elegias, trabalhos em verso e prosa. Helenista, interessado em obras clássicas, traduziu os dois primeiros cantos da *Ilíada* de Homero, em versos alexandrinos rimados.

Antônio de Souza Aguiar faleceu em Sapucaia em 1917, no mesmo ano da fundação da Academia Fluminense de Letras. Repousa em paz, à sombra das sapucaias em flor à margem direita do Rio Paraíba do Sul. O rio e a árvore... comunhão da natureza – água e flores que se encontram, abençoando aquele que partiu e deixou saudades.

Referência:

Síntese extraída do meu discurso de posse na AFL, em 03/06/2008

MÁRCIA MARIA DE JESUS PESSANHA

Acadêmica Titular da
Cadeira nº 6
Classe de Letras

Formada em Letras Português/ Francês, mestrado e doutorado em Literatura pela UFF. Primeira mulher a presidir as Academias Guanabarina e Niteroiense de Letras e o Cenáculo Fluminense de História e Letras. Autora de: *Borboletrando* e *Fatias do viver*; *Casimiro de Abreu: o poeta das Primaveras; Interfaces da cotidianidade no romance Léonora; Quarto de despejo de Carolina de Jesus; A Literatura Brasileira e o papel do autor/personagens negros; Conceitos de Literatura e Cultura; O Memorialismo Epistolar* e vários outros.

ARY PARREIRAS (ALMIRANTE) 1890-1945

Patrono da Cadeira nº 50
Classe de Letras

ALEXANDRE CHINI

Nascido e falecido em Niterói, Ary Parreiras (1890-1945) foi militar, político e interventor federal / RJ.

Patrono da Classe de Letras por decisão da Assembleia Geral Extraordinária de 20/08/2015, em face de ser responsável pelo ato de fundamental importância e alta expressão cultural para a Academia: a instalação de sua "sede definitiva", em 06/09/1934, em solenidade inaugural e comemorativa o centenário da Província do Rio de Janeiro.

O Almirante Ary Parreiras, nomeado interventor federal do estado, após o governo do Presidente Feliciano Sodré, pusera em execução as obras do projeto traçado por seu antecessor. E, no 16º aniversário da instituição (1933), enviou um ofício de saudação aos acadêmicos, comunicando-lhes que, cumprindo a Lei nº 2.162, de 07/11/1927, do governo anterior, estabeleceria a AFL no "corpo central do pavimento superior" do prédio, em término de construção, na Praça da República. No endereço, viriam a funcionar também, conjuntamente, o Arquivo Público (transferido depois para o Rio de Janeiro) e a então Biblioteca Universitária.

Placa comemorativa à entrada do edifício sede da Academia Fluminense de Letras e da Biblioteca Pública de Niterói. Foto: Deborah Eltz

Finalmente, na data prevista (uma quinta-feira), às 21h, abriu-se a sessão solene de estreia da nova Casa. Como gesto de imenso apreço ao papel literocultural, pioneiro, dessa Academia, voltada à valorização das letras fluminenses e do idioma nacional, sua voz pôde ecoar no recinto, ao dizer:

"É com a maior satisfação que, atendendo ao convite do ilustre presidente da Academia Fluminense de Letras, declaro inaugurada a sua sede definitiva, modesta homenagem do governo à cultura e tradições fluminenses".

Essas palavras ficaram registradas numa bonita e trabalhada placa de bronze, fixada na parede frontal da entrada do edifício.

Ary Parreiras realizou ainda grandes obras no Estado do Rio de Janeiro. Abriu estradas, construiu escolas e pontes em todos os municípios. Em 1935, voltou para o serviço ativo na Marinha, do qual se afastara.

Guarda-marinha desde a turma de 1911, atuou na primeira guerra mundial, em operações de guerra do DNOG, embarcado no contratorpedeiro Piauy. Durante a guerra mundial, passou a morar em Natal / RJ, onde construiu e comandou a base naval da região, hoje Base Naval Almirante Ary Parreiras.

Fora preso anteriormente na Ilha da Trindade, com Eduardo Gomes, Osvaldo Aranha e outros, por terem planejado a Revolução de 1930. Quando solto, ficou famoso pelo feito de, remando em sua baleeira, saída do Clube de Regatas de Icaraí, Niterói, render o sentinela da Fortaleza Santa Cruz, e resgatar os companheiros lá presos. Foi o único caso registrado de fuga do local, ocorrido em 28/02/1930, Considerado desertor, foi anistiado no governo de Getúlio Vargas.

Ao falecer, o seu funeral seguiu acompanhado por uma multidão, a pé, da Rua Lemos Cunha até o Cemitério do Maruí. Amigos o homenagearam com uma estátua de corpo inteiro, escultura d Onório Peçanha, na Praça Getúlio Vargas, da Avenida Jornalista Alberto Francisco Torres – Icaraí. Seu nome lembra o do tio: o pintor Antônio Parreiras.

ALEXANDRE CHINI
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 50
Classe de Letras

Advogado. Juiz de Direito. Membro assistente do Comitê Brasileiro de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas. Coordenador das Turmas Recursais do Sistema dos Juizados Especiais Cíveis, da Fazenda Pública e Criminal (TJRJ). Presidente da 4ª Turma Recursal Cível. Membro do Fórum Permanente de História do Direito e Representante do VIII Núcleo da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro. Professor universitário (graduação e pós-graduação). Possui vários artigos doutrinários publicados. É coautor do livro *Princípios de argumentação jurídica: a Lógica e a Retórica, Saarbuckem* (2016).

BELISÁRIO AUGUSTO
1857-1912

Patrono da Cadeira nº 10
Classe de Letras

LUCIA MARIA BARBOSA ROMEU

Belisário Augusto Soares de Souza nasceu em 1857 em Araruama, filho do conceituado médico e chefe político do Partido Conservador do Império, Dr. Francisco Manuel Soares de Souza e de D. Ana Romano Soares de Souza.

Frequentou o curso primário do Colégio de Santo Agostinho e o preparatório no Liceu Niteroiense. Com apenas 15 anos, iniciou os estudos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, porém veio a se graduar na Faculdade da Bahia.

Clinicou em Niterói, onde prestou concurso para a cadeira de Psiquiatria, quando também deu aulas de Filosofia e História no Colégio Briggs.

Atraído para a política, foi eleito deputado em 1885, aderiu à República, e representou com brilhantismo o Estado do Rio na Câmara Federal. Destacava-se como orador correto de discurso fluente e elegante. Sua palavra conseguia persuadir, tanto em simples assuntos de administração, quanto em problemas políticos.

Convocado por seus antigos companheiros Paulino de Sousa, Castrioto, Fróis da Cruz, Silva Jardim, Barão de Miracema, Nilo Peçanha, Miguel de Carvalho, formou um só bloco com Alberto Torres, Alcebíades Peçanha, Marcelino Coelho e trabalhou com empenho, até a promulgação da Primeira Constituição do Estado do Rio de Janeiro, em 1892.

Foi reeleito várias vezes como deputado estadual, e é nome de rua em Icaraí, Niterói, Estado do Rio.

Em 1893, elege-se deputado federal, e não se furta, no tempo de Floriano Peixoto, quando a República convoca seu talento e eloquência na tribuna, parlamentar como defensor da ordem no Brasil.

Afasta-se temporariamente do panorama político em 1902, porém volta em 1910 como integrante de uma das duas Assembleias do Estado do Rio de Janeiro, a que apoiava no governo o Dr. Alfredo Backer.

Belisário Augusto foi um homem de notável saber, extraordinária simpatia, nada lhe toldava a inteligência e a vivacidade, a eloquência e o grande amor à terra em que nasceu.

Seus discursos eram ouvidos na Câmara por amigos e oposicionistas com igual prazer.

Quem o conhecia podia afirmar que sua vida particular refletia seus elevados sentimentos. Não tinha inimigos nem desafetos e não abrigava sentimentos de ódio ou rancor.

Deixou nos Anais da Câmara da República, em diversas legislaturas, o testemunho de um estadista apaixonado pela cultura, política, ordem e progresso do Brasil.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 5 de julho de 1912.

Os ocupantes da cadeira de BELISÁRIO AUGUSTO, foram, sucessivamente: Epaminondas Mourão Pereira de Carvalho, Paulino José Soares de Souza Neto, José Antonio Soares de Souza, Hilton Massa e Lucia Maria Barbosa Romeu.

LUCIA MARIA BARBOSA ROMEU
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 10
Classe de Letras

Integrou conjunto musical folclórico enquanto estudante do Colégio São Vicente de Paulo, com disco gravado contendo músicas de sua autoria. Formada em Letras pela UFF, onde lecionou Literatura Norte-Americana por 25 anos. Mestrado em Língua Inglesa, com aperfeiçoamento na Universidade de Maryland, EUA. Participa do programa "Companheiros das Américas", de intercâmbio cultural entre EUA e Brasil. Poeta e cronista, com 13 livros publicados, sendo um bilíngue. Escultora, com trabalhos em bronze, acrílico e terracota, com prêmios em exposições no Clube Naval do Rio de Janeiro. Violinista da Orquestra de Câmara de Niterói.

BENJAMIN CONSTANT 1837-1891

Patrono da Cadeira nº 11 Classe de Letras

FERNANDO GAMA DE MIRANDA NETTO

Benjamin Constant Botelho de Magalhães, considerado o *Fundador da República*, nasceu em Niterói, em 10 de fevereiro de 1837, e foi professor de Matemática no Brasil Imperial.

Aos doze anos passara a comemorar a data de seu aniversário no dia 18 de outubro. A morte de seu pai, Leopoldo Henrique Botelho de Magalhães, em 15 de outubro de 1849, em decorrência de febre tifóide, havia sido difícil de suportar e então decidiu por fim à própria vida três dias depois, atirando-se em um rio, quando foi salvo por uma lavadeira escrava.

A sua família nunca tivera uma vida econômica confortável. Sentindo-se obrigado a contribuir para o sustento familiar desde cedo, assentou praça em abril de 1852, no 1º Regimento de Cavalaria, para começar a receber alguma vantagem como militar. Em 1857, tomou contato com as obras de Auguste Comte e o positivismo seria a doutrina que iria orientar definitivamente a sua vida. Pode-se dizer que Benjamin Constant era um intelectual que pouco se sentia à vontade com a farda. De fato, a sua vocação era para a docência, mas os óbices criados pelas instituições do governo imperial eram motivos constantes de aborrecimento. Benjamin Constant participaria ao longo da vida de sete concursos. Embora fosse brilhante e aprovado com distinção em quase todos, as suas pretensões eram sempre frustradas por politicagem. Não ter o mérito reconhecido era o que mais o incomodava.

Em 1861, passou a trabalhar no Instituto dos Meninos Cegos e ali se casaria com Maria Joaquina da Costa, a filha do diretor. Trabalhava também como explicador, dando aulas particulares. Convocado em janeiro de 1866 para a guerra do Paraguai, partiu em setembro para cumprir o seu dever, desejando no fundo voltar o quanto antes para a família. No campo de batalha preparava as trincheiras. Depois de alguns meses, contraiu malária, o que comprometeu gravemente a sua saúde. Sabendo do estado de seu marido, a sua esposa, então com 19 anos, partiu para buscá-lo com as duas filhas, mesmo contra a sua vontade, no campo de batalha.

Apesar de conseguir licença para tratamento, Benjamin Constant não tinha forças para dar aulas e teve que se endividar. Com a morte de seu sogro, em 1869, assumiu o Instituto. Benjamin Constant muito lutou para que os cegos tivessem os seus direitos respeitados. Nesta época começa a desenvolver as ideias voltadas para a fraternidade e a solidariedade, bem como a imaginar regras para a Previdência.

Na década de 1880, últimos anos do império, a questão militar vai paulatinamente ganhando força e surge a certeza dentro do exército que viver na monarquia já não mais é possível. A lentidão das promoções, o baixo valor dos soldos, a corrupção da elite política e a escravidão são temas que incomodam os militares e que vão propiciar, sob a batuta de Benjamin Constant, a proclamação da República. É pela doutrina do positivismo de Auguste Comte que o professor motivou ideologicamente a juventude militar para preparar o nascimento da República. Mas Benjamin Constant soube mitigar os dogmas positivistas para que não fosse instaurada uma ditadura republicana e, como corolário, não houvesse derramamento de sangue.

De fato, em 10 de novembro de 1889, convenceu Deodoro da Fonseca a dar um fim à monarquia, mas teve a delicadeza de impedir qualquer ato de agressão a Dom Pedro II e a sua família. Em pouco mais de dois meses seria convocada uma Assembléia Nacional Constituinte. Nas palavras de Luiz Antonio Pimentel (Enciclopédia de Niterói, p. 67): "Na luta contra o trono, a cátedra foi a sua trincheira. Não teve armas: teve palavras. Não conspirou: professou. Não teve cúmplices: teve discípulos."

Benjamin Constant ainda contribuiu para a confecção do novo símbolo nacional: a Bandeira da República (Decreto nº 4, de 19 de novembro

de 1889). Partiu dele a idéia de registrar com as palavras "Ordem e Progresso" uma síntese da corrente positivista: O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim.

Falecido em 22 de janeiro de 1891, Benjamin Constant pouco tempo teve para desfrutar a nova forma de governo. No entanto, os livros contam que sem a liderança deste notável Professor, naquele momento histórico a República não teria sido possível no Brasil. Ainda é possível realizar visitas e pesquisas na sua antiga residência, transformada em Museu Casa de Benjamin Constant, localizada no bairro de Santa Teresa, na Rua Monte Alegre nº 255.

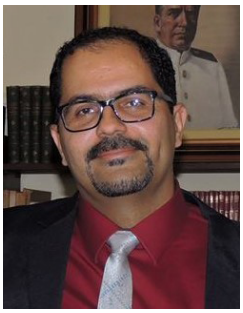
Referências:

CASTRO, Celso; LEMOS, Renato. **O Diário de Bernardina** – da monarquia à república pela filha de Benjamin Constant. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LEMOS, Renato. **Benjamin Constant** – vida e história. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

MENDES, Raimundo Teixeira. **Benjamin Constant**: esboço de uma apreciação sintetica da vida e da obra do fundador da República Brazileira, 2. ed., Rio de Janeiro: Igreja Pozitivista do Brazil, 1913, vol. 1, disponível em: https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6610, acesso em: 17/06/2020.

PIMENTEL, Luís Antônio. **Enciclopédia de Niterói**: pessoas, lugares, histórias. Organização e notas de Aníbal Bragança. Niterói: Niterói Livros, 2004.



FERNANDO GAMA DE MIRANDA NETTO
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 11
Classe de Letras

Graduação, mestrado e doutorado em Direito – UCAM; pós-doutorado – Universidad de Salamanca, Espanha. Pesquisador na Deutsche Hochschule für Erwaltungswissenschaften de Speyer e no Max-Planck-Institut, Alemanha (2006-07). Professor adjunto de Direito Processual; líder do Laboratório Fluminense de Estudos Processuais; membro do Programa de Mestrado e Doutorado em Sociologia e Direito; chefe do Departamento de Direito Processual – UFF. Autor de diversos artigos. Autor e organizador de várias obras jurídicas, entre elas: *Ônus da prova no Direito Processual Público; Direito Processual e Direitos Fundamentais; A ponderação de interesses na tutela de urgência irreversível.*

EDMO RODRIGUES LUTTERBACH 1931-2011

3º Ocupante da Cadeira nº 5
Classe de Letras

FRANCI MACHADO DARIGO

Temos algo especial ao tratar do nosso antecessor imediato. Esta é sua casa: presidiu-a por vinte e dois anos e amava-a com o zelo e respeito total de que é merecedora.

Nasceu aos 12 de outubro de 1931. Segundo me relatou Dona Maria do Carmo, sua irmã, o nascimento do Edmo poderia ter ocorrido na fazenda da Saudade, onde se encontrava sua mãe Dona Liberalina, que, ao sentir os sinais do parto iminente, decidiu voltar à fazenda Mount Vernon, e ali Edmo nasceu. Esta fazenda Mount Vernon coube ao homenageado, por herança, após o falecimento de seus pais Sebastião e Liberalina.

A fazenda da Saudade foi o berço natal do autor de *Os Sertões*, para onde Edmo se mudou com os pais e irmãos aos dois anos de idade, para usufruir das lembranças dos antigos e da história da vida de Euclides da Cunha, cujo acesso lhe era oferecido no próprio ambiente familiar.

No início das semanas, deslocava-se a cavalo até Euclidelândia, de onde, pelo trem da E. F. Leopoldina, seguia até Cantagalo, para estudar na Escola Euclides da Cunha; permanecia na cidade, alojado em pensão familiar, durante toda a semana, e voltava à casa paterna, apenas, nos fins de semana. O Diretor da Escola era o Professor Messias de Morais Teixeira, quem, em 3 de fevereiro de 1979, proferiria o discurso de recepção a Edmo Lutterbach na Academia

Edmo em seu discurso de posse na AFL 1975
Foto: Deplá

Friburguense de Letras.

Até a juventude viveu na Saudade, mas, a sua biblioteca encontra-se na propriedade Carazal, nome dado por ele à fazenda Mount Vernon, onde nasceu; ali, existe uma senzala no porão da casa, datada do século dezenove, como acontece na fazenda da Saudade, onde existem a sede e a senzala da mesma época, referência sempre lembrada da família. Esta fazenda foi vendida e tornou-se local de grande interesse cultural e turístico por ser o berço de Euclides da Cunha, constituindo-se em valioso acervo natural, a céu aberto, emoldurado pela paisagem serrana fluminense, frequentado por estudiosos, jornalistas e cinegrafistas brasileiros.

Certa vez, Edmo Lutterbach fez-nos o convite para assistir a uma conferência do médico e acadêmico Mário Duarte Monteiro na Academia Niteroiense de Letras. Aconteceu, então, nosso primeiro contato no meio literário e acadêmico. O conferencista daquela tarde viria a ocupar nesta Casa a Cadeira nº 22, a cuja Posse Solene estivemos presente.

A presença de Edmo Lutterbach no Instituto Histórico de Niterói era própria do líder cofundador e, portanto, conhecedor dos primeiros passos da Instituição. Suas intervenções eram judiciosas. Se discordante, estabelecia a conciliação ao final. Trazia a palavra de equilibrio.

A tessitura da vida de Edmo Lutterbach merece ser estudada. Não se trata de obra aligeirada. Dispensemos juízos irresponsáveis. Prezemos o largo sentimento de admiração que o antecessor conhecia tão bem.

Em 1975, pouco tempo depois de Mário Ritter Nunes haver sido empossado nesta Academia, em treze de novembro, todos ouviram e leram, em seguida, as palavras proferidas publicadas em livro.

Primeiro, declarou a ilustrada Presidente à época, Professora Albertina Fortuna Barros, na apresentação. Cito-a: "A imortalidade do acadêmico se resume no fato de cada ocupante deixar de si o rastro do seu esforço. Sempre lembrado pelo seu sucessor, ao fluir dos tempos e das épocas. E, justamente, isso iremos apresentar-vos, por meio da palavra do doutor Edmo Lutterbach, que fará o discurso de recepção ao acadêmico Mário Ritter."

Disse Edmo Lutterbach: "Há três meses e alguns dias, esta admirada Instituição, em solenidade festiva, abria as portas para receber um acadêmico inexpressivo, até então sem alicerces literários. Era portador, entretanto, de dois predicados incomuns: possui o dom de admirar e a ardente vontade de vencer pelo acesso da decência e com alguns diminutos méritos."

Era-lhe próprio, de fato, o dom da admiração. Poucas palavras. Olhar atilado, olhos esverdeados, fixos no objeto ou na pessoa do seu interesse. Nada lhe era imediato.

Relutava em deixar-se influenciar, facilmente. Buscava o étimo das palavras. Trazia-nos a novidade em discurso ou livro. Ritualista, porque era formal em solenidades. Citava os presentes, compunha bonita mesa de trabalhos com personalidades. Posuía importante biblioteca em casa... e, também, na *Saudade*, sua fazenda. Disse-nos: "Tenho umas quatrocentas cabeças de gado; lá está o meu ganho!"

Gostava de conversar, de festas em família e com amigos. Seu amor por sua terra Cantagalo, onde estava sua "tebaida", disse-lhe em uma saudação, Geraldo Bezerra de Menezes, o Montedônio, seu amigo paternal e admirador, era uma devoção.

A obra publicada de Edmo Lutterbach é extensa, com muitos textos homenageando amigos diletos ou personagens famosos internacionalmente. Ocupadíssimo literariamente falando, bastante solicitado pelas instituições em geral, não dispunha de tempo físico para fazer vir à luz estudos frequentes, mais extensos; e toda sua tribuna acadêmica era, em seguida, perpetuada em livros oferecidos aos amigos, admiradores, confrades. Alberto Torres, Togo Póvoa de Barros, Latour Aroeira, Carlos Mônaco frequentavam-lhe a residência, sempre de portas abertas à

Busto de Edmo na AFL
Foto: Deplá

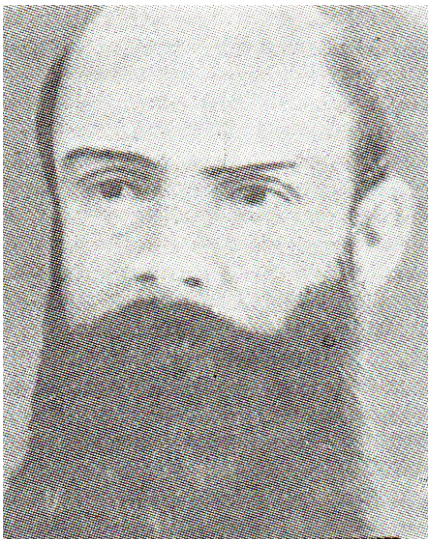
disposição dos amigos. Era o maior conhecedor da personalidade e da obra euclidiana. Participava de todos os encontros, seminários, congressos relacionados com o modelar cantagalense.

Vestia-se com apuro e elegância; celibatário, morava no apartamento amplo de quatro quartos. Bela biblioteca no escritório de trabalho, frente para o mar, bem decorado, piano, pinacoteca, principalmente retratos emoldurados, na parede, ofertados e aquisição própria. Costumava fazer as refeições fora de casa. Pouco expansivo, recebia para as festas de fim de ano, hóspedes parentes da terra natal e amigos seletos. Gentil no trato. Ouvia e observava, com interesse; sempre lendo, estudando, trabalhando.

Esta é a nossa homenagem a Edmo Rodrigues Lutterbach, com gratas evocações, não obstante, o pesar que sentimos, naquele dia vinte e sete de setembro de 2011, em que pranteamos sua partida definitiva, às quinze horas e trinta minutos, nesta sua amada Imperial Cidade de Niterói.

FRANCI MACHADO DARIGO
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 5
Classe de Letras

Nascida em Campos dos Goytacazes, em 1939, tem licenciatura plena em História, pós-graduação em História e em Filosofia, pela Universidade Santa Úrsula. Membro de várias academias literárias fluminenses, da capital e interior, é autora de: *Antônio Conselheiro Revisitado* (2002), *Manhã das Lembranças do Amor* (2002), *Historiografia em Ensaios* (2011) e *Encontros com a História* (no prelo).



FELISBERTO DE CARVALHO 1850-1898

Patrono da Cadeira nº 19
Classe de Letras

ENEIDA FORTUNA BARROS

O modelo pedagógico de Felisberto de Carvalho

O professor niteroiense Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho, meu patrono na cadeira nº 19 dessa Academia, foi um líder da educação brasileira. O modelo pedagógico com que conseguiu, por meio século, alavancar o progresso do ensino de primeiro grau no país, que vivia em diálogo com a tradição oral, permaneceu ainda não superado, em termos de conquistas educacionais públicas. Coube a ele, portanto, um lugar solitário, de honra, no quadro dos valores e méritos alcançados.

Nascido em 09/08/1850, filho de professores, formou-se pela Escola Normal de Niterói (1870), primeira escola de formação de professores do Brasil e do continente sul-americano, em que pôde tomar conhecimento dos princípios pedagógicos da chamada Escola Nova.

Educador nato, revelou logo sua grande capacidade de pedagogo, nas escolas e nas

funções e cargos educacionais que ocupou em Niterói e no Rio de Janeiro, no Segundo Império. A sua atuação, brilhante e gloriosa, no magistério, coroou-se com o sucesso de publicação dos seus cinco livros de leitura, que segundo os recursos audiovisuais da época, eram encadernados com figuras coloridas na capa e desenhos de seu filho Epaminondas de Carvalho, 1º presidente da AFL.

Uma vez adotados em todas as escolas públicas e particulares, tornaram-se atraentes e familiares aos estudantes, especialmente o 1º livro, de alfabetização, que em 1934 já estava em sua centésima décima nona edição (119ª ed.)

Tal feito deveu-se a sua participação no Conselho Provincial da Inspetoria Geral de Instrução Primária e Secundária, do Ministério da Educação do Império, onde teve o reconhecimento de sua erudição (falava línguas) e do valor de seus livros, que receberam autorização ao uso, sob o registro nº 1440, ME.

Escreveu outras obras de cunho didático. Foi premiado com diploma e medalha de mérito em Chicago, EUA. Ao falecer (08/10/1898), aos quarenta e oito anos, recebeu homenagens no Brasil inteiro.

Deixou o mérito de ter exercido influência determinante na construção da estrutura nacional de ensino, base para a formação da identidade do povo brasileiro.

ENEIDA FORTUNA BARROS
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 19
Classe de Letras

Vice-presidente da AFL 2014-2016 e 2016-2018. Livre-docente em Teoria Literária, UFF. Mestrado em Teoria Literária, UFRJ. Formada em Línguas Neolatinas, UERJ. Professora de Teoria Literária da UFF, até aposentar-se; e da FANELT/Associação Plínio Leite. Chefe do Departamento de Literatura (1975) e membro do Colegiado do Instituto de Letras da UFF. Autora da tese *A escrita em processo*; da dissertação *Literalidade/Literariedade: reflexão sobre a tentativa de ultrapassagem do texto metafísico*; do trabalho de pesquisa intitulado *Dimensões do texto*; do livro *Registros de memória: momentos da prática acadêmica*; e de artigos em jornais e revistas literárias.

FRANCISCO DE LEMOS (BISPO) 1735-1822

Patrono da Cadeira nº 21
Classe de Letras

ENEIDA FORTUNA BARROS

Brasileiro, natural de Nova Iguaçu / RJ (05/04/1735-16/04/1822), ao ser nomeado reitor da Universidade de Coimbra, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho promoveu uma das maiores reformas de Portugal, pretendida pelo Marquês de Pombal, ministro de D. José, e ficou na História como o grande reformador da instituição.

Por cinco anos (1772-1777) conseguiu levar adiante esse tão alto empreendimento, apesar dos movimentos reacionários de oposição ao novo modelo pedagógico proposto.

Ao assistir, em Lisboa, à coroação da rainha D. Maria I, tomou conhecimento da guerra surda em torno da sua obra, e apressou-se a escrever uma *Relação*, dando conta do que havia feito. Trabalhou, sem parar, por seis meses, para apresentar o quadro das conclusões a que chegou. Tal relatório perdeu-se, por algum tempo, mas a importância da reforma manteve-se em sua estabilidade.

Em seu texto, D. Francisco tratou de assuntos pertinentes aos nossos dias. Entre

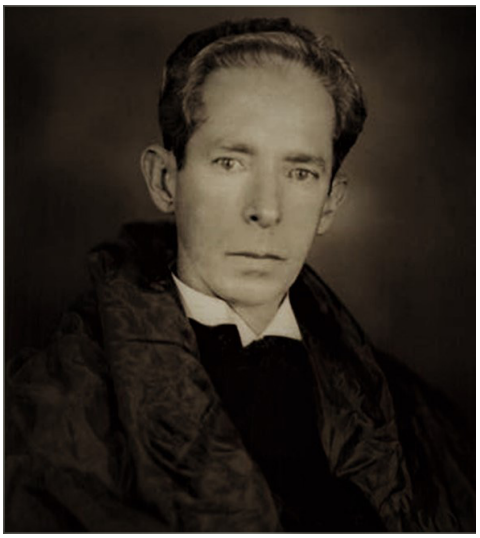
outros, referiu-se à necessidade de aumento do período escolar, considerado curto, por motivos vários; à má escolha de professores, que, ao se doutorarem com facilidade pelo afrouxamento do ensino introduzido nas escolas, adquiriam logo o direito de ingressar na Faculdade, sem qualquer gênero de prova. Condenou, inclusive, o célebre *Ato de Ostentação*, sistema de concurso para admissão de novos professores, por votação, em que a avaliação de conhecimento do candidato era feita apenas pela maior duração do tempo de ciência, e contava com a participação dos estudantes, que votavam nos partidos formados entre os concorrentes.

D. Francisco de Lemos foi reitor da Universidade de Coimbra por dois longos períodos (1770-1779 e 1779-1821); deputado brasileiro à Corte de Lisboa, pelo Rio de Janeiro; consagrou-se bispo titular (13/04/1774); e bispo de Coimbra (04/04/1822). Recebeu o título de conde de Arganil.

Faleceu 12 (doze) dias após ser consagrado bispo de Coimbra.

ENEIDA FORTUNA BARROS
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 19
Classe de Letras

Vice-presidente da AFL 2014-2016 e 2016-2018. Livre-docente em Teoria Literária, UFF. Mestrado em Teoria Literária, UFRJ. Formada em Línguas Neolatinas, UERJ. Professora de Teoria Literária da UFF, até aposentar-se; e da FANELT/Associação Plínio Leite. Chefe do Departamento de Literatura (1975) e membro do Colegiado do Instituto de Letras da UFF. Autora da tese *A escrita em processo*; da dissertação *Literalidade/Literariedade: reflexão sobre a tentativa de ultrapassagem do texto metafísico*; do trabalho de pesquisa intitulado *Dimensões do texto*; do livro *Registros de memória: momentos da prática acadêmica*; e de artigos em jornais e revistas literárias.



HOMERO PINHO
1898-1975

Fundador da Cadeira nº 8
Classe de Letras

EDUARDO ANTÔNIO KLAUSNER

Homero Brasiliense Soares de Pinho foi poeta, jornalista, político, jurista, professor e magistrado de renome.

Cofundador da Academia Fluminense de Letras, nomeia uma de suas bibliotecas. A Cadeira que inaugurou foi a de número 8, da Classe de Letras, cujo patrono é Azevedo Cruz.

Homero Pinho, como assinava e era conhecido, dá nome a uma rua na antiga capital do estado do Rio de Janeiro, município de Niterói, no bairro do Fonseca; a outra rua na capital, município do Rio de Janeiro, no bairro de Campo Grande; e também a uma rua na cidade de São Paulo, capital do estado de São Paulo, no bairro Jardim Tropical, distrito Butantã.

Nasceu em Paraty a 26 de junho de 1898 e faleceu no Rio de Janeiro a 25 de março de 1975. Filho do Desembargador Antônio Soares de Pinho Júnior – duas vezes Presidente do Tribunal da Relação do Estado do Rio de Janeiro (1929 e 1933) e Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro (1936) – e de Maria José Gouveia de Pinho. Seu avô materno, Manuel Carlos de Gouveia, foi deputado geral no Império pela província da Paraíba. Uma de suas irmãs, Ester de Pinho Mangabeira, era casada com Otávio Mangabeira, deputado pela Bahia. Foi casado com Alzira Levy Soares de Pinho – filha do arquiteto Heitor Levy, construtor da estátua do Cristo Redentor –, com quem teve duas filhas e oito netos.

Homero Pinho ingressou na Faculdade Livre de Direito da Capital Federal Rio de Janeiro em 1913 e colou grau em Ciências Jurídico-Sociais

a 24 de dezembro de 1918. Trabalhou, desde 1915, na Prefeitura de Niterói, como auxiliar da Diretoria de Fazenda. Teve por essa época intensa participação na vida cultural da cidade como poeta e jornalista, e participou ativamente da fundação da Academia Fluminense de Letras.

Emmanuel de Macedo Soares relata que, em 1922, Homero Pinho ingressou na política, eleito deputado estadual, mas o pleito foi anulado. A convite do interventor federal, Aurelino Leal, assumiu a Prefeitura de Niterói a 26 de setembro de 1923, permanecendo até a posse do prefeito eleito, Vilanova Machado, a 24 de junho de 1924. Em 1926 foi nomeado advogado do Estado do Rio de Janeiro e curador de órfãos e ausentes da Comarca de Niterói em 1927. Desse cargo, demitiu-se pouco depois para eleger-se simultaneamente deputado estadual e federal. Foi reeleito para ambos mandatos, mas os perdeu em consequência da revolução de 1930. Derrotado para a Constituinte de 1934, deixou definitivamente a política e transferiu-se para a Justiça do antigo Distrito Federal como juiz pretor, sendo aprovado em primeiro lugar no concurso de 1934. Em 5 de março de 1940 foi promovido a juiz de direito. Foi promovido a desembargador em abril de 1951 e aposentou-se em 1968.

Homero Pinho também participou da fundação da Ordem dos Advogados do Brasil em 1930 e, em 1949, iniciou as gestões junto ao governador do Estado do Rio de Janeiro, Edmundo de Macedo Soares e Silva, para a construção da Casa do Advogado na Avenida Amaral Peixoto, em Niterói.

O Desembargador Homero Pinho presidiu o Tribunal de Justiça do Distrito Federal de 1959 a 1960, e o Tribunal de Justiça do Estado da Guanabara até 2 de janeiro de 1961. Acumulou a presidência do Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal de 1959 a 1960, e nessa se manteve, como Presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Guanabara, até 1962. Foi, portanto, o último Presidente do Tribunal de Justiça do Distrito Federal no Rio de Janeiro, e participou da fundação do Estado da Guanabara em razão da transferência da Capital Federal para Brasília. Assim, foi também o primeiro Presidente do Tribunal de Justiça do Estado da Guanabara e primeiro Presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Guanabara.

Como Presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Guanabara organizou e presidiu as primeiras eleições do Estado da Guanabara, empossando o seu primeiro governador eleito, Carlos Lacerda, e os membros da Assembleia Legislativa e Constituinte. Ele também instalou, no Palácio Tiradentes, a primeira sessão legislativa, a qual presidiu para eleger e empossar a primeira Mesa Diretora do Poder Legislativo do novo estado.

No Tribunal Regional Eleitoral, Homero Pinho foi também responsável pela criação do primeiro museu eleitoral do Brasil. No Tribunal de Justiça da Guanabara inaugurou o museu judiciário, organizando em poucos meses importante acervo com processos históricos. Ainda no Tribunal de Justiça da Guanabara, após deixar a presidência, chefiou a comissão responsável pela construção do edifício-sede do Tribunal de Justiça, para a qual foi nomeado em 27 de julho de 1964.

Segundo consta dos registros existentes na Prefeitura de São Paulo, o Desembargador Homero Pinho declinou do convite de transferir-se para a nova Capital Federal e unir-se ao Supremo Tribunal Federal por motivo de saúde.

Concomitantemente ao exercício dos vários cargos que ocupou como político e magistrado e à sua atividade como escritor e poeta, Homero Pinho exerceu o magistério. Lecionou no curso secundário e a partir de 1929 na Faculdade de Direito de Niterói. Em 1946 tornou-se Catedrático de Direito Constitucional nessa instituição de ensino. Em 1950, assumiu a Cátedra de Direito Civil da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Palácio Conde dos Arcos, Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (hoje UFRJ)

Conta Salomão Cruz que Homero Pinho, com Serpa Lopes, Odilon de Andrade e outros juristas notáveis, organizou um anteprojeto de reforma e adaptação do Código de Processo Civil à Jurisprudência vigente à época.

A bibliografia deixada por Homero Pinho é vasta e monta, segundo Salomão Cruz, 24 volumes de trabalhos jurídicos, artigos e livros, entre eles *Assuntos Constitucionais, Sermão de Lágrymas* e *Poesias*.

Além de todo esse serviço prestado ao bem comum, doou a sua extensa e valiosa biblioteca à Academia Fluminense de Letras, ao Centro Acadêmico Evaristo da Veiga e à Biblioteca do Tribunal Regional Eleitoral da Guanabara.

Homero Pinho recebeu diversas condecorações em razão dos serviços prestados à sociedade, entre outras: Grande Oficial da Ordem do Mérito Aeronáutico e Alta Distinção da Ordem do Mérito Jurídico Militar; Medalhas Caetano de Faria, Santos Dumont, Clóvis Beviláqua; Medalha Estácio de Sá, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro; Mérito Forense e Medalhas de Honra ao Mérito da Imprensa, Rádio e Televisão.

Referências:

ABREU, Antônio Izaías da Costa. **Discurso de abertura do Seminário de Museus e Centros Culturais do Judiciário**, em 4 de setembro de 2012, no Instituto Histórico de Petrópolis, disponível in www.ihp.org.br.

ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS. Site oficial. Disponível em: www.academiafluminensedeletras.org.br.

CRUZ, Salomão. Homero Pinho. **Revista da Academia Fluminense de Letras**, volume XV. Niterói: AFL, 1976.

DISTRITO FEDERAL. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. **Antecedentes da criação do TJDFT**. Disponível em: https://www.tjdft.jus.br/institucional/gestao-do-conhecimento/centro-de-memoria-digital/historico/antecedentes. Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

LACERDA, Carlos. **Carlos Lacerda: depoimento**. Organizado por Cláudio Lacerda Paiva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

NETTO, Wanderlino Teixeira Leite. **Passeio das Letras na Taba de Araribóia:** a literatura em Niterói no século XX. Niterói: Niterói Livros, 2003.

NOGUEIRA, Lacerda. **Academia Fluminense de Letras**: subsídios autobiográficos pertinentes ao histórico da instituição. Revista da Academia Fluminense de Letras, volume X. Niterói: AFL, 1957.

PARANHOS, Paulo. **O Tribunal de Justiça do Estado da Guanabara** (1960-1975). Revista da ASBRAP, n. 7. 2000. <http://www.asbrap.org.br/documentos/revistas/rev7_art2.pdf>.

PINHO, Antônio Paulo Soares de. **Posse na Vice-Presidência do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeir**o. 1976. Edição privada.

RIO DE JANEIRO, Estado do. Tribunal de Justiça, Museu da Justiça, SEATA. Pesquisa orientada pelo Desembargador Elmo Guedes Aroeira. **Fichas Biográficas de Antônio Soares de Pinho Junior, Homero Brasiliense Soares de Pinho e Antônio Paulo Soares de Pinho**.

RIO DE JANEIRO, Estado do. Tribunal de Justiça, Museu da Justiça. **Museu Judiciário: um projeto pioneiro** – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Sítio do TJERJ in http://www.tjrj.jus.br/web/guest/institucional/museu/25-anos/as-visitas-ao-centro-historico-do-rio.

RIO DE JANEIRO, Estado do. Tribunal de Justiça. Museu da Justiça. **A Magistratura e o Cenário Urbano Carioca**: personalidades homenageadas na denominação de logradouros públicos. Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: http://ccmj.tjrj.jus.br/documents/10136/2288597/magistratura-cenario-urbano-carioca.pdf. Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

SÃO PAULO, Município de. Rua Desembargador Homero Pinho, Butantã. **Dicionário de Ruas**: história das ruas da cidade de São Paulo. <dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br>.

SOARES, Emmanuel de Macedo. **A Prefeitura e os Prefeitos de Niterói**. Niterói: Êxito, 1992.

SOARES, Emmanuel de Macedo. **As Ruas Contam Seus Nomes**. Disponível em: http://www.bibliotecas.uff.br/cemef/sites/default/files/AS%20RUAS%20CONTAM%20SEUS%20NOMES.pdf. Acesso em 02 de novembro de 2018.

EDUARDO ANTÔNIO KLAUSNER

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 8
Classe de Letras

Mestre e doutor em Direito Internacional e da Integração Econômica, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Juiz de Direito do Poder Judiciário/RJ e professor permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito da Universidade Católica de Petrópolis. Foi defensor público e advogado. Membro de diversas entidades educacionais e culturais. Autor de *Direitos do Consumidor no Mercosul e na União Europeia: acesso e efetividade e Direito Internacional do Consumidor: a proteção do consumidor no livre-comércio internacional*. Coautor de outras 12 obras. Autor de artigos e trabalhos jurídicos.

Povo sem tradição é árvore sem raízes, que qualquer vento derruba. Façamos luz no tempo, para que venham, pela claridade do estudo, as pálidas figuras dos primeiros dias, os precursores do gênio do povo. Eles estarão sempre presentes em nossa memória".
Coelho Neto

HONORIO DE SOUZA SILVESTRE 1886-1956

Acadêmico Fundador
da Cadeira nº 34
Classe de Letras

REGINA COELI VIEIRA DA SILVEIRA E SILVA

Quem não se lembra do primeiro contato com o Brasil, fazendo rios com tinta azul e montanhas com lápis marrom, traçando fronteiras com tinta vermelha. Afinal, se a avaliação dos 100 anos de história parecia nos condenar, a geografia poderia nos redimir. Plínio Salgado, 1922

No Município de Santo Antônio de Pádua, interior do Estado do Rio de Janeiro, em 1886, nascia Honório de Souza Silvestre. Em 1905, chegando à cidade do Rio de Janeiro, cursou o secundário e o bacharelado em Letras. Em 1909, matricula-se na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, tornando-se amigo de Sylvio Romero, professor de Filosofia do Direito e de Economia Política, passando, mais tarde, a frequentar sua casa, em Icaraí, Niterói. (SOARES, 2014, p. 246)

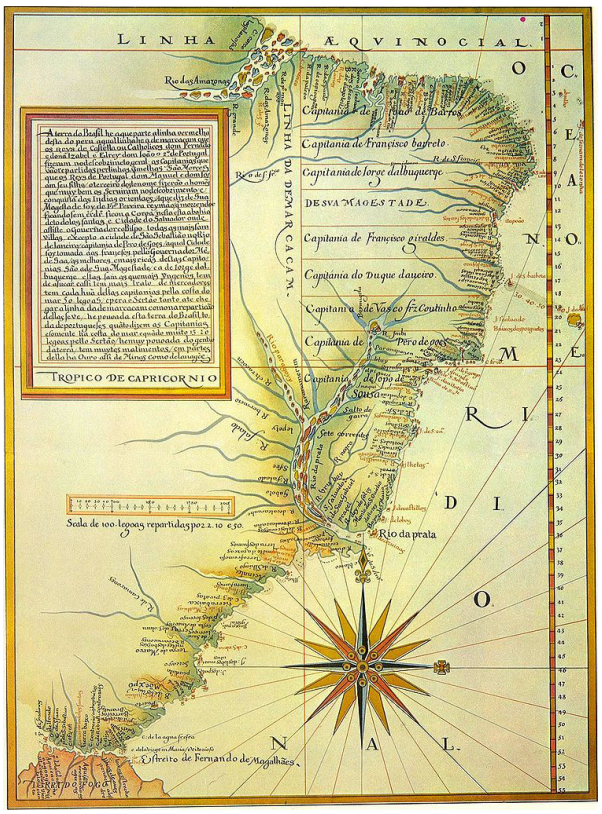
Embora dominasse também disciplinas, como História, Filosofia, Ciências Naturais e Matemática, Honório de Souza Silvestre passou a dedicar-se à Geografia, sua área de estudo favorita. Logo iniciaria sua carreira no magistério, lecionando Geografia no Colégio Anchieta, de Friburgo, em 1914 (SILVA, 2017, p. 6, MACHADO, 2005, p. 8389).

Em 1917, torna-se docente efetivo de Geografia da Escola Normal do Distrito Federal, passando também a exercer o magistério na Escola Superior de Comércio do Rio de Janeiro. Participava, com frequência, de bancas examinadoras de vários ginásios e colégios do interior, por nomeação do Conselho Superior do Ensino. (SOARES, 2014, p. 246)

Em 1918, após nomeação, mediante concurso, passou a compor o corpo docente do Colégio Pedro II, como professor catedrático, lecionando Geografia, Corografia do Brasil e Cosmografia, no Internato e no Externato do Colégio Pedro II. (SOARES, 2014, p. 115)

Foi autor de diversas publicações em sua área de atuação. Em 1922, publicou o livro Aspecto Físico, e em 1923, o livro Geografia do Brasil, e durante sua carreira como professor e pesquisador, escreveu muitos artigos científicos para revistas e reuniões científicas das quais participava como no Congresso Brasileiro de Ensino Secundário e Superior, e na Revista Brasileira de Geografia. (SOARES, 2014, p. 246)

A proximidade do Centenário da Independência e a preparação da Semana de Arte Moderna mobilizavam os intelectuais do país, e, especialmente, os intelectuais da capital, Rio de Janeiro. Examinar os cem anos do Estado brasileiro, em primeiro lugar, implicava romper com padrões estrangeiros e privilegiar ideias essencialmente nacionais. (CARDOSO, 2015, p. 174) O mundo tentava recuperar-se de sua Primeira Guerra Mundial, e o Brasil enfrentava também turbulência política devido à crise do pacto político das oligarquias, em meio à tentativa de estabelecer sua identidade, nessas primeiras décadas de regime republicano, contemplando a pluralidade dos povos que coabitavam país tão extenso. Servindo esses elementos para fazer refletir sobre a afinidade entre território e Nação, passaria a Geografia a desempenhar uma das principais ferramentas de reflexão sobre a nacionalidade. (MOTTA, 1994, p. 6)



Mapa de Luís Teixeira (c. 1574) com uma divisão da América portuguesa em capitanias . A linha de Tordesilhas está deslocada dez graus mais a oeste. Foto: Luís Teixeira / Domínio público

No que tange mais especificamente ao novo programa de ensino de geografia adotado pelo

Colégio Pedro II, Delgado de Carvalho aponta os Professores Fernando Raja Gabaglia e Honório Silvestre como os grandes responsáveis pela "inovação radical" presente nos conteúdos e metodologias. (ROCHA, 2009, p. 89)

Permeava os diferentes campos do saber, em diferentes instituições, uma tentativa de promoção de atividades acadêmicas e de publicação de obras que despertassem sentimentos cívicos, que tentassem descortinar o país aos brasileiros, a exemplo da Geografia do Centenário (1922) e do Curso Superior Livre de Geografia (1926-1927). (CARDOSO, 2015, pp. 174-175) Tanto para o projeto de redação e publicação da Geografia do Centenário, quanto para o planejamento do Curso Superior Livre de Geografia, foram recrutadas pelos membros da Sociedade de Geografia figuras expressivas de instituições como a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, o Colégio Pedro II, a Escola Normal e o Museu Nacional. Honório de Souza Silvestre, catedrático do Colégio Pedro II, elaborou duas contribuições. A primeira, a pedido da Sociedade, tratou da descrição física do território brasileiro, enquanto que a segunda foi dedicada ao estudo de sua orografia. (CARDOSO, 2010, p. 80)

Entretanto, lamentava-se a falta de estudos a nível superior em Geografia. A Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro criou então, o Curso Superior Livre de Geografia (1926-1927). Seu corpo docente reunia figuras expressivas, recrutadas entre os membros da Sociedade, notadamente Edgar Sussekind de Mendonça e Honório de Souza Silvestre, e também de instituições como a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, o Colégio Pedro II, a Escola Normal e o Museu Nacional. (CARDOSO, 2009, p. 250) O Curso Superior Livre de Geografia funcionou entre os anos de 1926 e 1927, destinando-se à atualização de professores primários, tendo como principal objetivo divulgar em seu projeto pedagógico a inserção de nova concepção de Geografia na Sociedade, voltada para a regionalização do país e para a valorização da reflexão sobre temas e problemas inerentes a cada região específica. (ROCHA, 2009, p.90)

Em França, há trinta annos era ainda a geographia do velho e sympathico Cortambert, por departamentos, que servia de eixo aos exames: Schrader e Vidal de Lablache pregaram o novo credo e venceram. Chegou a nossa vez e podemos felicitar os illustrados cathedraticos do Collegio Pedro II, Professores Raja Gabaglia e Honorio Silvestre, por terem tomado a si nova orientação dos estudos de geographia secundaria em nosso paiz. (CARVALHO, 1925)

Muito atuante, tanto em suas funções relacionadas ao magistério, quanto em associações e organizações dedicadas à geografia, Honorio Silvestre destacava-se em todas essas atividades, juntamente com Raja Gabaglia, Delgado de Carvalho, Capistrano de Abreu e outros. (MACHADO, 2005, p. 8389)

Em 1939, o Colégio Pedro II e o Instituto La-Fayette, estabeleceram acordos e criaram a Faculdade de Filosofia do Instituto La-Fayette. Participaram também professores do Instituto de Educação, do Colégio Militar, da Escola Técnica do Exército, da Escola Politécnica e da Faculdade Nacional de Filosofia. Honorio de Souza Silvestre participou da formação da Faculdade de Filosofia do Instituto La-Fayette, como membro da Congregação vinculado ao grupo de mestres do Colégio Pedro II. Foi responsável pela cadeira de Geografia Física, lecionando nesta Faculdade até 1956, ano de sua morte. (MACHADO, 2005, p. 8390)

Honorio de Souza Silvestre foi o Fundador da Cadeira 34 da Academia Fluminense de Letras, patronímica do Conselheiro João Manuel Pereira da Silva.

É uma honra ocupar hoje a Cadeira 34 da Academia Fluminense de Letras!

Referências:

CARDOSO, Luciene P. C. **O projeto pedagógico da sociedade de geografia do Rio de Janeiro**: o curso superior livre de geografia (1926-1927). Revista HISTEDBR On-line Artigo. Campinas, n.36, p. 246-256, dez. 2009 – ISSN: 1676-2584.

CARDOSO, Luciene P. C. **Memória, história, sociabilidades**: um espaço para a geografia brasileira no Rio de Janeiro. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, Rio de Janeiro, n.7, pp.169-184, jan/jun. 2015.

CARDOSO, Luciene P. C. **Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**: espaço de invenção do patriotismo nas primeiras décadas do Séc. XX. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 68-84, jan/jun 2010.

CARVALHO, D. de. **Methodologia do ensino geográfico**: introdução aos estudos de geografia moderna. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1925.

MACHADO, Mônica S. **Os satélites da matriz carioca da geografia brasileir**a, 1940-1970. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005. Universidade de São Paulo, 2005, pp. 8383-8400.

MOTTA, Marly da S. **1922**: em busca do Brasil moderno. Rio de Janeiro: CPDOC, 1994. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/themes/Mirage2/pages/pdfjs/web/viewer.html?file=http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/4133/1153.

pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 de junho de 2020.

ROCHA, Genylton O. R. **Por uma geografia moderna na sala de aula**: Rui Barbosa e Delgado de Carvalho e a renovação do ensino de Geografia no Brasil. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará. Mercator - Revista de Geografia da UFC – Universidade Federal do Ceará, ano 08, número 15, 2009, pp. 75 - 94. Disponível em: <www.mercator.ufc.br>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

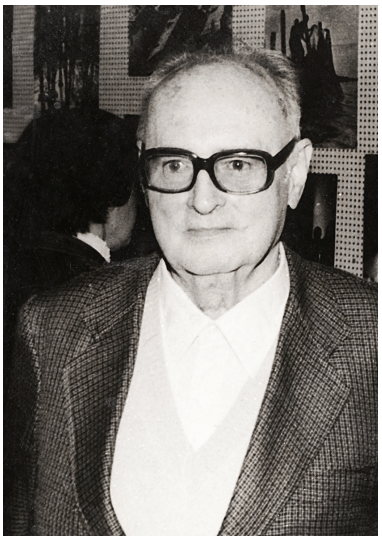
SILVA, Regina C. V. S. **Discurso de Posse de Regina Coeli Vieira da Silveira e Silva na Academia Fluminense de Letras**. Opúsculo. Niterói, 19 de outubro de 2017.

SOARES, Jefferson da C. **Dos professores "estranhos" aos catedráticos**: aspectos da construção da identidade profissional docente no Colégio Pedro II (1925 - 1945). Tese de Doutorado – PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2014, 281 pp.

TEIXEIRA, Luís. **Mapa de Luís Teixeira (c. 1574) com uma divisão da América portuguesa em capitanias** . A linha de Tordesilhas está deslocada dez graus mais a oeste. Biblioteca da Ajuda (Lisboa). Domínio público Domínio. Disponível em: < https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/81/Capitanias.jpg>. Acesso em: 14 jul 2020.

REGINA COELI VIEIRA DA SILVEIRA E SILVA
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 34
Classe de Letras

Mestre e Doutora Ph.D. em Comunicação pela "*Ohio University*", nos Estados Unidos, onde é Professora Visitante. Ex-Professora da UFF, Professora Titular do Curso de Comunicação e Editora-fundadora dos Cadernos de Estudos e Pesquisas da Universidade Salgado de Oliveira. Autora de diversos livros, capítulos e artigos no Brasil e no exterior. Membro da AFL, do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, e também das seguintes organizações: "*Latin American Studies Association*", "*Association for Education in Journalism and Mass Communication*", e "B*razilian Studies Association*".



JAYME MOREIRA DE LUNA
1914-1999

Patrono da Cadeira nº 7
Classe de Belas Artes

ANTÔNIO MACHADO

Nascido em Santa Rita do Sapucaí, Minas Gerais, em 10 de outubro de 1914 e falecido em Niterói, Rio de Janeiro, em 28 de novembro de 1999.

Filho de Leopoldo de Luna e Maria Vilela da Costa Luna, casado com Maria Elysia de Araújo Luna, com quem teve quatro filhos: Elysio, Marísia, Eliana e Maria Cristina. É bacharel em Direito pela Universidade Federal Fluminense e fotógrafo amador. É verbete da Enciclopédia Delta Larousse.

Idealizador e fundador da Sociedade Fluminense de Fotografia (12 de outubro de 1944), instituição onde foi presidente reeleito inúmeras vezes e da *SFF – Foto Revista* (1950). Foi agraciado em 21 de setembro de 1954, no Congresso de Barcelona, com o título máximo da FIAP – Fédération Internacionale de L'Art Photographique – Suíça (Honoraire Excellence FIAP) pelo número de premiações em salões internacionais e pela sua dedicação à Fotografia. Construiu, de terra nua, a sede da instituição com a primeira Galeria de Fotografia do Brasil, inaugurada em agosto de 1955.

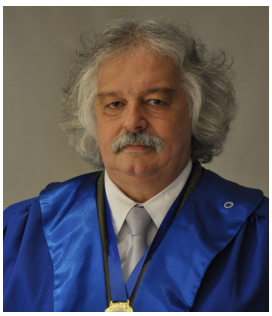
Dentre suas fotografias, destacamos *Sinfonia de Luz* (1949), que recebeu mais de 70 prêmios internacionais e *Quarta-feira de Cinzas* (1944), que ocasionou a fundação da SFF e que foi publicada, em fevereiro de 1950, na primeira página de um jornal americano com a manchete "Enquanto os grandes guerreiam na Europa, os pequenos festejam o Carnaval no Rio de Janeiro". Os grandes eram Churchill, Stalin e Roosevelt que discutiam o fim da Segunda Guerra Mundial.

Galeria Octávio do Prado. Primeira galeria brasileira idealizada e construída para fotografia na Sociedade Fluminense de Fotografia por Jayme Moreira de Luna. Foto: Acadêmico Antônio Machado

Durante 28 anos sucessivos Luna promoveu, como presidente da SFF, exposições internacionais em que concorriam, em média, 4 mil fotos. A de 1950 foi inaugurada pelo presidente da República Eurico Dutra e pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro, Edmundo Macedo Soares e Silva.

Segundo relato de nosso saudoso acadêmico da Academia Fluminense de Letras, fotógrafo e um dos fundadores da SFF, Luís Antonio Pimentel, certa vez, uma universitária norte-americana dirigindo-se a Jayme Moreira de Luna, queixou-se dizendo que pretendera fazer uma homenagem ao Brasil mas não encontrara fotos de nosso país na embaixada e em nossos consulados nos Estados Unidos. Sem perda de tempo, Jayme Moreira de Luna procurou o então chefe da Divisão Cultural do Itamarati, embaixador e escritor Nélson Tabajara de Oliveira, e colocou a Sociedade Fluminense de Fotografia, não só para atender à universitária americana, mas também para difundir o Brasil no exterior, o principal objetivo da agremiação, como reza seu estatuto. E, assim, ele próprio, a suas expensas, fotografou todo o litoral brasileiro, organizando quarenta coleções de cinquenta fotos cada uma, que foram enviadas às nossas representações diplomáticas nos principais países do mundo.

Reconhecido pela Câmara de Vereadores de Niterói com o título de Cidadão Niteroiense em 1980, Jayme Moreira de Luna foi homenageado pela Academia Fluminense de Letras como Patrono da Cadeira nº 7 da Classe de Belas Artes.



ANTÔNIO ALBERTO CARVALHO MACHADO
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 7
Classe de Belas Artes

Fotógrafo profissional, trabalhou no BNH, Kodak Brasileira, Marinha do Brasil, Casa da Moeda do Brasil, dentre outros. Diretor da Sociedade Fluminense de Fotografia desde 1983, presidente desde 1995. Prêmio Jardim Botânico voltando a respirar, 1º e 3º lugares (1990). Expositor do projeto *Niterói Arte Hoje*, no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (2002). Membro da Comissão de Seleção do projeto *UFF Retrato aos 50, do Jubileu de Ouro da Universidade Federal Fluminense* (2010). Coordenador e curador do livro *Fotoclubismo no Brasil: o legado da Sociedade Fluminense de Fotografia* (2012). Coordenador e curador da Exposição do Centenário de Jayme Moreira de Luna (2014). Coordenador e curador da exposição de Stefan Rosenbauer (2016).

JOSÉ CARLOS DO PATROCÍNIO 1854-1906

Patrono da Cadeira nº 24
Classe de Letras

MÁRCIA PESSANHA

José Carlos do Patrocínio nasceu em Campos, na época província do Rio de Janeiro, no dia 8 de outubro de 1854. Filho do padre vigário da paróquia, João Carlos Monteiro, orador sacro de grande fama na capela Imperial. Sua mãe, Justina do Espírito Santo, jovem escrava, era quitandeira e levava-o toda manhã de casa em casa, vendendo verduras, e à tarde ele a auxiliava na quitanda.

Na infância, José presenciou cena de maus tratos ao escravo negro, sendo cruelmente castigado na fazenda paterna, e seu pai nada fez para impedir o castigo. O menino então, revoltado, pulou do alto da escada e caiu, ferindo a cabeça. Diz-se que foi o1º protesto do futuro abolicionista.

Aos 14 anos, já na Corte, foi à Santa Casa de Misericórdia pedir emprego ao diretor Dr. Cristovão dos Santos. Conseguiu trabalho e iniciou estudos para o Curso de Farmácia. Começou a ensinar as primeiras letras, em troca de parcas recompensas. Já com o diploma de farmacêutico, na casa do capitão Emiliano Rosa Sena, foi professor dos dois filhos e de uma filha do capitão, com direito a casa, comida e um salário mensal. Na casa do capitão Sena funcionava o Clube Republicano e José do Patrocínio conheceu Quintino Bocaiúva, Lopes Trovão, Pardal Mallet e outros homens de projeção à época. Apaixonou-se por Bibi, filha do capitão, que a princípio, furioso, rejeitou o pretendente da filha, mas depois acabou aceitando.

José do Patrocínio intensificou sua atividade jornalística: publicou o quinzenário *Ferrões* em 1875, que dirigiu com Dermeval da Fonseca; escrevendo com o pseudônimo de Prudhomme, na coluna "Semana Parlamentar" da *Gazeta de Notícias*. Em 1874, inicia, em rodapés, a campanha da abolição. Em 1881, com a ajuda do sogro, comprou a *Gazeta da Tarde* e fundou a Confederação Abolicionista, adotando a divisa: A Escravidão é um Roubo. Em 1882 vai ao Ceará expandir a campanha abolicionista. Em 1884, em Paris, encontra-se com Victor Hugo e pede-lhe que escreva uma página de louvor aos cearenses, ao tomar conhecimento de que no Ceará os escravos tinham sido libertados. Em 1885 retorna a Campos para buscar sua mãe, já envelhecida e doente. Em 1887, dirigiu o jornal a *Cidade do Rio*. E foi na tribuna deste jornal que saudou o advento da Abolição, a 13 de maio de 1888. Foi preso e precisou depois se refugiar para livrar-se de perseguições políticas. Faleceu no dia 30 de janeiro de 1906.

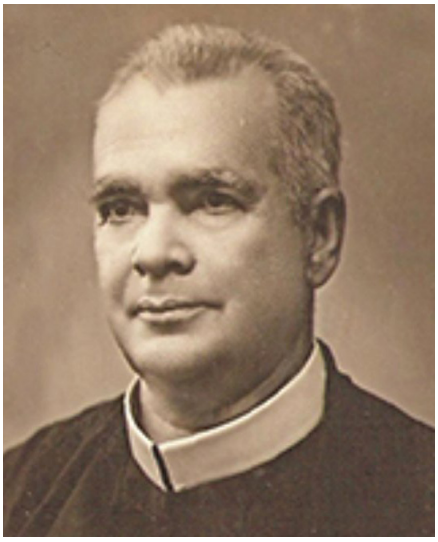
Resumindo: Patrocínio foi poeta, prosador, romancista de questões sociais: *Mota Coqueiro, Pedro Espanhol, Os Retirantes*. Foi jornalista que marcou época durante 30 anos de carreira, foi exímio orador e atuante abolicionista.

Referência:

BARROS, Albertina Fortuna. **Patronos da Academia Fluminense de Letras**. Gráfica Editora La Cava Santos: Niterói/RJ, 1975.

MÁRCIA MARIA DE JESUS PESSANHA
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 6
Classe de Letras

Formada em Letras Português/ Francês, mestrado e doutorado em Literatura pela UFF. Primeira mulher a presidir as Academias Guanabarina e Niteroiense de Letras e o Cenáculo Fluminense de História e Letras. Autora de: *Borboletrando* e *Fatias do viver*; *Casimiro de Abreu: o poeta das Primaveras; Interfaces da cotidianidade no romance Léonora; Quarto de despejo de Carolina de Jesus; A Literatura Brasileira e o papel do autor/personagens negros; Conceitos de Literatura e Cultura; O Memorialismo Epistolar* e vários outros.



JÚLIO MARIA (PADRE) 1850-1891

Patrono da Cadeira nº 25
Classe de Letras

MÁRCIA PESSANHA

Júlio Cesar de Morais Carneiro (Padre Júlio Maria) nasceu em 1850, em Angra dos Reis, onde cursou o primário. Em Niterói, fez o curso preparatório e aos 24 anos, em São Paulo, formou-se em Direito. Como estudante de humanidades, escrevia para jornais de sua terra e em São Paulo continuou a militar na imprensa.

Publicou *Questões políticas e Pensamentos e reflexões*, época em que já se percebia seu espírito religioso. Mas antes de dedicar-se ao sacerdócio, o então advogado, culto, preocupado com temas jurídico-mercantis, políticos e sociais e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói, casou-se e enviuvou por duas vezes. Foi pai de quatro filhos, sendo uma filha do 1º matrimônio e três filhos do 2º. Seu 1º enlace durou apenas um ano e o segundo cinco anos, sendo sua 2ª esposa Evangelina, prima de sua 1ª mulher. Assim, dois anos após a 2ª viuvez, ocorrida em 1889, ele abandonou sua produtiva banca de advocacia, que lhe garantiria uma velhice tranqüila e prerrogativas sociais e políticas e ingressou na vida sacerdotal.

Adotou, então, o nome de Júlio Maria e passou a pregar por todo o Brasil, tendo uma multidão de fiéis e seguidores ouvintes de toda espécie: ateus, positivistas, agnósticos e céticos. Sua palavra de ordem era: "É preciso catolizar o Brasil – não há outro jeito". E conseguiu, segundo ele, afastar o Brasil do abismo, da confusão criada pela política do fim do império, influenciada pela maçonaria e pelo positivismo.

Tornou-se uma das figuras mais importantes do clero nacional e buscou incutir na alma do povo o conhecimento de Deus, da graça e da eucaristia. Com toda sua eloqüência e dedicação ao sacerdócio, viveu apenas 14 anos e sete meses nesta brilhante carreira, pois faleceu aos 41 anos de idade, em1891.

Além das publicações já mencionadas, deixou também marcando sua produção as seguintes obras: *Ao Deus desprezado; A paixão; A graça; Conferências da assunção; As virtudes; A religião; Ordem religiosa e Instituições pias e beneficentes no Brasil.*

Referências:
BARROS, Albertina Fortuna. **Patronos da Academia Fluminense de Letras**. Niterói: Gráfica Editora La Cava Santos, 1975.
LEITE NETTO, Wanderlino Teixeira. **Dança das Cadeiras** – História da Academia Niteroiense de Letras (junho de 1943 a setembro de 2000). Niterói: Imprensa Oficial, 2001.
PADRE JULIO MARIA. Portal Católico A12. https://www.a12.com/redentoristas/noticias/redentoristas/centenario-de-morte-do-primeiro-padre-redentorista-do-brasil

MÁRCIA MARIA DE JESUS PESSANHA
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 6
Classe de Letras

Formada em Letras Português/Francês, mestrado e doutorado em Literatura pela UFF. Primeira mulher a presidir as Academias Guanabarina e Niteroiense de Letras e o Cenáculo Fluminense de História e Letras. Autora de: *Borboletrando* e *Fatias do viver*; *Casimiro de Abreu: o poeta das Primaveras; Interfaces da cotidianidade no romance Léonora; Quarto de despejo de Carolina de Jesus; A Literatura Brasileira e o papel do autor/personagens negros; Conceitos de Literatura e Cultura; O Memorialismo Epistolar* e vários outros.

A missão desta Academia tem sido, sobretudo, o reconhecimento de que o patrimônio cultural é de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade, riquezas naturais de nosso povo – como expressão de vida e tradições que a comunidade, grupos e indivíduos recebem de seus ancestrais e passam para seus descendentes.

LEOPOLDO FRÓES
1882-1932

Patrono da Cadeira nº 8
Classe de Belas-Artes

GRACINHA REGO

Leopoldo Fróes nasceu em Niterói (RJ), no dia 30 de setembro de 1882, filho de Luís Carlos Fróes da Cruz e de Idalina Rodrigues Guimarães Fróes da Cruz.

Desde pequeno sonhou ser ator, mas seus pais eram completamente contrários a isso e não permitiram que ele seguisse seus sonhos. Formou-se, então, em Direito (1901) e seu pai lhe conseguiu um cargo diplomático na Embaixada Brasileira, em Londres. Mas nunca era visto na Embaixada! Foi trabalhar em Paris. Começou sua carreira de ator, então, estreando no teatro em Portugal, em "O rei maldito", de Marcelino Mesquita, pela Paramount. Além de ator, foi compositor, letrista e cantor.

Em 1915, voltou ao Brasil e foi contratado pela Companhia de Dias Braga. Depois de um tempo, montou sua primeira empresa com a atriz Lucília Peres, de quem se separou após dois anos de convivência.

Fez grande sucesso no Rio de Janeiro e São Paulo, no período entre 1917 e 1927. No cinema, trabalhou em *Perdida* (1916) e *Minha noite de núpcias* (1931) – filme português produzido em Paris. Escreveu para o teatro duas peças em três atos: *Mimosa* e *Outro amor.* Deve-se a Leopoldo Fróes a primeira tentativa séria, depois de João Caetano, de dar à arte cênica e, sobretudo, à dicção brasileira, valor de curso estético.

Além de todo esse fascínio pelos palcos, por atuar, interpretar e improvisar, Leopoldo Fróes tinha grande paixão pelo social. Em 1918, conseguiu juntar alguns amigos do meio artístico e jornalistas, como: Eduardo Leite, Mário Magalhães, Irineu Marinho, entre outros, para abraçarem uma causa social. Fundaram então o Retiro dos Artistas, uma associação que pudesse acolher os artistas que não tinham mais amparo, que precisassem de ajuda.

Leopoldo Fróes, "clown"

A FESTA DA
CASA DOS
ARTISTAS

Tendo o sr. Sarrasani cedido a "matinée" de amanhã para a CASA DOS ARTISTAS, Leopoldo Fróes, iniciador da CASA, fará uma entrada de palhaço e varios dos nossos artistas procurarão a segunda parte do programma fazendo de "domadores", "athletas" "tonies", emfim, uma perfeita novidade para o Rio. Eis o que a propósito nos disse o presidente perpetuo da CASA DOS ARTISTAS!

Fonte: Cultura Niterói / Secretaria de Cultura de Niterói

Em 1919, Leopoldo junto com seu grupo de amigos conseguiu a doação de um terreno, de propriedade de Frederico Figner, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, onde foi montado então o Retiro dos Artistas, que teve como primeiros moradores o casal Madalena e Domingos Marchisio. O Retiro dos Artistas, criado por Leopoldo Fróes, existe até hoje. Com aproximadamente trinta e cinco casas, o lugar presta assistência a muitos artistas idosos que não têm lugar para morar.

Durante a gravação do filme *Minha Noite de Núpcias*, o ator apanhou resfriado que evoluiu para uma tuberculose, sendo internado no Sanatório Davos-Platz, na Suíça. Leopoldo Fróes faleceu no dia 1º de março de 1932.

Niterói, sua cidade natal, presta ao artista diversas homenagens. Leopoldo Fróes empresta seu nome a uma importante rua, que liga os bairros de São Francisco a Icaraí. Conhecida como Estrada Fróes, foi até a inauguração do Túnel Roberto Silveira, nos anos 1950, a única via de ligação entre os bairros. Também o Governo do Estado do Rio de Janeiro homenageou-o, dando o seu nome a uma de suas unidades: Colégio Estadual Leopoldo Fróes, situado na Estrada Engenheiro Pacheco de Carvalho, 185, Maceió, Niterói.

Fonte: Cultura Niterói / Secretaria de Cultura de Niterói

Em 1973, a Prefeitura da Cidade, por meio do Instituto Niteroiense de Desenvolvimento Cultural, na ocasião presidido pelo acadêmico Lyad de Almeida, arrendou o prédio onde funcionava o Teatro Alvorada, localizado no Centro da Cidade e pertencente à Mitra Arquidiocesana de Niterói, e o rebatizou em sua homenagem como Teatro Leopoldo Fróes.

Merecem citação os recitais apresentados no Teatro Leopoldo Fróes:

- em maio de 1975, apresentação do recital dos cantores líricos Dalka Azevedo e Bruno Monti e do pianista Frederico Egger, promovido pelo Instituto Niteroiense de Desenvolvimento Cultural, presidido pelo acadêmico Lyad de Almeida;
- em dezembro de 1980, um recital de poesias de vários autores, interpretadas por alunas e declamadoras diplomadas do Centro Cultural Maria Sabina, sob a coordenação de Neide Barros Rêgo, com a honrosa presença da nossa mestra Maria Sabina;
- em novembro de 1985, na gestão do prefeito Waldenir de Bragança, um recital em comemoração ao Sesquicentenário da Cidade de Niterói, como Capital, e ao Dia da Cultura. Promoção da Fundação Atividades Culturais de Niterói – FAC. Presentes: o presidente, Dr. Horácio Pacheco e o escritor Antônio Carlos Villaça. Participação do Coral da Fundação Souza Marques, sob a regência do maestro Silas Sias. Participação do Grupo Nuance, de Arte de Dizer: Aparecida Barreto, Gracinha Rego, Marly Prates, Neide Barros Rêgo e Patrícia Faria Santos. Participação do Grupo Momento, de Arte de Dizer: Dora Nascimento Cambeiro, Lise Saint-Clair Pimentel, Sônia Maria dos Santos, e Neide Barros Rêgo.

Referências:

Revista O Globo
Revista Ricardo Cravo Albim
Site Niterói Cultural
Acervo do Centro Cultural Maria Sabina

GRACINHA REGO (Maria das Graças de Azevedo Rego)
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 8
Classe de Belas Artes

Pedagoga, declamadora poetisa, , fez aulas de Canto Lírico. Diplomada em Arte de Dizer – Curso Olavo Bilac, dirigido por Maria Sabina, após estudar no Curso Maria Sabina, como aluna da declamadora Neide Barros Rêgo. Autora e intérprete premiada, fez parte de dezenas de recitais de poesia. Figura em várias antologias, inclusive em *Água Escondida*, organizada por Neide, com quem em 2003 organizou, também, a antologia poética *Girassóis para Neusa*. Faz parte do Grupo Nuance, de Arte de Dizer. Membro do Ateneu Angrense de Letras e Artes e da Associação Niteroiense de Escritores.

Que os livros e a leitura sejam incentivados como instrumento insubstituível para a cultura ética, a educação, o saber transformador de vidas, para melhoria da convivência e integração social, através de subsídios governamentais para a edição de livros, sobretudo os voltados para estimular esta ferramenta básica para o desenvolvimento cognitivo infantil e a futura caminhada nos estudos, facilitando o acesso aos livros (recomendação da Carta de Educação, Cultura e Ética de Niterói)

LORENZO FERNANDEZ
1897-1948

Patrono da Cadeira nº 9
Classe de Belas Artes

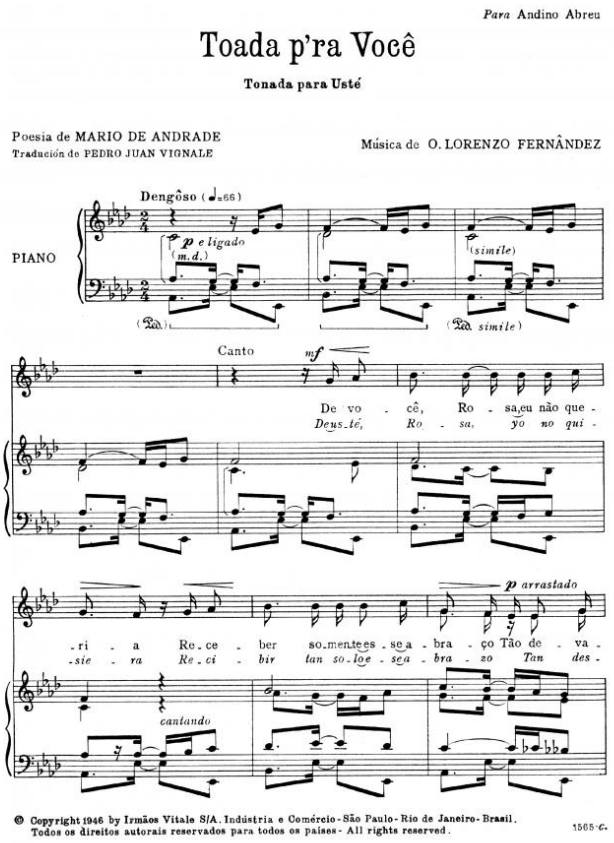
MAGDA TELLES LOUREIRO BELLOTI

Nascido em 4 de novembro de 1897, Oscar Lorenzo Fernândez era filho de pais espanhóis naturais da Galícia. Convive com a música desde criança, ouvindo a mãe entoar canções flamencas e árias de zarzuela nos frequentes saraus organizados em casa. Aos 15 anos, começa a tocar piano "de ouvido", recebendo de sua irmã Amália, aluna do compositor e pianista Henrique Oswald (1852-1931), algumas noções de teoria. Logo começa a tocar música popular em festas dançantes do Centro Galego, apenas por diversão, já que a profissão a que aspira é a medicina.

Sua entrada oficial no *Instituto Nacional de Música* se dá em 1917. Tem aulas de teoria e solfejo com J. Otaviano (1892-1962), contraponto, fuga e composição com Francisco Braga (1868-1945), piano com Henrique Oswald e harmonia com Frederico Nascimento (1852-1924). Quando este adoece, em 1923, Fernández o substitui na cadeira de harmonia, efetivando-se no cargo dois anos depois.

Em 1920 faz a sua primeira apresentação pública, interpretando *Arabesca* e *Miragem,* para piano solo. É nomeado subsecretário da Sociedade de Cultura Musical, da qual é um dos fundadores e idealizadores. O ano de 1922 foi de importantes conquistas profissionais e pessoais. Lorenzo Fernândez é agraciado com os três primeiros prêmios do disputado Concurso Nacional de Composição da Sociedade de Cultura Musical. Ainda neste ano, participa como assistente da Semana de Arte Moderna, travando conhecimento com duas das mais importantes figuras do modernismo nacionalista: Mário de Andrade e José Pereira da Graça Aranha. Além do papel fundamental que desempenharam para o estabelecimento de novos rumos na cultura e política do país, os dois intelectuais exerceram influência direta e crucial no pensamento e obra do compositor.

Em julho de 1930, Lorenzo Fernândez funda a revista *Ilustração Musical* — ...quiçá, a mais completa e versátil revista do gênero elaborada entre nós... (CORRÊA, 1992:22), que por motivos de crise econômica no pais, deixa de ser editada. Em 1931, viaja em turnê pelo Brasil. Grande admirador e colaborador de Heitor Villa-Lobos, em 1932 Lorenzo Fernândez passa a auxiliá-lo na fundação da Superintendência de Educação Musical Artística do Distrito Federal (SEMA). Em 1933 a *Revista Brasileira de Música* ganha a sua colaboração como redator. Ele também é convidado a integrar a Comissão Diretora da Escola Nacional de Música. Nessa época, estreita laços com escritores modernistas, o que resulta na composição de *Malazarte* (1933), ópera com libreto em italiano de Salvatore Ruberti sobre


Para Andino Abreu

Toada p'ra Você

Tonada para Usté

Poesia de MARIO DE ANDRADE
Traducción de PEDRO JUAN VIGNALE

Música de O. LORENZO FERNÂNDEZ

Dengôso (♩=66)

PIANO

p e ligado (m. d.)

(simile)

Canto

mf

De vo - cê, Ro - sa eu não que -
Deus-te, Ro - sa, yo no qui -

p arrastado

-ri - a Re - ce - ber so-mente es - se a - bra - ço Tão de - va -
-sie - ra Re - ci - bir tan so - lo e - sa - bra - zo Tan des -

cantando

© Copyright 1946 by Irmãos Vitale S/A. Indústria e Comércio - São Paulo - Rio de Janeiro - Brasil.
Todos os direitos autorais reservados para todos os países - All rights reserved. 1565-C.

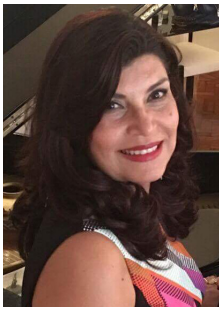
Partitura de Toda da pra Você (1928). Música de O. Lorenzo Fernandez e poesia de Mario de Andrade. Direitos: Irmãos Vitale S/A

texto homônimo de Graça Aranha (1868-1931), cuja estreia só ocorre em 1941.

Como maestro e professor, ajuda a divulgar a música brasileira no exterior (EUA e Europa). Entre 1938 e 1941, viaja para diversos países da América do Sul e Central, e realiza conferências e concertos de música brasileira em que rege obras suas e de compositores como Heitor Villa-Lobos (1887-1959), Alberto Nepomuceno (1864-1920) e Henrique Oswald. Participa da criação de importantes instituições, como o Conservatório Brasileiro de Música (CBM), que funda em 1936 e dirige até o fim da vida, e a Academia Brasileira de Música, fundada por Villa-Lobos em 1945, onde ocupa a cadeira n° 15. Ativo até o fim da vida, falece vítima de infarto, no dia 27/08/1948, em casa, logo após ter regido um concerto.

Referência:

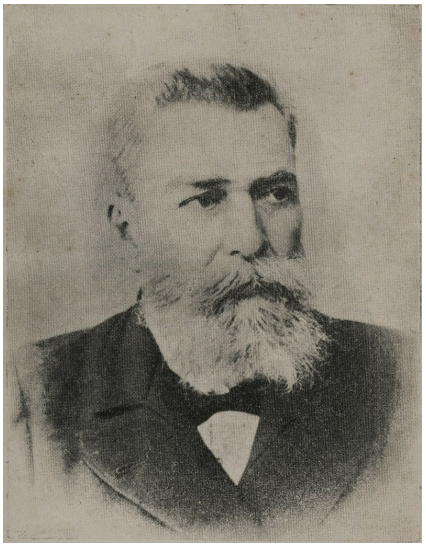
CORRÊA, Sérgio Nepomuceno Alvim. **Lorenzo Fernandez**: catálogo geral de obras. Rio de Janeiro: Rio Arte, 1992.



MAGDA TELLES LOUREIRO BELLOTI

Acadêmica Titular da
Cadeira nº 9
Classe de Belas Artes

Soprano, integrante do Corpo Coral do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, vem desenvolvendo intensa atividade lírica, tendo realizado concertos em Portugal, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Graduada em Canto – Centro Universitário Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, foi laureada com o 1º lugar no VI Concurso Nacional Villa-Lobos, Vitória/ES (1992); em 2000, como melhor intérprete de Lourenzo Fernandez; e conquistou o 3º prêmio no Concurso de Canto Francisco Mignone. Premiada pelo Congresso da Sociedade de Cultura Latino-Americana, Seção Brasil (2011); Melhores do Ano de 2010; Intelectual do Ano de 2012; Hors Concours (2013); e Emérita da Cultura Nacional (2016). É integrante do Corpo Coral do Theatro Minicipal do Rio de Janeiro.



MACEDO SOARES (CONSELHEIRO) 1838-1905

Patrono da Cadeira nº 28
Classe de Letras

ENEIDA FORTUNA BARROS

Nascido em Maricá/RJ (14/01/1838-14/08/1905), avô do governador Edmundo de Macedo Soares e Silva, Antônio Joaquim de Macedo Soares foi jurista, magistrado, lexicógrafo, político, escritor e um dos mais importantes e influentes intelectuais brasileiros da 2ª metade do século XIX.

Cursou Teologia (1855); recebeu o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (22/11/1861) na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, São Paulo. Ingressou no Supremo Tribunal Federal (1892) como um dos primeiros ministros da República, após ter sido advogado, promotor público e juiz em várias comarcas, do Rio de Janeiro, do Paraná (São José do Campo Largo) e de Minas Gerais (Mar de Espanha), até ser transferido para a 2ª Vara da Corte, e depois passar à Corte de Apelação (1890).

Em sua juventude, atuou como juiz municipal de órfãos em Saquarema e Araruama (1862), onde iniciou sua militância pela laicidade do Estado (sofreu represália por isso, e pela abolição da escravatura). Abolicionista convicto, foi o pioneiro dos nossos juristas a dar sentenças favoráveis aos escravos.

Ingressou na política como vereador em Araruama e passou a deputado provincial / RJ (1870-1878), após ter sido agraciado por D. Pedro II com o grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa (decreto de 30/11/1866). Sua atitude independente valeu-lhe o título Conselheiro, outorgado pela Princesa Isabel. Foi citado nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado

de Assis.

É de sua autoria o primeiro elucidário etimológico de palavras e frases genuinamente brasileiras – o *Diccionario Brazileiro da Língua Portugueza. Outras obras: Nobiliarquia Fluminense, 2 v.; Campanha jurídica pela libertação dos escravos: 1867 a 1888; Questões de direito e praxe criminal; Da liberdade religiosa no Brazil: estudo de direito constitucional; Tratado jurídico practico da medição e demarcação de terras; Tratado regular e practico de testamento e successões*. Publicou artigos em revistas especializadas.

Foi grão-mestre da Maçonaria, onde atingiu o grau máximo: 33. Falava francês, inglês, alemão e línguas africanas (que aprendeu no convívio com escravos). Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, à Sociedade Brasileira de Geografia e à Sociedade de Geografia de Lisboa. Ruas, colégios e lojas maçônicas receberam seu nome.

ENEIDA FORTUNA BARROS
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 19
Classe de Letras

Vice-presidente da AFL 2014-2016 e 2016-2018. Livre-docente em Teoria Literária, UFF. Mestrado em Teoria Literária, UFRJ. Formada em Línguas Neolatinas, UERJ. Professora de Teoria Literária da UFF, até aposentar-se; e da FANELT/Associação Plínio Leite. Chefe do Departamento de Literatura (1975) e membro do Colegiado do Instituto de Letras da UFF. Autora da tese *A escrita em processo*; da dissertação *Literalidade/Literariedade: reflexão sobre a tentativa de ultrapassagem do texto metafísico*; do trabalho de pesquisa intitulado *Dimensões do texto*; do livro *Registros de memória: momentos da prática acadêmica*; e de artigos em jornais e revistas literárias.

MÚCIO DA PAIXÃO
1870-1926

Fundador da Cadeira nº 29
Classe de Letras

WALDENIR DE BRAGANÇA

Sesquicentenário do Imortal Manoel Múcio da Paixão Soares – 15 de abril de 1870

Comemoramos, com elevado reconhecimento, os 150 anos de nascimento de Múcio da Paixão, em 15 de abril de 1870, em Campos dos Goytacazes, falecido na mesma cidade em 23 de dezembro de 1926.

Escritor, poeta, jornalista, teatrólogo, historiador e político, Múcio da Paixão foi um dos fundadores da Academia Fluminense de Letras, onde ocupava a Cadeira nº 29, patronímica de Manuel Carneiro.

Patrono da Cadeira nº 31 da Academia Campista de Letras e da Cadeira nº 37 da Academia Niteroiense de Letras, foi membro titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e correspondente das Academias de Letras de Minas Gerais e da Bahia, entre outras.

Reuniu na coletânea *Livros e Rosas* os seus primeiros versos. Escreveu dezenas de livros.

Colaborou assiduamente com a Imprensa e por ela foi seduzido, em *A República, Gazeta do Povo, Monitor Campista, O Tempo,* e *Revista Aurora*, em sua cidade natal, *A Época do Teatro* e *A Renascença*, no Rio de Janeiro, e outros jornais e revistas. Em 1925, fundou o Centro de Imprensa de Campos.

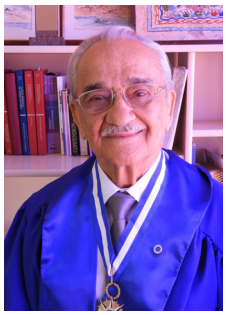
Foi deputado constituinte estadual em 1892. Optou pela missão do Magistério, no Liceu de Humanidades de Campos, onde regeu as cadeiras de História Universal e História do Brasil; lecionou, também, no Grupo Escolar Barão de Tautphoeus, na Escola Normal de Campos (atual

Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert), de 1919 até sua morte, com 56 anos, em 1926.

Foi ao Teatro que dedicou grande parte de sua vida, em livros e trabalhos para a Imprensa. Produziu, adaptou e traduziu perto de uma centena de comédias, operetas, revistas e dramas, representados em vários teatros, muitos dos quais em Campos – especialmente no Teatro São Salvador.

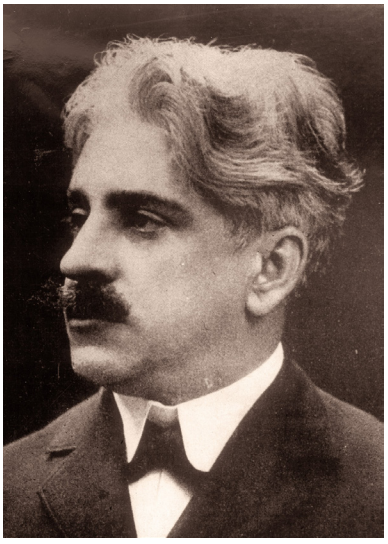
Publicou *O Movimento Literário de Campos* e, postumamente, *O Teatro no Brasil*. Ficaram inéditas diversas produções relevantes para a história da Arte Cênica, entre elas um trabalho sobre João Caetano dos Santos e um *Dicionário Biobibliográfico do Teatro Brasileiro*.

Há de ressaltar-se a importante contribuição intelectual dos filhos de Campos para a Academia Fluminense e Letras até os dias atuais, entre eles seu Patrono Manuel Carneiro e seus sucessores Teófilo Guimarães e Hamilton Nogueira – que tive a honra e o privilégio de suceder na centenária instituição.



WALDENIR DE BRAGANÇA
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 29
Classe de Letras

Médico, professor, advogado, jornalista. Foi secretário municipal de Saúde, deputado estadual e prefeito de Niterói. Preside a Academia Fluminense de Letras, a Academia Brasileira Rotária de Letras, a Universidade Aberta da Terceira Idade e a UBT-Niterói. Presidiu a Federação Brasileira de Academias de Medicina. Membro honorário da Academia Nacional de Medicina. Autor dos livros *Terceiridade e Marketing Social: relevância e resultados;* das publicações *Origem do ensino médico no Brasil em 1808 e panorama atual das escolas médicas, O direito do idoso e a realidade, O Brasil na Organização Mundial de Saúde e Direito Médico – Direito Médico-Social.* Coautor da obra *Aborto e o direito à vida* (Prêmio Genival Londres/ ANM).



OSWALDO CRUZ
1872-1917

Patrono da Cadeira nº 8
Classe de Ciências

ERTHAL ROCHA

Oswaldo Gonçalves Cruz nasceu em São Luiz do Paraitinga / SP, em 5 de agosto de 1872. Foi cientista, médico, professor, bacteriologista, epidemiologista e sanitarista, pioneiro no estudo das moléstias tropicais e da medicina experimental no Brasil.

Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, especializou-se no Instituto Pasteur, em Paris, retornando ao Brasil em 1899 e seguindo para Santos (SP), onde enfrentou o surto de peste bubônica. Em 1900 foi autorizada a criação do Instituto Soroterápico Federal para a fabricação do soro necessário ao combate da doença, em Manguinhos, no Rio de Janeiro. O governo solicitou ao Instituto Pasteur a indicação de especialista para trazer ao Brasil o conhecimento necessário, e foi informado que tal pessoa já estava aqui: Oswaldo Cruz. O cientista assumiu então a coordenação técnica do novo Instituto, passando a diretor-geral dois anos depois.

Nomeado diretor-geral da Saúde Pública do Brasil em 1903, Oswaldo Cruz iniciou intensas campanhas de combate às terríveis epidemias – os "três dragões devoradores de vidas" – peste bubônica, febre amarela e varíola. A situação era grave: navios internacionais não paravam mais nos portos brasileiros, temendo o contágio (em 1895, 234 tripulantes do cruzador italiano Lombardia, que aportara no Rio, haviam morrido em decorrência da febre amarela).

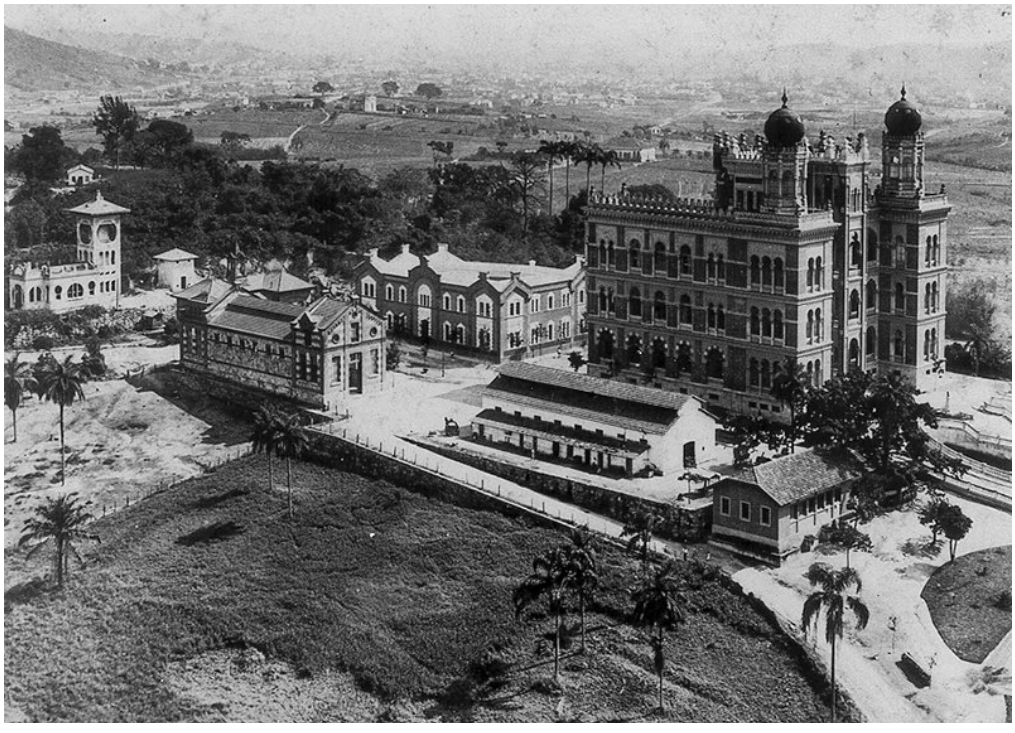
Oswaldo Cruz enfrentou sérios obstáculos

políticos, jurídicos e na imprensa. Contava com recursos técnicos limitados, verba muito abaixo do necessário. Seus batalhões de mata-mosquitos foram encarados por muitos como uma invasão, e o decreto de vacinação obrigatória provocou indignação. Incansável, foi à "guerra" para limpar o Rio de Janeiro, considerado à época uma das cidades mais sujas do mundo: promoveu vistorias em dezenas de milhares de edifícios, limpando calhas, telhados, ralos, sarjetas, caixas d´água, retirando grande volume de lixo dos quintais e terrenos e extinguindo milhares de focos de larvas.

Chegou a ser chamado de inimigo do povo na Câmara e no Senado, inclusive pelo senador Ruy Barbosa, que a princípio combateu a vacina obrigatória – da qual, posteriormente, tornou-se propagandista. Foi alvo de caricaturas e de chacotas. Até levantes populares aconteceram, estimulados por demagogos e fanáticos. Seu combate à varíola, cuja vacina passou a produzir no País, ocasionou a "Revolta da Vacina".

Foram anos de luta. Estabeleceu plano contra a tuberculose; procedeu à organização sanitária dos portos do Norte e do Sul; combateu a malária na Amazônia. Em 1906, a febre amarela deixa de ser endêmica, epidemias são superadas, os portos reabertos. Atestados de vacina tornaram-se obrigatórios. Em 1907, Oswaldo Cruz é premiado no Congresso Internacional de Higiene e Demografia, em Berlim, vencendo 123 países.

Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (Nahm)
Foto: Acervo COC



Hoje o nome do grande sanitarista está gravado em municípios, praças, escolas, avenidas, estações de trem, estradas. Carlos Chagas batizou o protozoário causador da Doença de Chagas de "Trypanosoma cruzi" em reconhecimento ao cientista. A Marinha do Brasil homenageou-o com o Navio de Assistência Hospitalar Oswaldo Cruz, que opera nos rios da Amazônia.

Fundador da Academia Brasileira de Ciências, membro das Academias Brasileira de Letras e Nacional de Medicina, Oswaldo Cruz é patrono da Sociedade Brasileira de Higiene e Saúde Pública e tem sua data de nascimento (05/08) celebrada como Dia Nacional da Saúde.

Mas seu mais precioso legado é sem dúvida o instituto soroterápico por ele fundado, hoje chamado de Fundação Instituto Oswaldo Cruz / Fiocruz – a maior instituição de pesquisa biomédica da América Latina e um dos mais importantes centros de pesquisa em Saúde Pública no mundo. Em sua longa trajetória, além do desenvolvimento de novas tecnologias para a fabricação das vacinas contra a febre amarela e a varíola, muitas outras contribuições ofereceu a Fiocruz para a saúde brasileira e mundial, isolando, identificando e descrevendo doenças, elaborando terapias e medicamentos, formando novos cientistas e divulgando o conhecimento científico – o que lhe rendeu a designação como Centro Colaborador para Saúde Global da OMS.

Possuindo hoje 21 unidades técnico-científicas, sendo 11 localizadas no Rio de Janeiro, 10 localizadas em outros estados brasileiros e uma em Maputo, capital de Moçambique, a Fiocruz acaba de completar seu 120º aniversário no momento em que o mundo enfrenta o maior desafio sanitário, econômico e humanitário do século 21, a pandemia da Covid-19. A instituição promove a capacitação de profissionais de saúde do Brasil e América Latina para diagnóstico laboratorial do novo coronavírus, e colabora com as iniciativas de desenvolvimento de uma vacina contra a doença.

Oswaldo Cruz faleceu em Petrópolis, aos 44 anos (1917), de insuficiência renal, sem ter experimentado

Palácio de Manguinhos - Sede da Fiocruz
Foto: Karla Tauil[*1]

em vida o reconhecimento popular por suas inestimáveis realizações. Hoje, a História consagra a impressionante obra daquele que é considerado o Patrono da Saúde Pública no Brasil.

Nas palavras do sanitarista brasileiro Marcolino Candau, ex-diretor-geral da Organização Mundial de Saúde: "*Os ideais e realizações daquela grande figura do sanitarismo brasileiro e mundial devem ser amplamente ressaltadas, pois ilustram uma das mais brilhantes páginas da História da Medicina e da Saúde Pública no Século XX. Seu pensamento e sua ação ainda hoje representam inestimável contribuição à filosofia, aos conceitos e às normas que devem orientar a ação de Saúde em prol das populações do mundo*".

Referências:

BRAGANÇA, Waldenir de. **A Atualidade das ações de Oswaldo Cruz** (folheto). Rio de Janeiro: SOBRAHSP, 2014.

FIOCRUZ. **Biblioteca Virtual Oswaldo Cruz**, 2020. Biografia. Disponível em: <http://oswaldocruz.fiocruz.br/index.php/biografia>. Acesso em: 18 jun. 2020.

TAUIL, Karla. **Palácio de Manguinhos, a sede da Fiocruz.** In: WIKIMEDIA COMMONS, a midiateca livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Funda%C3%A7%C3%A3o_Oswaldo_Cruz#/media/Ficheiro:Manguinhos_fiocruz1.jpg> sob CC BY-SA 4.0. Acesso em: 18 jun. 2020. *[1]

WIKIMEDIA. **Wikipédia**, a enciclopédia livre, 2020. Verbete Oswaldo Cruz. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Osvaldo_Cruz>. Acesso em: 18 jun. 2020.

CÉLIO ERTHAL ROCHA
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 27
Classe de Letras

Jornalista, escritor, advogado e defensor público aposentado. Formou-se na Faculdade de Direito da UFF. Foi apresentador do *Grande Jornal Fluminense*, transmitido pelas Rádios *Tamoio* e *Jornal do Brasil*; repórter do jornal *O Fluminense*, no qual chefiou o Departamento de Relações Públicas; assessor de Comunicação Social do Governo do Estado do Rio de Janeiro e assessor da Procuradoria Geral de Justiça. Exerceu o mandato de deputado estadual. Autor de artigos, crônicas e dos livros: *Jornalismo, política e outras paragens* e *Um olhar sobre o Ministério Público Fluminense.*

PAULO DA SILVA ARAÚJO
1883-1918

Patrono da Cadeira nº 31
Classe de Letras

CLÁUDIO TADEU DANIEL-RIBEIRO

O Patrono da Cadeira 31, que ocupo desde 17 de outubro de 2019, é Paulo da Silva Araújo, médico, farmacêutico, cientista e membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Silva Araújo nasceu em 1883, em Niterói, onde faleceu em 22 de outubro de 1918 aos 35 anos de idade.

Sendo médico e pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz há quase 37 anos, tive a chance de ouvir e ler com frequência sobre a vida de tantos luminares das Ciências médicas e biológicas, que nos legaram tão proeminentes obras, no início do Século passado. Confesso os meus espanto e inquietação diante das desmedidamente precoces partidas de figuras como Oswaldo Gonçalves Cruz, patrono de minha Casa (o Instituto de Manguinhos, hoje IOC, Fiocruz), morto (em 1917) aos 44 anos depois de criar o primeiro Instituto de Pesquisa Médica e Biomédica brasileiro, constituir as bases para a Medicina Experimental Brasileira, sanear a cidade do Rio de Janeiro e criar os fundamentos para o saneamento de cidades como Belém... Gaspar Vianna, falecido (em 1914) aos 29 anos depois de descobrir um tratamento eficaz para a leishmaniose e Evandro Chagas, que deixou o nosso convívio (em 1940) aos 35 anos de idade, após criar o Instituto de Patologia Experimental do Norte, hoje Instituto Evandro Chagas. Vidas densas e curtas...

Castro Menezes, dileto amigo de ginásio de Silva Araújo, sentenciou acerca da sua personalidade: "Coração de Poeta, alma de Sábio, caráter de Apóstolo". Aliás, todos os que com ele conviveram, como João do Rio, Pereira da Silva, Humberto de Campos, afirmaram-lhe as superiores qualidades de poeta simbolista e sábio...

Exemplo de seu talento poético é o poema *Sombra e Luz*, no qual Silva Araújo proclamava: *Surge a aurora sublime – angélica pintura... em breve, murcha a luz qual bela flor sem vaso... débil raio de sol passeia pelo ocaso, e cai, bruxuleante... e morre em fímbria escura... vai o vento brejeiro, ao calor que o tortura, a brincar de espremer mil cachos, ao acaso, de nuvens colossais do firmamento raso... vem a chuva que esparze o olor da terra pura... nosso Espírito, assim como o dia triunfante; é vida e resplendor em trânsitos nervosos, insaciáveis quanto o fogo crepitante... alma! Doma o querer! Vence o passo erradio! Falena - subirás em voos prodigiosos, Nume estelar transpondo o báratro sombrio!*

Silva Araújo participou, junto com Henrique de Beaurepaire Rohan Aragão, ex-diretor da minha também centenária Casa, o Instituto Oswaldo Cruz (criado em 25 de maio de 1900), Adolpho Lutz e Carlos Pinto Seidl (membro titular da Academia Nacional de Medicina e diretor do Instituto Estadual de Infectologia de 1892 a 1929), da "Comissão de Profilaxia da Lepra", organizada em meados de 1915, por proposição dos médicos baianos Belmiro Valverde e Juliano Moreira à Associação Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro. Os trabalhos prolongaram-se até 1919. A mobilização contra a lepra era, na verdade, a expressão de um movimento maior de reorientação da agenda sanitária do país para as chamadas endemias rurais, que daria origem ao Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) em 1920.

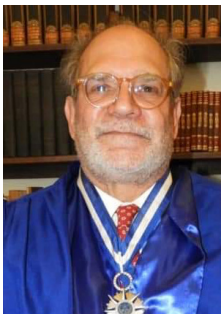
Como consta do Livro dos Patronos da Academia Fluminense de Letras, sua preocupação com a Ciência era constante e escreveu vários trabalhos médicos: *Da face nas emoções* (tese de doutorado na Associação de Medicina e Cirurgia (1906); *Sífilis e Tuberculose* (1911); *Vacinoterapia na asma brônquica* (1915); *O parto sem dor* e *Vacinoterapia intestinal* (em duas comunicações à Associação Médica); *Vacina Gonocócica* (Boletins Farmacêuticos de Silva Araújo e Cia.). Seu último trabalho científico foi o *Relatório da Comissão de Profilaxia da Lepra*, apresentado no 1º Congresso

Sul-Americano de Dermatologia e Sifilografia, no Rio de Janeiro, em outubro de 1918.

Referência:

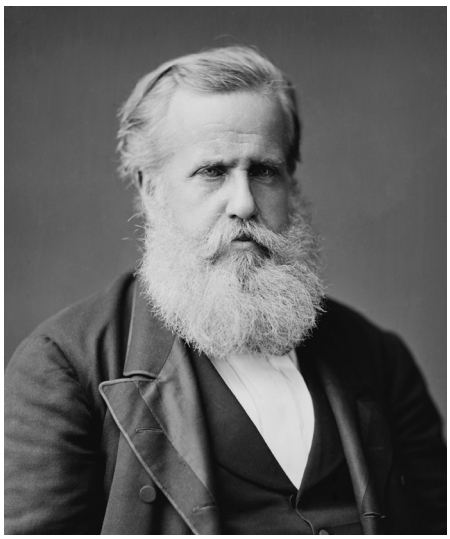
BARROS, Albertina Fortuna. **Patronos da Academia Fluminense de Letras**. Niterói: Gráfica Editora La Cava Santos, 1975, pp. 82-84.

"Acima de todos os elementos de organização, de administração, de regeneração, acima de todos se acha, evidentemente, como a mais política de todas as forças políticas, a inteligência, a cultura, a ciência."
Ruy Barbosa



CLÁUDIO TADEU DANIEL-RIBEIRO
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 31
Classe de Letras

Pesquisador titular e chefe do Laboratório de Pesquisa em Malária, Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz. Membro titular das Academias Nacional e Fluminense de Medicina, membro correspondente da Académie Nationale de Médecine, Chevalier dans l'Ordre des Palmes Académiques, Médaillé de la Société Française de Médecine Tropicale e Doutor Honoris Causa pela Universidade Nova de Lisboa. Presidente da Federação Internacional de Medicina Tropical 2012-2016 e membro do seu conselho de 2001 a 2020, além de membro assessor ad-hoc do CNPq, Finep, Faperj e outras agências governamentais de fomento à Pesquisa. Editor associado da Neurociências e membro do corpo editorial de diversos periódicos científicos. Autor de cerca de 230 publicações científicas e 378 comunicações em congressos. Conferencista em 237 congressos e eventos em 46 cidades e 14 países.



PEDRO II (1825-1891)

Patrono da Cadeira nº 33
Classe de Letras

WAINER DA SILVEIRA E SILVA

Imperador do Brasil – D. Pedro II – Parte 2/3

D. PEDRO II E A NAÇÃO

D. Pedro II estava preparado para ser um grande imperador. Acima de sua dedicação ao conhecimento, à ciência, à tecnologia, estava seu sonho de tornar o Brasil uma grande nação, e ver feliz o povo brasileiro a quem tanto amava. Nos primeiros períodos, D. Pedro II procurou conhecer como funcionavam as repartições públicas. Ele fazia inspeções pessoais. Falava pouco, mas com confiança e determinação no que dizia.

A Pacificação das Províncias

D. Pedro II dedicou-se a resolver as revoltas nas províncias. Com sua grande habilidade, Caxias logo conseguiu pacificar as províncias de Maranhão, São Paulo e Minas Gerais. A Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul, havia durado dez anos. Árdua batalha com vitória importantíssima, pois, se o Brasil perdesse aquela província, seria um chamariz para que outras províncias também tentassem fazer o mesmo. Quando estava quase vencendo a insurgência, Caxias propôs a paz, concedendo honras e ainda outras vantagens aos rebeldes. Resolvida a situação das províncias do Império Brasileiro, oito meses depois, D. Pedro II iniciou visitas às províncias, começando pelo sul. Acompanhado da Imperatriz DonaTeresa Cristina, foi muito bem recebido em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Esteve também em Pelotas, distribuindo condecorações. Em sua volta, visitou ainda Santos e São Paulo. Em todos esses lugares, a multidão clamava sempre por vê-lo, aplaudindo-o, sem cessar.

A Construção de Petrópolis

D. Pedro II decidiu, em 1843, criar Petrópolis, uma cidade no alto da serra, com um palácio onde ele e sua corte passariam o verão. Engenheiros e técnicos foram escalados para tal missão que levou dez anos.

As Guerras no Segundo Reinado do Império

Em 1862, impasses diplomáticos conflituosos, ocorridos entre os Impérios Brasileiro e Britânico, ficaram conhecidos como Questão Christie, e levaram ao rompimento das relações diplomáticas entre os dois países, por dois anos. Tais impasses, foram, em sua maioria, criados pela atuação beligerante de William Christie, embaixador britânico, durante sua permanência no Brasil. Essa situação levou D. Pedro II a preparar a Marinha Brasileira para a possibilidade de um conflito com o Reino Unido, ordenando a compra de artilharia costeira, modernos navios de guerra encouraçados a vapor, etc.

Durante um conflito interno no Uruguai, propriedades de brasileiros foram invadidas, sendo seus proprietários executados. O Brasil então, atacou o Uruguai e iniciou uma guerra que terminou em dois meses, com a vitória brasileira, em 20 de fevereiro de 1865. Entretanto, em dezembro de 1864, o Paraguai aproveitou para atacar a província de Mato Grosso, dando início à Guerra do Paraguai. D. Pedro II decidiu ir também para o campo de batalha. Essa atitude fez com que ele se destacasse na defesa de seu Império, passando a ser reconhecido como o VOLUNTÁRIO NÚMERO UM do Brasil. Juntaram-se a ele, também os líderes da Argentina e do Uruguai, formando a Tríplice Aliança, contra o Paraguai. Dom Pedro II demonstrou sempre muita determinação e coragem. Em 11 de setembro de 1865, por exemplo, em Uruguaiana, importante cidade brasileira, o Exército Brasileiro cercou o Exército Paraguaio, e, embora arriscando ser alvejado por um tiro, D. Pedro II demonstrou sua bravura ao cavalgar, atravessando uma área bem próxima ao local onde se encontrava o exército paraguaio. Todavia, foi conhecido e respeitado pelos paraguaios que não atiraram contra ele. Para evitar mais derramamento de sangue, Dom Pedro II ofereceu os termos de rendição ao comandante paraguaio que os aceitou. A guerra estava praticamente finda, faltando apenas a rendição de Solano Lopez.

Ainda em Uruguaiana, D. Pedro II foi visitado por Edward Thornton, novo embaixador britânico, que lá esteve, em missão oficial do governo britânico, e em nome da Rainha Vitória, para desculpar-se oficialmente pela crise ocorrida entre os dois impérios. Aceitando as desculpas como vitória diplomática sobre a mais poderosa nação do mundo, D. Pedro II reatou as relações amistosas entre as duas nações. Retornou então, ao Rio de Janeiro, sendo ovacionado e aclamado por seus súditos. Entretanto, a guerra continuaria ainda por cinco anos, pois Solano Lopez não aceitou a rendição, e colocou jovens, crianças e mulheres, para lutarem em sua defesa, até sua própria morte, em 1º de março de 1870, chegando-se assim ao final da guerra.

Durante os cinco anos que a guerra vencida continuou, D. Pedro II dedicou-se a aumentar o poderio bélico do Brasil. Preparou mais tropas para a força da linha de frente para qualquer batalha; construiu novos navios de guerra encouraçados a vapor; reforçou e modernizou instalações e artilharia das fortalezas localizadas na entrada da Baía de Guanabara.

DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

Após a primeira metade de seu reinado, vencidas as guerras, D. Pedro II empreendeu viagens ao exterior, sempre em companhia da esposa. D. Pedro II apreciava museus, bibliotecas e academias dedicadas às letras e artes. Sempre informado sobre acontecimentos domésticos e internacionais, amava o novo, a ciência, a tecnologia, a inovação! Após 1850, foi ele o grande impulsionador do desenvolvimento brasileiro.

Foi responsável por empreendimentos como: construção da Fábrica de Gás, 1851; construção do novo edifício da Santa Casa de Misericórdia, 1852; replantio da Floresta da Tijuca na cidade do Rio de Janeiro, 1857; construção do Canal do Mangue, 1857; inúmeras Escolas Públicas; instalação dos primeiros Cabos Submarinos para comunicação telegráfica com regiões do Brasil, e também com a Europa, em 1874.

Em 1855, foi aprovado o estatuto de uma empresa chamada Companhia Estrada de Ferro D. Pedro II. O local de partida da ferrovia, sua estação principal, no Campo de Santana, hoje Praça da República, no Rio de Janeiro. Em 1858, foi inaugurado o primeiro trecho, ligando o Rio de Janeiro à cidade de Queimados, com 48 km de extensão. Após o discurso do Imperador, elogiando o empreendimento, uma mensagem telegráfica anunciou, cerca de uma hora mais

tarde, a chegada a Queimados, com efusivas comemorações. O Imperador e a comitiva da corte deixaram o local algumas horas depois, também sob intensos aplausos e celebrações.

Visitando os Estados Unidos, em 1876, acompanhavam-no sua esposa e Rafael, seu leal guarda-costas desde sua infância. Foi recebido pelo presidente norte-americano Ulysses Grant. Esteve ainda no interior do país, adquirindo ótima impressão dos norte-americanos, devido a sua simplicidade e gentileza. Visitando a Primeira Exposição Mundial dos Estados Unidos, na Philadelphia, ficou maravilhado com os avanços tecnológicos lá expostos. Conheceu Thomas Edison, inventor da lâmpada elétrica incandescente, e Graham Bell que era ignorado pelos observadores. Admirado, conseguiu atenção para a invenção de Bell, externando seu desejo de que o Brasil fosse um dos primeiros países do mundo a usar telefones. No ano seguinte, 1877, inaugurou-se a primeira linha telefônica do Brasil, ligando o Rio de Janeiro à cidade de Petrópolis!

Conforme Heitor Lyra, o Brasil crescia aos olhos do mundo:

A reputação internacional do Brasil melhorou consideravelmente graças a sua estabilidade política e potencial de investimento. O império era visto como uma nação moderna e progressiva sem equivalente nas Américas, com a única exceção dos Estados Unidos. (LYRA, 1977, p.9)

O Brasil despontava, com a realização de grandes eventos que estimulavam o desenvolvimento e o progresso cientifico! Foram realizadas quatro grandes Exposições e Feiras Industriais (1861, 1866, 1873, 1875). D. Pedro II e a família imperial prestigiavam sempre com sua presença no dia da Inauguração. Na feira, eram expostos produtos industriais e naturais das províncias brasileiras. Cuidadosamente escolhido, o local que abrigava as exposições era ornamentado interna e externamente, deixando encantadas as multidões que tais eventos atraíam. Na terceira Feira, em 1873, foram registrados 42 mil visitantes, e alguns dos produtos oriundos da Província do Ceará foram enviados para a Feira e Exposição Internacional de Viena.

Lilia Schwarcz, em seu livro *As Barbas do Imperador*, dedica quinze páginas ao tema: *O Brasil na era das exposições*. O Brasil participou, em 1889, da maior feira mundial – A Exposição Universal de Paris.

A Torre Eiffel era a grande vedete da feira. O Pavilhão do Brasil tinha três andares e ocupava 1200 m². Foi a última grande feira da qual participou Dom Pedro II. (SCHWARCZ, 2017,p. 401).

Referências:

DOM PEDRO II E AS GUERRAS. **Rio de Janeiro Aqui.** Disponível em: http://riodejaneiroaqui.com/blog/guerras-e-politica-externa-no-reinado-pedro-ii/. Acesso em: 18 de abril de 2020.

EXPOSIÇÕES NACIONAIS. **Rio de Janeiro Aqui**. Disponível em: http://www.riodejaneiroaqui.com/pt/exposicoes-nacionais.html. Acesso em: 20 de abril de 2020.

FORTALEZA DE SANTA CRUZ. **Wikipedia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fortaleza_de_Santa_Cruz_da_Barra. Acesso em: 30 de abril de 2020.

FORTE DE SÃO JOÃO. **Exército Brasileiro**. Disponível em: http://www.eb.mil.br/forte-de-sao-joao. Acesso em: 24 de abril de 2020.

FORTALEZA DE SÃO JOÃO. **Rio de Janeiro Aqui**. Disponível em: http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/fortaleza-sao-joao.html. Acesso em: 2 de maio de 2020.

LYRA, Heitor. **História de Dom Pedro II** (1825–1891). Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

PEDRO II DO BRASIL. **Wikipedia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_II_do_Brasil. Acesso em: 20 de abril de 2020.

SCHWARCZ, Lilia M. **As Barbas do Imperador**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2017.

THOMAS EDISON. **Wikipedia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Edison. Acesso em: 3 de maio de 2020.

VASQUEZ, Pedro Karp. **Nos trilhos do progresso**: a ferrovia no Brasil imperial vista pela fotografia. São Paulo: Metalivros, 2007, p. 38.

* Esse texto sobre D. Pedro II continuará na próxima edição da Revista da Academia Fluminense de Letras

WAINER DA SILVEIRA E SILVA
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 33
Classe de Letras

Professor Titular da Universidade Federal Fluminense e Professor Visitante da "*Ohio University*". Com o título de Ph.D., pela "*Vanderbilt University*" nos Estados Unidos, é membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, *da "Latin American Studies Association"*, e da "*American MENSA*".

"*Deus que me conceda esses últimos desejos — Paz e Prosperidade para o Brasil*"
D. Pedro II

SALVADOR DE MENDONÇA
1841-1913

Patrono da Cadeira nº 39
Classe de Letras

FLÁVIO CHAME BARRETO

Em 21 de julho deste pandêmico ano de 2020, Salvador de Menezes Drummond Furtado de Mendonça faria 179 anos, caso sua rica trajetória de 72 anos de vida não fosse interrompida na tarde de 5 de dezembro de 1913.

Nascido na então Vila de Itaboraí, província Fluminense, ele era filho do comendador Salvador Furtado de Mendonça, dos Açores, atual território autônomo da República Portuguesa, e de Amália de Meneses Drummond, descendente dos Drummond, uma nobre família da Escócia.

Sua mãe iniciou sua educação em línguas, música e desenho em paralelo às aulas que recebia em uma escola pública de Itaboraí até completar 12 anos. Neste momento, seguiu para o Rio de Janeiro para continuar seus estudos no Colégio Marinho e posteriormente no Colégio Curiácio, na época dirigido pelo Barão de Tautphoeus. Após concluir seus estudos com louvor em 1858, o nobre diretor o premiou, levando-o à presença do imperador Pedro II. Neste mesmo ano também conheceu Machado de Assis, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Araújo Porto-Alegre e Joaquim Manuel de Macedo, aos quais admirava e tinha muito apreço.

No ano seguinte foi para a cidade de São Paulo para matricular-se na Faculdade de Direito e passou a colaborar na *Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano*, inicialmente publicando a poesia *Singairu, lenda das margens do Piraí, 1567*. Em meados de 1860, fundou, com Teófilo Ottoni Filho, o jornal *A Legenda*, especializado na crítica social e política; contudo, ao final daquele ano seus pais faleceram e ele teve que retornar ao Rio de Janeiro, para assumir o posto de chefe de sua família e passou a trabalhar na redação do *Diário do Rio de Janeiro*, de propriedade de Saldanha Marinho.

Em 1861, casou-se com Amélia Clemência Lúcia de Lemos, tornou-se professor de latim no Imperial Colégio Pedro II e também ampliou suas atividades em outros jornais fazendo crítica teatral, como no *Jornal do Comércio*, no *Correio Mercantil* e na *Semana Lírica*. Em 1865, foi encarregado pelo Marquês de Olinda de reger a cadeira de História do Brasil no Imperial Colégio Pedro II, em substituição a Joaquim Manuel de Macedo.

Somente em 1867 regressou a São Paulo para concluir o curso de Direito, formando-se em 1869. Após a formatura, voltou ao Rio para trabalhar como advogado e no ano seguinte fundou o Clube Republicano, com Saldanha Marinho e Quintino Bocaiúva, redigindo o capítulo *A verdade democrática* do *Manifesto de 70*. Na sequencia criou o jornal *A República*, no qual colaboravam Quintino Bocaiúva, Aristides Lobo, Lafayette Rodrigues Pereira, Pedro Soares de Meireles e Flávio Farnese. Nos anos seguintes dedicou-se também a traduzir obras de autores franceses para a Casa Garnier.

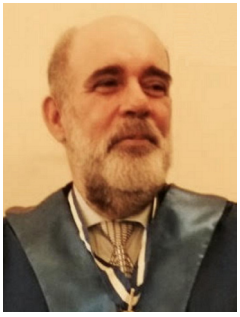
Em 1875, sua esposa Amélia faleceu e neste mesmo ano publicou seu primeiro e único romance, *Marabá*. Em 3 de maio de 1876, foi promovido a cônsul-geral do Brasil nos Estados Unidos e no ano seguinte casou-se com a estadunidense Maria Redman.

Em 1889 foi proclamada a República no Brasil e graças a sua influência os Estados Unidos rapidamente reconheceram o novo regime político implantado.

Conjunto arquitetônico formado pela Igreja da Ordem Terceira, pelo Convento de São Francisco de Assis e pelo antigo edifício da Faculdade de Direito.

Em 1897 fez parte do quadro de fundadores da Academia Brasileira de Letras criando a cadeira n.º 20, cujo patrono é Joaquim Manuel de Macedo. A partir de 1903 encarregou-se de trabalhos de tradução e, nos últimos anos de sua vida, já cego, escrevia artigos para os jornais *O Imparcial* e *O Século*, comentando a diplomacia brasileira e recapitulando sua carreira em Washington.

Passou seus últimos anos morando em uma casa na Gávea, falecendo no Rio de Janeiro em 5 de dezembro de 1913. Na Academia Brasileira de Letras, Salvador de Mendonça ocupou a cadeira 20, e em nossa Academia Fluminense de Letras patrocina a cadeira n° 39, ocupada atualmente por Flávio Chame Barreto.



FLAVIO CHAME BARRETO
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 39
Classe de Letras

Mestre em Computação; especialista no Ensino de Ciências e Biologia – Instituto de Bioquímica Médica (educação a distância); bacharel em Genética e licenciado em Ciências Biológicas – UFRJ; especializado em Docência do Ensino Superior – FEUDUC. Professor de Ciências e Biologia no Colégio de Aplicação da UFRJ. Coordenador pedagógico na Secretaria de Educação do Estado – SEEDUC/RJ. Docente colaborador externo da pós-graduação – UNISUAM/RJ. Autor de vinte livros, entre eles *A Biologia descomplicada de A a Z: a plena compreensão desde a origem de cada termo*. Revisor periódico da revista *Ciência em tela.*

SILVA JARDIM 1860-1891

Patrono da Cadeira nº 40
Classe de Letras

MÁRCIA PESSANHA

Antônio da Silva Jardim foi advogado, jornalista, tribuno, professor, conferencista e escritor. Nasceu em Capivari, município de Silva Jardim, em 18 de agosto de 1860, filho de Gabriel da Silva e Dona Felismina Leopoldina de Mendonça Jardim. Alfabetizado pelo pai com 5 anos de idade, aos 7 anos foi capaz de substituí-lo durante 8 dias, lecionando para adultos.

Vindo para Niterói em 1873, ingressou no Colégio Silva Pontes e depois estudou no Mosteiro de São Bento. Transferindo-se para a cidade do Rio de Janeiro, morou em república de estudantes, com Raimundo Correia, Francisco Pessanha, Pedreira Franco e Libório Seabra. Com Valentim Magalhães e Clovis Bevilaqua, colaborou no jornal *A Nova Aurora*, de Quissamã. Em 1877 foi para São Paulo prestar exames para o curso de Geometria. Aprovado, entrou no curso em 1879. Na época, trabalhou como explicador de Português.

Residia numa República da Rua Santo Amaro quando escreveu *Ideias de moço*, em parceria com Valentim Magalhães. Indicado para redator da Tribuna Liberal e incumbido de reformar a Escola Normal, provocou a inveja de Teófilo Dias, sofrendo difamação e até agressão física. Em 1881, ingressou no Centro Positivista e firmou seus ideais republicanos com Inglês de Souza e Martim Francisco.

Formou-se em 1882 e casou-se em 1883 com Ana Margarida. Associou-se ao cunhado e abandonou a Escola Normal e o Colégio João Kopke, e foi residir em Santos (SP). Em 1888, desfez a sociedade e dedicou-se aos embates republicanos. Visitou, em menos de 30 dias, 27 cidades paulistas e fluminenses. Nem sempre bem aceito nos locais, foi hostilizado em Paraíba do Sul e Vassouras (RJ); em Minas Gerais irritou monarquistas, sofrendo atentados em Angustura e São José do Além Paraíba. Enfrentou a ira dos padres, em São João del-Rei, e populares incendiaram a casa em que se hospedou.

Em setembro de 1888 retornou ao Rio e passou a escrever em *O País, Gazeta de Notícias, Grito do Povo, Gazeta da tarde* e *Cidade do Rio.*

Em junho de 1889, sua veemente fala republicana chega ao nordeste do Brasil. Publicam-se os folhetos: *A pátria em perigo; Tradições republicanas; Tiradentes; A República do Brasil; Bragança e Orleans; A salvação da pátria; Pela República contra a Monarquia; Objeções à República; O Exército e a Nação; A chegada do imperador e a partida do Império.*

Em outubro de 1889 exilou-se na Europa. Recebeu em Paris uma representação do povo brasileiro, com mais de três mil eleitores, solicitando seu regresso à pátria. Antes de retornar ao Brasil, no dia 1º de julho de 1891, com Joaquim Carneiro de Mendonça, foi visitar, em Nápoles (Itália), a cratera do vulcão Vesúvio e foi tragado por uma fenda disfarçada pelas cinzas.

Outras obras publicadas: *O general Osório; A gente do mosteiro; Crítica de escada abaixo; Memórias de viagem; Campanha de um propagandista* e *A República e o Brasil.*

Referências:

BARROS, Albertina Fortuna. **Patronos da Academia Fluminense de Letras. Niterói**: Gráfica Editora La Cava Santos, 1975.

LEITE NETTO, Wanderlino Teixeira. **Dança das Cadeiras** – História da Academia Niteroiense de Letras (junho de 1943 a setembro de 2000). Niterói: Imprensa Oficial, 2001.

MÁRCIA MARIA DE JESUS PESSANHA
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 6
Classe de Letras

Formada em Letras Português/Francês, mestrado e doutorado em Literatura pela UFF. Primeira mulher a presidir as Academias Guanabarina e Niteroiense de Letras e o Cenáculo Fluminense de História e Letras. Autora de: *Borboletrando* e *Fatias do viver*; *Casimiro de Abreu: o poeta das Primaveras; Interfaces da cotidianidade no romance Léonora; Quarto de despejo de Carolina de Jesus; A Literatura Brasileira e o papel do autor/personagens negros; Conceitos de Literatura e Cultura; O Memorialismo Epistolar* e vários outros.

SOARES DE SOUZA JR.
1851-1893

Patrono da Cadeira nº42
Classe de Letras

SARA RIFER

O imortal Soares de Souza Jr., patrono da cadeira de no 42 desta Academia, nasceu em Paraíba do Sul (RJ), no dia 7 de abril de 1851. Filho de Antônio José Soares de Sousa e de Margarida Soares de Sousa, fez o curso da Escola Central, mais tarde Escola Politécnica, do Rio de Janeiro, formando-se em Engenharia.

Além de engenheiro, Antônio José Soares de Souza Júnior foi funcionário público, jornalista, educador, tradutor, político, teatrólogo, poeta e prosador. Como jornalista, fez parte do corpo de redação do jornal *A República* e redigiu vários artigos na *Gazeta de Notícias*. Em sua terra natal, fundou o jornal *O Agricultor*, um dos primeiros semanários do nosso estado voltado para a lavoura.

Atuante na política, Soares de Souza Júnior fez uso da literatura para defender os direitos humanos e combater a desigualdade racial. Abolicionista e republicano, Souza Jr. testemunhou dois grandes momentos da história da sociedade brasileira: a abolição da escravatura e a proclamação da República.

Integrante do Partido Republicano, em 1889, escreveu a letra do Hino do Estado do Rio de Janeiro, intitulado *15 de Novembro*, oferecendo a mesma, em conjunto com o maestro João Elias da Cunha, ao então governador do estado Dr. Francisco Portela. O hino foi instituído como oficial em 29 de dezembro do mesmo ano.

Como autor literário, Soares de Souza

Jr. escreveu contos, comédias teatrais, dramas, romances-folhetins, crônicas e poesias, tendo publicado diversas obras pela Livraria Garnier. Suas obras traduzem a personalidade admirável e o idealismo desse grande dramaturgo, que se tornou um dos escritores brasileiros mais aplaudidos do século XIX.

O livro *Alma Negra* (1884) apresenta uma coletânea de poemas de sua autoria.

Olhar de Minha Mãe

Aquele olhar que sinto em mim fitado,
inquieto, indagador; tem tal ternura
que mais o vejo e mais se me afigura
ver dentro, nele, o meu passado.

Nasceu quando eu nasci; foi ao meu lado,
naquela suavíssima doçura,
como estrela a guiar-me em noite escura,
e sempre o meu abrigo – eu, seu cuidado!

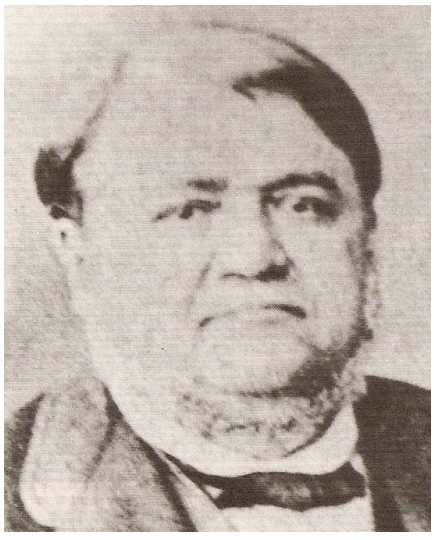
Olhar de minha mãe, tão casto e santo,
se me foges, às vezes, é que o pranto,
quando sofro, ocultar-me tu desejas...

Então, sorri, chorando... Uma tormenta
à luz do sol... Olhar que me sustenta,
olhar da minha mãe, Bendito sejas!

A emoção que este soneto desperta em mim, acadêmica titular da cadeira 42, me dá a certeza de que o patrono Soares de Souza Jr. é imortal.

SARA RIFER
(JUSSARA RIBEIRO DE SOUZA FERREIRA)
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 42
Classe de Letras

Curso de Formação de Professores (IEPAM). Licenciatura/Habilitação em Matemática (FFC). Por concurso, ingressou nas Redes Municipal e Estadual. Especializou-se em Problemas Ambientais Regionais (UFF). Atuou em unidades privadas e na UENF. Convidada a assumir cargos em comissão na Secretaria Municipal de Educação e na Coordenadoria Regional-NF1, foi coautora de Portarias e Resoluções da SMECE e de inúmeros materiais didáticos, com destaque para a coleção *Aprender Fazendo*, (Matemática e Ciências). Sob o pseudônimo de Sara Rifer, lançou os romances regionais: *Sob a luz do Farol* (2012), *Longe de Casa* (2013), *Amor e Ódio: laços do passado* (2015), *Além das Cinzas* (2016) e *Uma luz a me guiar* (2018).



TEIXEIRA DE FREITAS
1816-1883

Patrono da Cadeira nº 14
Classe de Ciências Sociais

VALDIR COSTA

O maior jurista das Américas

Em 19 de agosto de 1816 nasceu Augusto Teixeira de Freitas, na cidade de Cachoeira, recôncavo baiano. Quis o destino que Freitas viesse ao mundo antes da primeira Constituição Imperial de 1824, primeira, também, do Brasil, que trazia em seu art. 179, inciso XVIII, o seguinte texto: "organizar-se-á, o quanto antes, um código Civil e Criminal, fundado nas sólidas bases da justiça e equidade".

Foram criados os cursos jurídicos de Olinda e São Paulo, em 11 de agosto de 1827; passando-se mais três anos, em 1830, promulgou-se no Brasil o primeiro Código Criminal.

Em 1832 Augusto Teixeira de Freitas, com apenas 16 anos, inicia seus estudos de Direito em Olinda, transferindo-se posteriormente para São Paulo e depois, como advogado, para o Rio de Janeiro, em 1840, onde se destacou, tornando-se renomado causídico da época.

Em face do sucesso alcançado por sua "Consolidação das Leis Civis" (1858), Teixeira de Freitas foi encarregado pelo governo de nova

tarefa em 1859, desta vez, a elaboração do Código Civil brasileiro, disciplinador da vida do homem em sociedade, com respaldo na Constituição Imperial de 1824 – por sugestão do então ministro da Justiça, José Tomaz Nabuco de Araújo.

Segundo Silvio Meira (1983), o jurista debruçou-se sobre um conjunto de normas jurídicas, à época, um emaranhado de leis, decretos e ordenamentos, um verdadeiro caos em termos de legislação, no qual se encontrava o Brasil naquele início da monarquia. Abriu-se aí o grande dissídio. O que o governo queria era um código de rotina, prático, de aplicação imediata, não uma obra científica de altíssimo padrão, capaz de revolucionar os métodos de codificações até então conhecidos, como transparece do relatório apresentado por José de Alencar, então ministro da Justiça, à Assembleia Geral Legislativa, em 15 de maio de 1869, afirmando que a lei política civil deve estar ao alcance de todos, para que a opinião pública possa manifestar-se com segurança em assunto de tanta gravidade. Sob alegações do governo de que a obra já estava fora do prazo de apresentação, marcado para 30 de junho de 1864, o ministro concluiu que a revalidação do prazo importaria em ônus para o Tesouro e considerou rescindido o contrato com Teixeira de Freitas.

Cumpre-nos salientar que o *Esboço do Código Civil* elaborado por Teixeira de Freitas não foi descartado, tendo inclusive repercussão no exterior, o que se deve principalmente aos juristas argentinos – entre eles Dalmacio Velez Sarsfield, que além de utilizá-lo em benefício de sua pátria, encarregou-se de divulgá-lo aos países vizinhos, como Venezuela, Uruguai, Paraguai, Chile, Nicarágua. A obra de Teixeira de Freitas influenciaria, também, nas codificações da Alemanha, Suíça, Rússia e Itália, entre outras. Seu trabalho foi acatado pela lei japonesa de 1891 e pela lei sobre fundamento do Direito do Estado do Vaticano, em 1929.

Os juristas do Império brasileiro não se intimidaram e continuaram a elaborar novos projetos para o Código Civil. Seguiu-se o projeto do Visconde de Seabra, no ano de 1871, que infelizmente não foi adiante; em 1872 José

Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense

Tomaz Nabuco de Araújo, à época conselheiro do Império, também iniciou a redação de um novo projeto de Código Civil, que faleceu antes de terminar.

Passados mais nove anos, surge mais uma nova tentativa, desta vez através do jurista Felício dos Santos que, em 1881, começou com novos apontamentos para elaborar um projeto de Código Civil. Contudo, o trabalho também não foi aceito pela classe dominante, e consequentemente, não chegou a tramitar na Câmara. Dois anos depois, ainda no governo do Império, Antônio Coelho Rodrigues apresentou um Código Civil que buscava a unificação do Direito Privado, semelhante ao projeto de Teixeira de Freitas; o projeto também não foi aceito e logo foi arquivado.

Como vimos, houve muita insistência na

Estátua de Augusto Teixeira de Freitas, na Faculdade de Direito da UFBa, rua da Paz, Graça - Salvador, Bahia

elaboração de uma codificação civil no período da monarquia, com apoio dos ministros da Justiça que se empenharam muito para cumprir a determinação da Constituição de 1824 e, nesse sentido, devemos destacar a dura empreitada do então ministro da Justiça, José Tomaz Nabuco de Araújo. A despeito de tantos esforços, no entanto, o destino quis que a codificação civil só ficasse pronta no período republicano.

A primeira Constituição da República teve início em 1891, sem a codificação civil pretendida pela Constituição de 1824. Depois de oito anos da Proclamação da República, precisamente em 1899, Clóvis Bevilaqua foi convidado a elaborar um novo projeto de Código Civil, o que foi feito a partir do *Esboço* de Teixeira de Freitas, ficando este novo projeto por vários anos em discussão, rendendo muitas alterações.

Os preciosos estudos do jurisconsulto Teixeira de Freitas, contendo 4.508 artigos, foram fundamentais para a consolidação das leis civis brasileiras no primeiro Código Civil nacional, promulgado pelo presidente Washington Luís em 1916 – que permaneceu em vigor durante longos 86 anos, só sendo substituído pelo Código Civil de 2002, ora em vigor.

Tendo transferido seu domicílio para Niterói em 1880, Teixeira de Freitas veio a falecer nesta cidade, aos 12 de dezembro de 1883. Seus restos mortais foram sepultados em um nicho do cemitério do Maruí, onde permaneceram até 1945, quando foram transladados para Salvador a pedido do Estado da Bahia.

Responsável pela consolidação de diversas normas que compuseram o arcabouço do Código Civil brasileiro, sendo também o autor da proposta de um Código que regesse as relações jurídicas entre sujeitos, Teixeira de Freitas constitui um dos pilares da história jurídica moderna. Rui Barbosa se refere a ele como o maior civilista morto: "Passou à frente de seu tempo e jamais será esquecido".

A Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense, que está completando 108 anos, adotou desde seus primórdios, como patronímico, o inolvidável jurisconsulto, fazendo instalar em seu saguão um busto em bronze do patrono. Alunos do curso de pós-graduação fundaram, em 1996, sob orientação do saudoso desembargador e professor Luiz Roldão de Freitas Gomes, a Associação Teixeira de Freitas, contando com a participação de juristas brasileiros e estrangeiros, para sempre reviver e frisar a magnitude deste nobilíssimo jurista para o Direito e a Sociedade do Brasil.

Estátuas homenageando o jurisconsulto do Império foram instaladas em frente à Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, na Praça Teixeira de Freitas, em Salvador, e próximo ao prédio da Ordem dos Advogados do Brasil, na Av. Marechal Câmara, no Centro do Rio de Janeiro. Várias cidades brasileiras batizaram logradouros com seu nome.

Referências:

MEIRA, Silvio. T**eixeira de Freitas**, o jurisconsulto do Império. 2. ed., Brasília: Cegraf, 1983.

Revista Forense, out/1941, pp. 543 e seg.

Colaboração do Professor VALDIR COSTA
Presidente da Associação Teixeira de Freitas

VISCONDE DE SEPETIBA
1800-1855

Patrono da Cadeira nº 48
Classe de Letras

LÚCIO FACCI

A Cadeira nº 48 tem como patrono Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, o Visconde de Sepetiba.

Nascido em Niterói, em 21 de julho de 1800, foi juiz de fora, juiz de órfãos e um importante político do Brasil Imperial.

O Visconde de Sepetiba matriculou-se na academia militar, tendo, após, recebido bolsa de Dom João VI, para estudar ciências naturais na Universidade de Coimbra, para onde seguiu em 1820. Preferiu estudar Direito, abrindo mão da bolsa, tendo retornado ao Brasil em 1825, sendo então enviado para São João del-Rei, como juiz de fora e Ouvidor.

Foi eleito deputado geral, por Minas Gerais. Posteriormente, foi escolhido Presidente das Províncias de São Paulo, e do Rio de Janeiro. Foi também ministro da Justiça e dos Negócios Estrangeiros, e senador do Império.

Como ministro da Justiça, combateu o Partido Restaurador e a Sociedade Militar, tendo sido responsável pelo controle dos motins ocorridos no Rio de Janeiro em dezembro de 1833 e pela prisão do tutor de D. Pedro II, José Bonifácio de Andrada, que articulava ativamente para voltar ao Brasil o Imperador D. Pedro I.

Visconde de Sepetiba exerceu enorme influência sobre o Imperador Dom Pedro II no início de seu Reinado.

Foi membro e vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tendo sido agraciado Cavaleiro da Imperial Ordem de Cristo e Imperial Ordem da Rosa.

Faleceu em Niterói, em 25 de setembro de 1855.

Insíginias da Imperial Ordem da Rosa e Imperial Ordem de Cristo[*1]

[*1] A imagem da Imperial Ordem de Cristo foi retocada , o que significa que foi digitalmente alterada em relação à sua versão original. O original pode ser visto em: braziliaanse Ridders em de Militaire en Keizerlijke Orde van Christus na 1843.jpg

LÚCIO PICANÇO FACCI
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 48
Classe de Letras

Bacharelou-se em Direito na UFRJ. Especialista em Direito Público (Universidade de Brasília), mestre e doutor em Sociologia e Direito (UFF). Membro efetivo do Instituto dos Advogados Brasileiros. Tomou posse na Advocacia-Geral da União em 2007, no cargo de procurador federal. Autor dos livros: *Mandado de Segurança contra atos jurisdicionais* (Freitas Bastos, 2004); *Administração Pública e Segurança Jurídica: a tutela da confiança nas relações jurídico-administrativas* (Sergio Antonio Fabris, 2015); *Meios adequados de resolução de conflitos administrativos* (Lumen Juris, 2019); e de diversos artigos jurídicos, citados pela doutrina e jurisprudência, inclusive pelo Supremo Tribunal Federal.

A Academia Fluminense de Letras é a Casa do Amor à Cultura, Templo da Palavra – Guardiã dos feitos de vultos das Letras, das Belas Artes, das Ciências e das Ciências Sociais

Templo da Palavra

CAIXA POSTAL 692

LUIZ FELIZARDO BARROSO

Necessitando de usar os serviços de uma caixa postal, dirigi-me aos escritórios da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, localizados no prédio, mais que centenário, da Rua Primeiro de Março. Informado de que o assunto que iria tratar localizava-se no primeiro andar, encaminhei-me para o vetusto elevador, à prova de claustrofobia, eis que todo de grades e tela, no melhor estilo dos anos 20, inclusive o fosso onde o mesmo trabalha. Após fechar as portas pantográficas, procurei, em vão, localizar os botões de ação do vetusto ascensor transparente, verificando, todavia, ser em vão aquela minha atitude, porque simplesmente eles não existiam. Revolvi, então, galgar os degraus da escada que levava ao primeiro andar, como todos, aliás, estavam fazendo sem titubear; só eu é que, já me sentindo meio ridículo, não me dera conta da inutilidade ou da impossibilidade do uso da ascensão mecânica, naquele prédio da União.

Ao mesmo tempo em que galgava os degraus da escada feita de lindos mármores brancos, porém sujos e encardidos, ia apreciando seu maravilhoso desenho arquitetônico, e lamentando, intimamente, seu péssimo estado de conservação: degraus perigosamente gastos em suas bordas, quase afiadas pelo uso; diversas colunas de sustentação do largo e grosso corrimão – como o das escadarias do Theatro Municipal – quebradas ao meio, ou simplesmente arrancadas do local. Ao chegar ao saguão do primeiro andar, chamou-me a atenção um trabalho artístico em ferro de uma imensa grade decorativa, em forma de leque, e as colunas jônicas de sustentação do teto a contrastarem com os móveis e arquivos modernos, também em péssimo estado, sem qualquer estilo ou ao menos harmonia.

Ainda sob os efeitos daquela experiência ao mesmo tempo gratificante – que nos transmitem a solidez e a beleza dos prédios antigos – e acabrunhadora, pelo descaso e pelo desamor das pessoas responsáveis por sua conservação, dirigi-me ao funcionário encarregado do serviço.

Muito solícito, o referido funcionário explicou-me que, infelizmente, havia mais pretendentes do que caixas postais disponíveis e que eu deveria inscrever-me em uma fila já com 260 pessoas físicas inscritas e, em outra lista, 60 pessoas jurídicas, igualmente aguardando a sua vez. Enquanto fazia a minha inscrição no livro próprio, o serventuário em questão, vendo meu vivo interesse pelo serviço postal a ser prestado, e meu desapontamento pela impossibilidade de consegui-lo prontamente, disse-me que haveria um jeito de eu furar aquela imensa fila, passando à frente de todos os pretendentes. Pensei logo que ele estivesse sugerindo uma compensação pecuniária pessoal, uma propina ou algo assim por debaixo do pano, como acontece em tantas outras repartições públicas do nosso querido e sofrido Brasil.

Qual não foi, porém, a minha surpresa, quando o servidor me ofereceu um número para a minha já cobiçada caixa postal, desde que eu, simplesmente, me conformasse em pegar a chave original da caixa – contra a entrega de minha carteira de identidade – e arcasse com o ônus financeiro e o trabalho de tirar uma cópia da dita chave para mim. Aceitei incontinenti o oferecimento, dirigindo-me imediatamente ao chaveiro mais próximo, indicado, aliás, pelo próprio servidor, e, já um tanto temeroso a respeito de quanto, afinal, poderia custar-me a cópia daquela chave. Em verdade, porém, não eram fundados os meus temores, pois a cópia respectiva não me custou senão a bagatela de Cz$10,00.

Voltando ao primeiro andar do prédio dos Correios – pela tal linda escada, mas faltando pedaços – fui, diretamente, à porta da caixa que me havia sido destinada, não logrando abri-la, contudo. Retornei, então, ao chaveiro e disse-lhe da minha impossibilidade de acionar a respectiva fechadura. Dizendo-me que o ideal seria que eu levasse a caixa até ele ou que ele comparecesse aos Correios para fazer aquela e as inúmeras outras chaves faltantes, o dono da tenda de chaves fez uma outra para mim, sem quaisquer novos ônus, a não ser a minha perda de tempo, àquela altura já de 30 minutos ao todo, desde que eu chegara a sede da EBCT, para o primeiro contato.

Assim é que voltei àquele primeiro andar, galgando os mesmos já desgastados degraus, agora por mim mais desgastados ainda, com as minhas "idas e vindas" ao chaveiro. Voltei direto e ansiosamente à boca da minha da minha caixa postal, tentando abri-la com a segunda chave. Como não lograsse êxito novamente – pois a segunda cópia feita também não funcionara – forcei, um pouquinho apenas, e acabei ficando com a porta da caixa na mão, presa à minha cópia e desprendida da parede.

Desgostoso e já meio irritado, dirigi-me ao solicito funcionário que, entre mil desculpas e uma certa vergonha pelo ocorrido comigo,

assegurou-me que coisas como aquelas eram normais que acontecessem, pois assim como o chaveiro contratado pela empresa demorava muito a aparecer, o encarregado da manutenção, também; mas que, infelizmente, manutenção não era com ele e que, portanto, eu teria que aguardar mesmo aquela fila das 260 pessoas na minha frente.

Revolvi, então indagar-lhe sobre a existência de um chefe ou chefa da seção, e se o problema da falta de chaves ou de manutenção das caixas não seria ao menos de seus superiores, já que dele, simples funcionário, é que não era.

Após alguns minutos de cochichos com a chefa, voltou-me o funcionário para dizer que sua superiora revolveria dar-me uma outra caixa, em bom estado, sem que necessitasse fazer a cópia da chave original respectiva, pois aquela chave original já possuía ambas. Como aparecera aquela caixa disponível, já com duas chaves eu não sei. Naturalmente estava sendo subtraída do primeiro da minha fila de 260 pessoas que estaria para ser chamada nos próximos dias.

Àquela altura, quase duas horas de meu trabalho eu já havia jogado fora na faina de obter uma pequenina, singela e simples caixinha dos serviços postais dos correios de meu País.

Após assinar o contrato respectivo, o mesmo servidor, ainda solícito – já me chamando de seu amigo – disse-me que eu deveria descer novamente as mesmas escadas e pagar, lá embaixo, a importância de Cz$33,33 e, depois, voltar – naturalmente pelas mesmas escadas – para pegar a minha via do contrato e a já tão acalentada e sofrida cópia da chave da "nova" caixa.

Desci, novamente, aqueles degraus escorregadios, contribuindo, como disse, para aumentar, ainda mais, o seu desgaste e fui procurar o guichê para pagamento da estranha quantia de Cz$33,33 correspondentes, segundo soube mais tarde, aos meses que faltavam para acabar o ano de 1986, findo o qual eu terei que devolver minha chave, liberando a caixa respectiva ou pagar Cz$50,00 para renovar o contrato.

Ao primeiro balcão a que me dirigi, indicaram-me um segundo, cujo funcionário, por sua vez, indicou-me um terceiro, em frente ao qual estavam estacionadas várias pessoas esperando, naturalmente, para serem atendidas. Indagando da única funcionária em exercício, por detrás do referido balcão, se era ali mesmo que eu pagaria o aluguel de minha – já quase conquistada, não sem algum sacrifício – caixa postal, respondeu-me ela, sem olhar nos meus olhos, que eu poderia ser atendido por qualquer um dos funcionários que ali trabalhavam. Como não houvesse nenhum outro atendente, indaguei-lhe se aquele "um" também poderia ser representado por ela própria, ao que me respondeu, novamente, sem olhar para mim, que sim.

Após uns vinte minutos de espera, consegui meu recibo, não sem antes conformar-me, porém, em pagar por ele Cz$34,00, pois não havia troco para os quebrados Cz$33,33. É bem verdade que eu havia me oferecido para pagar aquela estranha importância em cheque, a fim de facilitar o troco, respondendo-me, porém, a funcionária que era impossível, pois naquele dia ela não estava recebendo cheques não.

Galguei, pela terceira vez, os puídos degraus de mármore – pela primeira, quem o sabe enquanto novos, galgados pela nobreza brasileira nos idos de 1800 – das escadarias que levam ao primeiro andar, a fim de trocar o recibo pela cópia da chave, cópia do nosso contrato e minha carteira de identidade de volta.

Fi-lo com grande alívio, após duas horas de ingentes providências, já querendo descansar um pouco meu corpo sobre os louros de minha vitória, representada por uma caixa postal, cuja porta não saía mais na minha mão e, ainda por cima, na frente de 260 pessoas, sem necessitar subornar ninguém ou esperar, sabe-se lá quantos meses ou anos, pela minha vez.

Descendo, novamente, os degraus já por mim considerados meus amigos – pois foram eles que, afinal, me conduziram, sempre com muita paciência e constância, à minha vitória final, fiquei pensando quanto tempo faltaria para o Brasil ser uma grande potência mundial nos campos gerencial, econômico, empresarial e tecnológico, pois se para administrar um simples serviço de caixas postais é tamanha a inoperância, o descaso, a falta de espírito público, mesmo de justiça, de operosidade, de eficiência e de exação no cumprimento dos deveres funcionais de tantos simples servidores públicos.

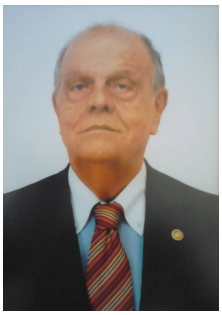
De que nos adianta estarmos defendendo, com unhas e dentes, a primazia e o monopólio da indústria da informática em nosso País, se não temos, sequer, a habilidade gerencial para administrarmos, com razoável eficiência, os serviços de outorga e de manutenção de caixas postais.

Quem já passou por outros países mais adiantados – sociológica, cultural, econômica e gerencialmente falando – como o pequenino

populoso e velho Japão, onde tudo, ou quase tudo, funciona a contento, ficará pensando: serão efetivamente necessários dois mil anos de civilização para chegarmos onde eles chegaram? Bastaria deixar que o tempo parasse, isto é, fluíssem os 1.500 anos que nos faltam? E os países como a Índia e o Egito que têm mais de dois mil anos e são – quem o sabe – piores do que o nosso?

Sinceramente não sei se será uma mera questão de decurso do tempo, ou o que deve ser feito. Só sei que, se cada um de nós brasileiros, em particular, só cuidarmos exclusivamente da nossa parte, por não querermos ir além das atribuições que nos são cometidas, toda vez que os responsáveis por serviços, dos quais o nosso depende, falham no cumprimento de seus deveres funcionais, sem ter ninguém – um superior – que os compila a isso, ficaremos, sempre, como eu fiquei, com a tampa da "caixa postal na mão", lamentando eternamente a distância social, econômica, cultural, tecnológica, gerencial e política que nos afasta, cada vez mais, irremediável e terrivelmente, dos países ditos civilizados e desenvolvidos, ricos, aliás, como o nosso é – ao menos potencialmente, não tão grandes, nem tão belos, porém, como o nosso; não tão livres de terremotos e intempéries como o nosso; não com uma temperatura tão amena, nem com um povo tão ordeiro como o nosso; país que, infelizmente, não estamos merecendo, nem ao menos sabendo desfrutar, por causas que só a nós brasileiros são imputáveis, mas cujo conhecimento ignoramos, e o que é pior, nem nos importamos em conhecer.

Estes fatos acima narrados, aconteceram em 1986. Passados trinta e quatro anos desta data, não creio que tenhamos melhorando muito. Talvez tenhamos de esperar 1034 anos mais, ou, quem o sabe, 2034 anos, para chegarmos ao desenvolvimento do Japão ou da Coréia do Sul.



LUIZ FELIZARDO BARROSO
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 4
Classe de Letras

Ph.D., doutor em Ciências Jurídicas e Sociais, professor jubilado em Direito Comercial – UFRJ. Membro dos Institutos dos Advogados Brasileiros e do Distrito Federal e do Fórum Permanente de Direito Empresarial da Escola de Magistratura/RJ. Conselheiro da Federação Interamericana de Advogados; membro do Tribunal de Ética e Disciplina OAB/RJ; procurador aposentado do Banco do Brasil; titular da Advocacia Felizardo Barroso & Associados; presidente da Cobrart Gestão de Ativos e Participações; consultor/instrutor do SEBRAE/RJ. Autor e coautor de diversas obras de cunho jurídico. Diplomado pela Escola Superior de Guerra – ESG.

DE CORONÉIS E LOBISOMENS

PINHEIRO JUNIOR

À época dessa estorinha Zé Cândido tinha uma casa de fim de semana em Maricá. Era uma construção antiga, no alto da colina à beira da lagoa. Ele vendera a casa avarandada de Cabo Frio para encurtar distância com Niterói, onde morava no Ponto Cem Réis. Eu ia visitá-lo em Maricá. Ele às vezes retribuía indo comigo a Saquarema. E, passeando, deixávamos as marcas de nossos pés nas areias de Itaúna.

Zé Cândido recém-eleito para a Academia Brasileira de Letras parecia evitar livros. Como se estivesse enfarado. Mas às vezes eu mais deixava escapar do que lhe provocar:

– Li uns pedaços do Coronel e o Lobisomem... Li não, reli...

– E aí? – estranhava ele.

– Lembrei coisas da Macondo do Garcia Márquez.

– Mas os Cem Anos de Solidão é que deveriam lembrar o Coronel e não o contrário. Ponciano é mais antigo, é mais velho do que o Buendia.

Já notara que ele odiava parecer influenciado. Ou ficar sob suspeita de plágio, com o perdão da palavra maldita. Mas essa ojeriza não o impedia de comparar coisas fantásticas que poderiam ter ocorrido em Niterói, não com acontecências de Morro do Coco ou da Lapa campistas, mas justamente com a Macondo da família Aureliano Buendia criada pelo rival colombiano. O dramaturgo e novelista de TV Dias Gomes era outro cujos causos e personagens não eram facilmente deglutidos por Zé Cândido:

– Esse sim – obtemperava ele – me plagiou desavergonhadamente!

– Você fala do Aristóbulo Camargo que vira lobisomem em noite de lua cheia? – perguntava eu

que conhecia por alto o enredo de Saramandaia..

Então ele ficava muito quieto. Mas logo se lembrava de uma paciente do médico parapsicólogo Sílvio Lago que esquentava e até fazia incendiar superfícies tocadas por ela em momentos de transe. Naturalmente que eram superfícies, vamos dizer, susceptíveis de se incendiar. Ele falava sorrindo com o canto da boca, como parecia ser seu jeito de desdenhar:

– Essa incendiária é a própria personagem da Sônia Braga na Bole-bole do Dias Gomes.

Então ele estancava de súbito como se ao pronunciar o nome do dramaturgo se tivesse submetido a uma autotraição. Mas não era nada disso. É que o Zé Cândido de Carvalho, glória do realismo mágico nacional, era um sujeito muito simples e bom. Os ódios e ojerizas dele eram sentimentos não compartilhados nem pelo coronel Ponciano de Azeredo Furtado, seu personagem eterno, nem por Lulu Bergantim que atravessou o seu Rubicão. E a propósito dos quais, um dia atravessando a barca a caminho da Rádio MEC por ele comandada, me confidenciou planos que não imaginava seria impedido de consumar por veto mortal da velha da foice:

– Depois de aviar o Rei Baltazar, vou escrever um romance que se passa no Saco São Francisco. Vou fazer um tipo parecido com o Ponciano. Só que ao invés de lobisomem desta vez ele vai metamorfosear uma anta de beira-mar que fica tão popular nas suas preguiçosas aparições praieiras que acaba se elegendo vereador, depois prefeito, depois deputado... e assim por diante...

A barca chega ao Rio. Um carro preto da emissora está à espera. Ele me oferece uma carona até o Globo. Eu aceito. E ele embarca no seu habitual silêncio de imortal que já falou tudo o que tinha que falar.

JOSÉ ALVES PINHEIRO JUNIOR
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 11
Classe de Ciências Sociais

Formou-se em Comunicação e Jornalismo pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (UFRJ), onde dirigiu o jornal *Reflexão*. Trabalhou nos jornais *Última Hora, O Globo, Crítica de Manaus, Correio da Manhã, O Fluminense, O Jornal, O Dia* e *Tribuna da Imprensa*, nas TVs *Globo, Educativa* e *Rio,* e nas rádios *Jornal do Brasil, Mayrink Veiga* e *MEC*. Atualmente editor freelancer da Auracom Assessoria de Comunicações, publicou os livros *A Ultima Hora, Bombom Ladrão, Mefibosete e outros absurdos, Aventuras dos meninos Lucas Pinheiro, Esquadrão da Morte, Voo de Ícaro, A Febre de Notícias ao Entardecer.*

DEU RUIM ou OS REFLEXOS DA PANDEMIA NA CULTURA EM RIO BONITO, RJ

MARIA DO CARMO SOARES CORDEIRO

Nem um só foguete espocando, nem uma afinação de tambores, nem um som testado, nem sinos repicando. Nada. E para completar, chove. Acho que chove na minh'alma também. Acho que chove na alma de todos: crianças, jovens, adultos e idosos. Chove n'alma dos rio-bonitenses.

Sete de maio, aniversário de Rio Bonito. Sem fogos, sem bandas escolares, sem desfile, sem palanques e microfones, sem reunião solene na Câmara Municipal. Sem ternos e gravatas, sem cumprimentos efusivos, sem sorrisos, sem o povo chegando e se aglomerando na Praça Fonseca Portela. Sem balões coloridos para os pequeninos. Sem pais e avós acompanhando orgulhosos, suas crias. Sem professores correndo de um lado para outro arrumando pelotões de alegres e brincalhões alunos. Sem ambulantes vendendo algodão doce, pipoca, brinquedinhos, estalinhos. Sem nada.

Deus do Céu, que é isto por que passamos? Estamos cheios de dúvidas, inquietações, medo e angústia. À mercê do coronavírus, da Covid-19, estamos e ficamos nós à espera do bloqueio, confinamento, o *lockdown*. E nada, nada de respostas às nossas perguntas sobre pandemia: Devemos ficar em casa? Mas... até quando? Até quando não sair?

Sair simplesmente por aí... encontrar conhecidos, amigos, parentes, amantes... parar na esquina, cumprimentar alguém, falar, conversar... sobre o dia de hoje, de ontem, de amanhã. Tratar da sobrevivência. Sonhar...

Mas vai passar. Há de passar. Estamos aprendendo a duras penas a valorizar a Vida, esta preciosidade que nos é dada pelo Pai. Vai

passar. Há de passar. Desta vez, neste ano de 2020 quando Rio Bonito completa 174 anos de emancipação político-administrativa, não houve festa.

Dentro deste contexto é sempre bom lembrar um pouco da história do município como registra o professor Carlos Alberto de Moura Machado na obra *Ao Pé da Serra... Um Paraíso*, escrita por um grupo de abnegados rio-bonitenses em 1996:

Quando em 1811, o Pregador Régio, padre Joaquim Pereira dos Reis, chegou para tomar posse da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Rio Bonito, encontrou um cenário desolador: uma Igreja em ruínas construída em uma elevação situada em frente a uma exuberante serra coberta por uma vasta e verdejante vegetação. Entre a Igreja e a Serra, em meio aos terrenos pantanosos e alagadiços de um pequeno vale serpenteava um rio de águas límpidas e cristalinas, com seu leito coberto de malacachetas que reluziam à luz do sol ou refletiam o brilho prateado das noites de luar. Daquele rio a Freguesia roubara-lhe o nome... Rio Bonito.

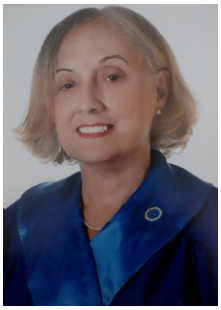
Continua o professor:

[...] Em 1820, apesar de inacabada, a Igreja era entregue ao culto público e a sua volta começara a se formar um pequeno arraial, que já contava com 23 casas e também aí, iniciavam-se as atividades comerciais da Freguesia. Foi naquela pequena elevação, que descia da porta da Igreja até a Estrada Geral para Cabo Frio, coberta por uma grama rala e escassa, denominada Largo da Matriz, que teve início a cidade de Rio Bonito!
Mas era nas fazendas e roças que se encontrava a força econômica da região, pois já se contavam em toda a Freguesia "13 fábricas de açúcar" e várias outras movidas a água ou a besta, que da mandioca produziam a farinha. O café, em curto tempo, se tornaria a base econômica da região e ao lado do milho, do arroz, do feijão e de outros legumes, começava a diversificar uma produção que, desde os primeiros colonizadores que aqui chegaram, a partir da segunda metade do século XVIII, estava absorvida pela monocultura cafeeira.
Quando o café definitivamente substituiu o açúcar como principal fator econômico da região é que se teve o nascimento oficial da Vila do Rio Bonito, a 7 de maio de 1846, ao adquirir sua autonomia, desligando-se administrativamente da Vila de São João Batista de Itaboraí. [...]

Resgatar da memória popular como foram as celebrações a partir de 1846 em sequência, parece impossível; como é quase impossível também, admitir que talvez não comemoremos a partir deste ano de 2020 da mesma forma o dia 7 de maio – um evento festivo esperado ano após ano. Essa preocupação passa a ter mais sentido ainda quando se tem em mente usos e costumes.

Todos nós guardamos em nossa memória fatos, cenas, relatos, histórias do cotidiano; e ela, a memória, transformada em baú os armazena possibilitando que preservemos a nossa cultura e que dela nos orgulhemos construindo o nosso patrimônio.

A história da preservação do patrimônio cultural de Rio Bonito tem em um de seus capítulos as festividades do dia 7. As alusivas à passagem dos 174 anos de emancipação político-administrativa do município, um vácuo não vai nos permitir daqui a alguns anos relembrá-las. Não as guardaremos na memória, não as transmitiremos e não poderemos preservá-las graças ao coronavírus, à Covid-19 que sem pedir licença chegou aos nossos lares e às nossas famílias substituindo momentos de regozijo por momentos de apreensão e dor. Como fala a juventude... deu ruim.



MARIA DO CARMO SOARES CORDEIRO
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 9
Classe de Letras

Bibliotecária, professora, escritora e poetisa. Bacharel em Biblioteconomia e Documentação, UFF. Trabalhou na Biblioteca Pública Estadual de Niterói. Organizou o acervo da Casa da Cultura e respondeu pelo Departamento de Cultura de Rio Bonito. Publicou *Como foi que um rio bonito transformou-se numa cidade sorriso; Jardim de sonhos; Duque de Caxias, 22: o endereço da felicidade; Como somos: o rio-bonitense tal qual ele é; Ao pé da serra: um paraíso* (colaboração). Compôs a Oração de Graças pelo Centenário da Academia Fluminense de Letras.

Preservar a Memória é garantir que os vultos que ajudaram a construir a História permaneçam como estímulo às futuras gerações

ENTRE POETAS

NEIDE BARROS RÊGO

Estar entre poetas
é estar entre crianças,
almas puras, a brincar,
a exibir suas façanhas;
é nunca pensar no mal;
é como estar entre irmãos,
irmãos que se querem bem,
vivendo a invocar lembranças;
é ter o mesmo ideal.

Estar entre poetas
é como habitar num horto,
molhando os pés no riacho,
pisando os seixos do chão,
andando a esmo, absorto;
é caminhar entre artistas,
ser íntimo das estrelas
e, mesmo de olhos fechados,
continuar sempre a vê-las.

Estar entre poetas
é construir um cenário
repleto de fantasias;
é com eles, de mãos postas,
comungar os sonhos seus.

Estar entre poetas
é estar perto de Deus.

NEIDE BARROS RÊGO
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 11
Classe de Belas-Artes

Professora. Tradutora. Fundou o Centro Cultural Maria Sabina, onde ensina Arte de Dizer e realiza eventos culturais. Publicou *Revelação* e *Água Escondida* (antologia que reuniu 234 poetas niteroienses). Membro vitalício da Associação Universal de Esperanto. Com Sylla Chaves, organizou as antologias: *Brazila Esperanta Parnaso* e *Poesias escolhidas do Brazila Esperanta Parnaso* (bilíngue). Tem poesias em 140 antologias. Faz parte do Grupo Nuance, de Arte de Dizer. Gravou DVDs e CDs. Intérprete e autora premiada em concursos de poesias no Brasil, na Bulgária, Holanda, Rússia e Itália.

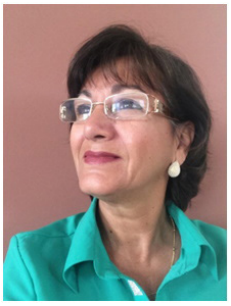
GRATIDÃO

SARA RIFER

Sinto-me tão intensamente enternecida
ao estar aqui, agora, protegida
por esta casa centenária, nascida
das mãos daquele que a desenhou.
Do homem que, ao lançar seu olhar,
para além da grade das gaiolas,
projetou o "útero" que abrigaria
diferentes vidas com diversas histórias.

Entre contornos e formas de se admirar,
surge um claro convite pra luz adentrar,
janelas e portas dão vida à construção
pondo fim à frieza da antiga escuridão.

Pelas janelas, a esperada claridade;
pelas portas, os intelectuais da cidade
e eu, feito "feto literato", em formação.
Farei da AFL minha eterna fonte de inspiração.



SARA RIFER
(JUSSARA RIBEIRO DE SOUZA FERREIRA)
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 42
Classe de Letras

Curso de Formação de Professores (IEPAM). Licenciatura/Habilitação em Matemática (FFC). Por concurso, ingressou nas Redes Municipal e Estadual. Especializou-se em Problemas Ambientais Regionais (UFF). Atuou em unidades privadas e na UENF. Convidada a assumir cargos em comissão na Secretaria Municipal de Educação e na Coordenadoria Regional-NF1, foi coautora de Portarias e Resoluções da SMECE e de inúmeros materiais didáticos, com destaque para a coleção *Aprender Fazendo*, (Matemática e Ciências). Sob o pseudônimo de Sara Rifer, lançou os romances regionais: *Sob a luz do Farol* (2012), *Longe de Casa* (2013), *Amor e Ódio: laços do passado* (2015), *Além das Cinzas* (2016) e *Uma luz a me guiar* (2018).

O MÉDICO E O DOENTE

JOÃO BATISTA THOMAZ

Ser um médico, servidor da sociedade, requer outros predicados além de uma sapiência científica invejável... É um imperativo da profissão que o médico seja tão humano como seu paciente que sofre; que a dores do enfermo sejam uma condição capaz de promover nele reações internas, que veja no doente a sua imagem invertida, sua cópia do amanhã ou mesmo sua radiografia mais tarde; que tenha olhos atentos para poder ver que no futuro esse paciente pode ser, com grande possibilidade, a sua figura, pessoas da sua intimidade ou familiares; que esse doente é o médico visto com novas indumentárias, através de novas perspectivas às quais o tempo inexoravelmente o irá conduzir, e lhe revelar; que esse médico assuma, ainda virtualmente, o assento e/ou o leito anteriormente ocupado pelo doente, já que ele, atualmente, pode encontrar-se alheio a essa situação mas em outras dimensões.

Na medicina hipocrática há verdadeira fusão do adoentado com o médico, chegando a tal ponto de composição que ocorre perda de identidade de ambos, tanto do médico como do doente; nessa condição, não temos nenhuma garantia de quem é o doente e quem é o médico; são duas personagens fundidas que conhecem as angústias, dores, aflições, agonias e os sofrimentos como fenômenos reais e ele, o médico, faz parte, é íntimo desse universo dos adoentados; não é somente um observador, mas aquele que desempenha papel de magna significância nesse drama no qual o médico e o doente são protagonistas. Nas poeiras dos tempos, a identidade desses enfermiços e do médico não mais existe: somaram suas individualidades! Durante os acessos de dores e padecimentos não se sabe ao certo quem é o sofredor e o que atende ao padecedor; já que ambos são padecentes.

O combalido é a figura e a fotografia do médico, já que cada adoentado tem o médico a que faz jus e cada médico tem o enfermo que lhe é merecedor, e esse é o representante da sua imagem; o espírito da medicina se encarrega de mesclar o doente com o médico e há condições em que não são identificados, pela coesão entre eles. Ainda que se lance um olhar mais atento, não é possível distinguir o médico do doente. A harmonia entre eles é absoluta: o médico amparando e minizando suas dores e demais sofrimentos e o doente absorto recebendo o hálito refrescante dessa figura angelical – seu médico. As suas identidades desaparecem diante das agruras, angústias, padecimentos e dores.

O enfermo diz: eu sou um ser sofredor; o médico diz: "eu sou um homem que executa a ciência, de fundo divina, que visa tratar os sofredores"; o doente diz: "eu sou um achacadiço, adoentado, com fissuras na alma e no corpo"; o médico responde: "eu vi, convivi e conviverei com o Cristo do Evangelho Eterno e Ele me instruiu e doutrinou como tratar esses tipos de enfermidades. Aprendi a atinar e cuidar das chagas e dos doentes em geral, quando assisti, pungido, atormentado e corroído pela cena do Cristo Eterno estropiado e espicaçado na cruz. Tive piedade d'Ele e Ele teve comiseração e simpatia por mim, comprometendo ser meu companheiro de ocupação e amigo. Ele, Cristo, dessa época em diante, me assistiu com Seu amor, olhar e mãos, quando tornou-se meu comparte cotidiano, cooperado nesses encargos que exerço, sendo o mesmo mais divino que humano: amenizar as dores e as fissuras humanas; absorver e cuidar dos opressos pelas enfermidades!"

Nessa conjunção, ocorre invariavelmente um somatório entre o médico e o doente, sendo o médico um instrumento da vida para resgatar a cidadania humana do doente, um homem que através de um atavismo enigmático Deus colocou no seu peregrinar, essa figura especial, como um anjo, para ajudá-lo a recuperar aquele elam vital que é conhecido como saúde.

JOÃO BATISTA THOMAZ
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 14
Classe de Letras

Graduado pela Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Pós-graduado em Cirurgia Vascular, Universidade de São Paulo. Professor adjunto de Cirurgia Vascular, UFF. Membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e da Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia. Fellow da American Trauma Society. Membro emérito da Academia de Medicina do Estado do Rio de Janeiro. Membro honorário do International Endovenous Laser Working Group, Londres. Autor de várias obras de Medicina, entre elas: *Fundamentos de Angiologia e Cirurgia Vascular; Fundamentos de Flebologia: bases clínicas e cirúrgicas; Ato médico: aspectos médicos e legais;* além de *Homens, fatos e ideias na História da Flebologia e Cirurgia Vascular* e do livro de memórias *Jornadas de um estudante*.

Niterói
Inspiração Poética

CANÇÃO DO MAR NITERÓI

ERCULES LAMEGO

Quando o Sol rompendo a bruma
Toda a cidade ilumina
Niterói surge da espuma
Esplendorosa e divina
Niterói vai acordar
Ouvindo a canção do mar

Das montanhas verdejantes
Mil cantares incessantes
Fazem coro ao canto-mar
E no céu já quase azul
Irerês no rumo sul
Passam voando a grasnar
Niterói vai despertar
Ouvindo a canção do mar

Cresce o dia, a luta é imensa
Todo um povo trabalhando
Escola, oficina, imprensa
Mais progresso conquistando
Niterói a trabalhar
Ouvindo a canção do mar

Depois é a hora da prece
Rezada sob o luar
Niterói toda agradece
A paz que pode gozar
Niterói vai repousar
Ouvindo a canção do mar

Suavemente tangendo
Toda a gente adormecendo
Soam os sinos da Matriz
E no embalo do acalanto
Niterói cidade-encanto
Dorme assim calma e feliz
Niterói vai descansar
Ouvindo a canção do mar.

ERCULES LAMEGO
Membro da Classe de Correspondentes Nacionais
(*In Memoriam*)
colaboração da Acadêmica Neide Barros Rêgo

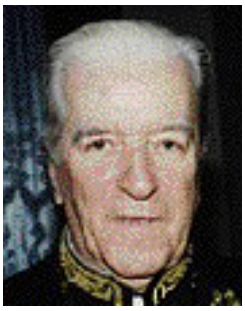
Praia de Icaraí. À esquerda, a Pedra de Itapuca

FRONTEIRA AZUL

MARCOS ALMIR MADEIRA
colaboração da Acadêmica Neide Barros Rêgo

Piratininga, irmã de Itaipu,
rival de Itacoatiara,
pérola mais branca do colar,
é agora, na manhã incisiva,
na claridade convincente do meu dia,
o assunto dos meus olhos fluminenses;
longo assunto dos meus olhos fluminenses,
longo assunto que se arredonda
na curva da praia agreste,
na conclusão azul do mar que não acaba.
Bem sei, e vejo,
e sinto,
porque vejo com os olhos da alma,
que já não existem,
no painel matutino,
os extremos da vida:
onde começa, nesta manhã imensa,
o céu de todos os mistérios
e onde termina a terra dos homens?...

Onde está a fronteira azul?
No teto do Criador
ou na face enrugada do mar? Não sei.
Perdeu-se a imponência do marinho
na sedução eterna do divino.



MARCOS ALMIR MADEIRA
2º ocupante da
Cadeira nº 14
Classe de Letras (*In Memoriam*)

Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais, professor da UFF, Fundação Getúlio Vargas, UFRJ, PUC-Rio, Escola do Estado Maior do Exército, Instituto Rio Branco e Escola do Estado Maior da Aeronáutica. Presidiu a Associação Brasileira de Educação. Organizou e dirigiu o periódico Leitura de Todos, da Unesco. Integrou a Comissão dos Educadores que empreendeu o reexame do Projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Dirigiu a Casa de Oliveira Viana e o Arquivo Público; presidiu o PEN Clube do Brasil; integrou o Conselho Federal de Cultura. Membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Asociación Latino-Americana de Sociologia, da Academia Brasileira de Arte, do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, da Academia Portuguesa da História.

ICARAÍ É TUDO ISSO...

JOSÉ NAEGELE
Membro da Classe de Correspondentes Nacionais
(In Memoriam)
colaboração da Acadêmica Neide Barros Rêgo

Icaraí não é somente a praia
que esplende quando faz muito calor
e que se acalma quando o sol desmaia
para agitar-se, à noite, com fulgor.

Icaraí é mais: – o aplauso, a vaia,
o desencanto e o festival de amor;
a sereia que troca a minissaia
por um biquíni bem provocador...

Icaraí é o Campo de São Bento,
onde uma sensação de encantamento
a todos enche de estesial prazer!

Icaraí é um bairro todo, inteiro,
de povo bom, jovial, hospitaleiro,
onde existe a alegria de viver.

Coreto Joaquim Naegele do Campo de São Bento
Fonte: Cultura Niterói / Secretaria de Cultura de Niterói

LOUVOR A NITERÓI (1)

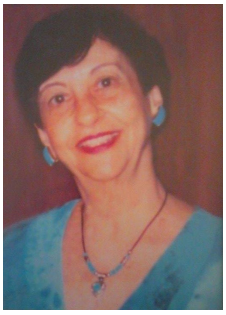
ALBA HELENA CORRÊA

Eu amo Niterói, lugar onde eu nasci.
Bastante viajei, mas a vocês confesso:
a alegria maior sentia no regresso,
ao ter sob os meus pés, a terra de ARARI!

Muito se andava a pé, que salutar andança,
à vista de jardins com flores de alamandas.
Quando baixava o Sol, fazíamos cirandas,
e havia em todo lar – paz, respeito, esperança!

Surgiram edifícios, shoppings, na cidade:
tudo se transformou com a modernidade
e Niterói cresceu em toda direção.

Na retina guardei aquela imagem antiga,
da velha Niterói, sempre tão bela e amiga:
Quem vive em Niterói, por ela tem paixão!



ALBA HELENA CORRÊA
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 13
Classe de Letras

Pedagoga – Faculdade Fluminense de Filosofia, pós-graduada em Orientação Educacional – Faculdade Nacional de Filosofia. Mestre em Educação – UFF. Trovadora, sonetista, cordelista, haicaísta, cronista, contista, biógrafa, ensaísta e declamadora diplomada. Colaboradora do jornal Unidade e da Universidade Aberta da Terceira Idade. Membro das Academias Brasileiras de Literatura de Cordel e de Trovas, e membro correspondente das Academias Itaperunense de Letras e Cachoeirense de Letras. Vice-presidente da União Brasileira de Trovadores / Seção Niterói. Integrante dos Escritores ao Ar Livro e do Calçadão da Cultura.

Que seja incluído nas escolas regulares o ensino da Linguagem Brasileira de Sinais / Libras – reconhecida como Língua Oficial do Brasil pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 – garantindo o aprendizado dos deficientes auditivos, e que as bibliotecas públicas incluam em seus acervos obras em Braille, destinadas aos deficientes visuais, como forma de disseminação da leitura e Cultura para todos (recomendação da Carta de Educação, Cultura e Ética de Niterói)

Bairro Santana - um dos bairros mais antigos de Niterói
Fonte: Cultura Niterói / Secretaria de Cultura de Niterói

Niterói
História e Atualidade

A PRAÇA DA REPÚBLICA

ERTHAL ROCHA

Ícone da memória cultural de Niterói, a Praça da República, no centro da cidade, tem especial significado para a Academia Fluminense de Letras, que tem ali sua sede. Ela é parte integrante de belo conjunto arquitetônico formado por vários e importantes prédios públicos, tombado pelo Patrimônio Histórico – e representa significativo símbolo de ideal, luta e superação de obstáculos, demonstrados através da história de sua concepção, construção e restauração.

Segundo o historiador Luís Antônio Pimentel, o prefeito Feliciano Sodré idealizou a Praça da República em 1913, às vésperas da eclosão da 1ª Guerra Mundial (1914-1918). Engenheiro militar, Sodré sucedeu João Pereira Ferraz com o firme propósito de dar continuidade ao grande processo de urbanização iniciado pelo antecessor, que administrou Niterói entre 1906 e 1910.

Sodré projetou uma praça monumental homenageando três fluminenses que figuraram entre os principais líderes do Movimento Republicano: Quintino Bocaiúva, Silva Jardim e Benjamin Constant – três vultos cuja memória é preservada pela AFL, como Patronos.

Estátua de Quintino Bocaiuva
Foto: Acadêmico Antônio Machado

Estátua de Silva Jardim
Foto: Acadêmico Antônio Machado

Estátua de Benjamin Constant
Foto: Acadêmico Antônio Machado

Monumento Triunfo da República. Foto: Acadêmico Antônio Machado

Estava prevista, ainda, a construção de edifícios públicos em torno da praça, formando um grande "Centro Cívico", e a abertura de ampla avenida ligando as ruas Marquês do Paraná e Visconde do Rio Branco.

O prefeito convidou o arquiteto francês Emile Depuy Tessain para elaborar o projeto, contando com o auxílio do arquiteto e artista italiano Pedro Campofiorito, radicado no Brasil (pai do pintor Quirino Campofiorito; da assistente social Violeta Campofiorito Saldanha da Gama, diretora da Escola de Serviço Social da UFF e patrona da Classe de Ciências Sociais da AFL; e do arquiteto Orlando Campofiorito). Para a execução dos trabalhos, foi contratado o arquiteto Heitor de Melo, ficando Tessain responsável pela direção e fiscalização das obras. Quando o francês foi chamado de volta à terra natal, no início da guerra, Campofiorito assumiu a missão.

Os prédios foram sendo inaugurados gradativamente: em 1917, a Assembleia Legislativa/RJ, hoje Câmara Municipal de Niterói (projeto exclusivo de Heitor de Melo); em 1918, a Escola Normal, atual Liceu Nilo Peçanha; em 1919, o Palácio da Polícia, atual 76ª Delegacia de Polícia Civil, e o Palácio da Justiça (que abriga o Centro de Memória Judiciária de Niterói).

Em 1924 teve início um remodelamento da Praça, sob direção do engenheiro Pio Borges de Castro. Foi construído o monumento Triunfo da República, composto de embasamento com escadaria e pedestal onde se encontra a escultura em bronze "Alegoria à República", do escultor José Octavio Corrêa Lima (constituída de uma biga romana, puxada por dois cavalos, conduzida por uma mulher que traz na mão um ramo de louros). O monumento inclui, ainda, dois guarda-corpos com as estátuas de Quintino Bocaiúva e Benjamin Constant e, na face anterior da coluna, a estátua pedestre de Silva Jardim. O capitel do pedestal é ornamentado por pequenas placas de bronze com o nome de cada um dos municípios do Estado, encobrindo nichos contendo porções de terra daqueles municípios.

A praça, até então chamada Praça D. Pedro II, foi reinaugurada em 1927, com a presença do presidente da República Washington Luís e do ex-prefeito Feliciano Sodré, então presidente do Estado do Rio de Janeiro – passando a chamar-se Praça da República. Na mesma ocasião, Sodré assinou a Lei nº 2.162, determinando a instalação da sede própria da Academia Fluminense de Letras no pavimento superior do prédio em conjunto com a Biblioteca Pública do Estado, a ser construído (em reconhecimento, a AFL homenagearia o benfeitor durante as celebrações

do seu centenário, em 2017, colocando-o como patrono da Cadeira nº 49, criada especialmente para este fim).

Projeto exclusivo de Campofiorito, o belo edifício da Academia e da Biblioteca seria inaugurado somente em 1935, pelo Interventor Ary Parreiras (que a AFL colocou como patrono da Cadeira 50). Foram acrescentados ao conjunto arquitetônico, ainda, dois prédios particulares, o da antiga sede da Associação Médica Fluminense (hoje conhecido como Parthenon) e o Teatro Leopoldo Fróes; o sonhado Palácio do Governador, que substituiria o Palácio Nilo Peçanha (Ingá), nunca chegou a ser construído. Em 1942, foi concretizado o projeto da larga avenida, que ganhou o nome de Avenida Ernani do Amaral Peixoto.

Em 1970, o governador Geremias de Mattos Fontes decidiu construir no terreno da praça a nova sede do Tribunal de Justiça do Estado, determinando a desmontagem do monumento. Ergueu-se no local a estrutura do edifício que, no entanto, nunca foi terminado, em consequência da fusão dos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro (1975). Após anos convivendo com o feio esqueleto da construção inacabada, que encobria o belo prédio da Academia e da Biblioteca, a população se mobilizou para reivindicar a restauração da praça e o tombamento da obra "Triunfo da República". Em 1983, o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural tombou o monumento, assim como os prédios do entorno; em 1989, o governo do Estado determinou a implosão da estrutura abandonada do edifício e a reconstituição da praça.

No dia 4 de dezembro de 1989 a Praça da República, com tão longa e rica história, de importante significado, foi reinaugurada com seu belo monumento, retomando seu lugar de direito como parte integrante do rico patrimônio histórico niteroiense.

Referências:

VASCO, Julio (coord.). **Memória de Niterói**: 12 depoimentos. Niterói: Palanque, 2002.

WIKIMEDIA. **Wikipédia**, a enciclopédia livre, 2020. Verbete Praça da República (Niterói). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_da_Rep%C3%BAblica_(Niter%C3%B3i)>. Acesso em: 18 jun. 2020.

CÉLIO ERTHAL ROCHA
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 27
Classe de Letras

Jornalista, escritor, advogado e defensor público aposentado. Formou-se na Faculdade de Direito da UFF. Foi apresentador do *Grande Jornal Fluminense*, transmitido pelas Rádios *Tamoio* e *Jornal do Brasil*; repórter do jornal *O Fluminense*, no qual chefiou o Departamento de Relações Públicas; assessor de Comunicação Social do Governo do Estado do Rio de Janeiro e assessor da Procuradoria Geral de Justiça. Exerceu o mandato de deputado estadual. Autor de artigos, crônicas e dos livros: *Jornalismo, política e outras paragens* e *Um olhar sobre o Ministério Público Fluminense.*

A UBT-NITERÓI E OS JOGOS FLORAIS

ALBA HELENA CORRÊA

Niterói merece o epíteto de Cidade Sorriso. Além de ser pródiga em belezas naturais, o povo desfruta de intensa atividade sociocultural. Temos várias Academias e entidades que congregam: escritores, cientistas e artistas. Entre os poetas há o grupo dos trovadores que são filiados à UBT (União Brasileira de Trovadores), inaugurada em Niterói, em 1966, por Luiz Otávio – o Príncipe da Trova.

Desde a sua criação, passou por várias diretorias e destaco a atuação de Milton Nunes Loureiro, que permaneceu mais de 40 anos à frente da UBT com uma atuação admirável!

A realização do I Jogos Florais de Niterói ocorreu em 1964, ainda sob a sigla de GBT (Grêmio Brasileiro de Trovadores). Trata-se de um concurso de trovas, anual, com um tema definido, de amplitude nacional e internacional que, pela seriedade no julgamento, desperta o interesse de grande número de participantes. Há premiação para: Vencedores, Menções Honrosas e Menções Especiais e uma programação especial para o evento. Essa solenidade tem o apoio oficial da Câmara de Vereadores e foi incluída no calendário das comemorações do aniversário de Niterói pela Lei nº 3.111/2014, de iniciativa do vereador Paulo Bagueira Leal e sancionada pelo prefeito Rodrigo Neves.

I Jogos Florais – Constam do livreto
100 trovas sobre o MAR:

1º lugar – Orlando Brito (SP)

Passou... bonita de fato
e o mar, ao vê-la tão bela,
sentiu não ser um regato
para correr atrás dela...

2º lugar – Luiz Otávio (GB)

O mar nos deu a receita
de um viver sábio, fecundo:
sendo salgado ele aceita
as águas doces do mundo!

3º lugar – Celso Furtado de Mendonça (RJ)

Do Tejo partiu a armada
de Pedro Álvares Cabral
e fez no mar uma estrada
do Brasil a Portugal.

Em 1967, houve um concurso avulso, já sob a sigla da UBT – Niterói em Trovas:

1º lugar – Vilmar de Abreu Lassance (Niterói)

A Igreja de São Lourenço
que o tempo jamais destrói
é o marco cheirando a incenso
de onde nasceu Niterói.

Chegamos, em 2020, à 48ª edição dos Jogos Florais. Sendo impossível publicar todas as trovas, optei por três das Vencedoras, do 44º JF – 2016, cujo tema foi também Niterói:

Alba Helena Corrêa (Niterói)

Num pedestal, vigilante,
no centro de Niterói,
Arariboia, gigante,
será sempre o nosso herói!

Edmar Japiassu Maia (Nova Friburgo)

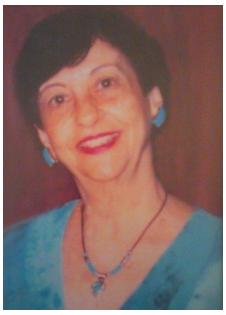
Um jardim pleno de flores...
Niterói, te vejo assim...
E são hoje os trovadores
as flores desse jardim!

Josafá Sobreira da Silva (Rio de Janeiro)

Há coisas que o tempo esmaga
e coisas que ele constrói
Mas nem mesmo o tempo apaga
meu amor por Niterói.

Parabéns a todos pelo Dia Nacional do Trovador, 18 de julho (data que assinala o nascimento de Luís Otávio) e ao atual presidente Waldenir Bragança, que desde 2015 tem sido um verdadeiro guardião da nossa UBT-Niterói!

Acadêmica Alba Helena Corrêa e Domitilla Beltrame, Presidente da UBT Nacional, durante os Jogos Florais de 2018
Foto: Murilo Lima



ALBA HELENA CORRÊA
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 13
Classe de Letras

Pedagoga – Faculdade Fluminense de Filosofia, pós-graduada em Orientação Educacional – Faculdade Nacional de Filosofia. Mestre em Educação – UFF. Trovadora, sonetista, cordelista, haicaísta, cronista, contista, biógrafa, ensaísta e declamadora diplomada. Colaboradora do jornal Unidade e da Universidade Aberta da Terceira Idade. Membro das Academias Brasileiras de Literatura de Cordel e de Trovas, e membro correspondente das Academias Itaperunense de Letras e Cachoeirense de Letras. Vice-presidente da União Brasileira de Trovadores / Seção Niterói. Integrante dos Escritores ao Ar Livro e do Calçadão da Cultura.

ALBERT SABIN EM NITERÓI E A LUTA CONTRA A POLIOMIELITE NO BRASIL

ALCIR CHÁCAR

O dia 14 de agosto de 1979 ficou gravado para sempre na memória da cidade de Niterói, e a cidade marcada para sempre no cenário nacional, por sua importância na erradicação da poliomielite no Brasil. Mais comumente conhecida como paralisia infantil, esta doença infecciosa aguda causada pelo pólio vírus, que infecta crianças e adultos pelo contato direto, fezes, secreções ou gotículas eliminadas pela boca, pode ocasionar a paralisia parcial ou total do corpo deixando sequelas graves, podendo ainda, em alguns casos, levar à morte.

Foi durante a realização do IX Congresso da Associação Médica Fluminense e XVII Congresso da Associação Médica Brasileira que, em sua conferência magna intitulada "Problemas de Imunizações na Infância em Diferentes Partes do Mundo", o professor Albert Bruce Sabin afirmava que o sistema de vacinação adotado no Brasil até então não impediria o aparecimento de novos casos da doença em território nacional e, ainda mais, temia que isso viesse realmente a acontecer. Nesta época, em clínicas especializadas no atendimento pediátrico já começávamos a observar um aumento no número de casos da doença e a temer que as palavras do cientista se tornassem o prenúncio de uma triste realidade.

Na época, como presidente da Associação Médica Fluminense, recebia o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde informando que só no Estado do Rio de Janeiro 13 óbitos em 200 casos da doença já se acumulavam; números que representavam um aumento de 300% de casos registrados. Alarmado, resolvi escrever a Sabin confirmando o cumprimento de suas previsões e pedindo ao cientista sugestões de como proceder diante do quadro apresentado. Demonstrando extrema generosidade e grande preocupação com a situação brasileira, em sete dias chegava sua resposta via telex com um duro veredito: "Li sua carta e recomendo imediata administração de uma dose oral de pólio vacina a todas as crianças abaixo de cinco anos de idade, independente de história de prévia vacinação, como medida antiepidêmica, em todas as regiões do Brasil onde os surtos de pólio estejam se desenvolvendo". Dias depois chegava a minhas mãos uma carta, hoje histórica, onde Sabin se oferecia, caso fosse convidado, a vir pessoalmente ao Brasil para ajudar no combate à poliomielite em nosso país.

Começamos então uma grande movimentação, apresentando às autoridades de Saúde do nosso país o oferecimento do cientista. Tentamos fazê-lo de todas as maneiras disponíveis na época, através de ofícios, telefonemas, etc., mas o Ministério da Saúde não julgava como prioritária a luta contra a paralisia infantil, optando por dizer que desconhecia a existência da poliomielite no Brasil. Mesmo assim, de forma corajosa e digna do altruísmo que sempre marcou sua vida, Sabin, aceitando o convite da Associação Médica Fluminense e com o apoio logístico do Sr. Adolpho Bloch através da *Manchete*, renomada revista de grande circulação na época, desembarcava no Brasil disposto a erradicar a doença em território nacional. Alertados de sua chegada, nossos governantes repudiavam sua atitude e a posição da imprensa, acusando-a de manipuladora dos fatos.

Tinha início aí uma outra batalha. A de convencer o então ministro da Saúde da necessidade da colaboração de Sabin e da aplicação de seu modelo proposto para a erradicação da doença. No dia 24 de março de 1980, o jornal *O Globo* questionava em suas páginas "o valor da imprensa livre" e, junto aos demais órgãos de comunicação, cobravam uma posição do nosso Governo; polêmica agravada por uma carta de Sabin ao então presidente João Batista Figueiredo, expondo sua decisão de deixar o Brasil, por conta de todo tipo de impedimentos por ele encontrados.

Diante das proporções trazidas por

O cientista Albert Sabin, o presidente da AMF Alcir Chácar e o deputado estadual Waldenir de Bragança (1980)

tão grande impasse e da crescente gravidade da situação epidemiológica, antes que isso acontecesse, a Associação Médica Fluminense decidiu pela terceira vez trazer o cientista a Niterói; agora, para um grande desagravo, em seu auditório lotado, com a presença de grupos escolares e da população que o aplaudira de pé em sua passagem pelas ruas da cidade e das janelas de suas residências vizinhas à Avenida Roberto Silveira, durante a sua caminhada rumo à sede da Associação. O clamor popular e a pressão dos órgãos de comunicação não só comoveram o nobre cientista a divulgar a carta que enviara ao presidente da República, como obrigaram o governo brasileiro a uma mudança na postura até então adotada. O Brasil teve então, em 14 de junho daquele ano, o seu primeiro Dia Nacional de Vacinação Contra a Poliomielite, adotando finalmente o modelo proposto por Sabin em todo território nacional.

Pouco mais de dez anos depois, tivemos a honra de receber a comunicação oficial do Ministério da Saúde e da Fundação Nacional de Saúde, através do oficio circular nº 125/GAB/PRE/FNS, datado de 7 de novembro 1994 e assinado por seu presidente Álvaro Antônio Machado, com as palavras que transcrevemos a seguir e que fecham esta história com chave de ouro: "Sr. Presidente, no dia 12 de outubro último o Brasil recebeu o certificado de erradicação da transmissão do polio vírus selvagem no território brasileiro."

ALCIR VICENTE VISELA CHÁCAR
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 5
Classe de Ciências

Médico (UFF), pós-graduado em Radiologia do Tórax (UFRJ). Graduado em Administração em Saúde (PUC-Rio). Ex-presidente da Associação Médica Fluminense, fundador da Sociedade Fluminense de Pediatria (atual SOPERJ). Membro correspondente estrangeiro da Academia Nacional de Medicina de Buenos Aires. Atual vice-presidente da Regional Sudeste da Federação Brasileira de Academias de Medicina – FBAM. Ex-presidente da Academia de Medicina do Estado do Rio de Janeiro. Idealizador e organizador do Conclave Brasil-Argentina e do I Congresso Sul-Americano de Academias de Medicina.

HOMENAGEM À ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS PELAS ENTIDADES CULTURAIS DE NITERÓI

MATILDE CONTI

Tive a prazerosa honra, por ser indicada pelos meus pares, isto é, para em nome deles, do Elos Internacional, onde estou como governadora para o Estado do Rio de Janeiro, do Cenáculo Fluminense de História e Letras, com sede em Niterói, do qual sou a atual presidente, e do nosso Instituto Histórico e Geográfico de Niterói, como sua vice-presidente, para manifestar o nosso apreço pela nobilíssima Academia Fluminense de Letras.

É uma data muito festiva, pois comemora-se, em julho de 2020, os 103 anos desse templo do saber e de profícuos serviços à cultura da nossa cidade, do Estado do Rio e do Brasil.

Esta velha Província sempre foi um centro irradiador de conhecimentos jurídicos, pedagógicos, filosóficos e das artes em geral. Sua vocação cultural é revelada, também, através do precioso patrimônio histórico, arquitetônico e artístico, que inclui joias como a Igreja de São Lourenço dos Índios, o Teatro Municipal João Caetano, o Solar do Jambeiro, o Museu de Arte Contemporânea, o conjunto arquitetônico da Praça da República, que inclui a sede da AFL...

Com um dos mais altos índices educacionais do País, é terra natal ou adotiva de inúmeras personalidades de projeção nas mais diversas áreas do saber, assim como sede de universidades, entre elas a Universidade Federal Fluminense, centros culturais e relevantes instituições, cuja abrangência se estende muito além de suas fronteiras, das quais um dos mais elevados exemplos é a Academia Fluminense de Letras.

Vamos celebrar a magnificência desta data, unindo-nos aos sonhos e ao trabalho incansável de seu presidente, que fez da amizade um ato fundamental, verdadeiro liame entre amigos

e companheiros, onde em sua dedicação à cultura e à causa da educação, exerce verdadeiro apostolado.

Waldenir de Bragança, homem digno, orador fulgurante dotado de imensa grandeza de espírito e de coração, dos mais nobres sentimentos, postulando princípios humanitários. A Academia Fluminense de Letras é grata por ter no seu leme um líder desse naipe e ainda mais, por ter pessoas fantásticas ao seu redor e que trabalham incansavelmente, pela magnitude desta cidade, alumiando os seus portais com o ouro dos seus profundos conhecimentos.

A Academia Fluminense de Letras, como instituição, não é melhor que os homens que a representam. Ela é feita por aqueles que a dirigem, exercendo a liderança para a qual todos se voltam nos momentos de crise ou de confiança. Os homens são os que fazem as instituições.

Salve a Academia Fluminense de Letras, no seu 103º aniversário.

Salve, Salve, Palácio da Palavra, Templo da Sabedoria!

MATILDE CARONE SLAIBI CONTI
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 5
Classe de Ciências Sociais

Cirurgiã-dentista, Universidade Federal Juiz de Fora. Especialização Saúde Coletiva, Escola de Saúde Pública. Advogada militante, formada em Direito, Universidade Cândido Mendes. Doutora e pós-doutora em Ciências Jurídicas e Sociais, UMSA, Buenos Aires. Professora titular de Direito da Universidade Salgado de Oliveira. Professora de pós-graduação, Universidades Estácio de Sá, Plínio Leite, Salgado de Oliveira; e professora conferencista das Escolas de Magistratura RJ e Federal. Psicanalista, Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil, e especialista em Psicossomática, UFF. Bacharel e licenciada em História. Especialização em Artes Plásticas, Universidade La Salle, com exposições em vários países.

NITERÓI – CIDADE CULTURAL

MÁRCIA PESSANHA

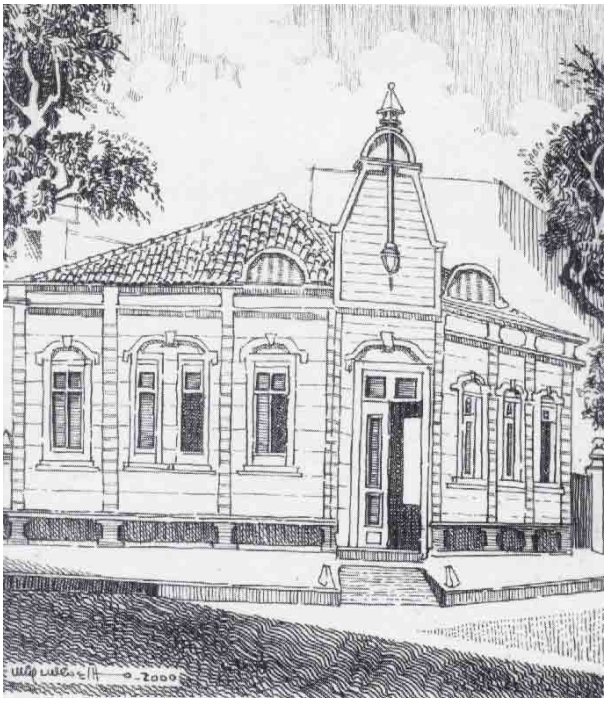
Niterói, na bela expressão de Gomes Filho, designada como "cidade sorriso", também é motivo de orgulho por sua efervescência cultural. Celeiro de escritores, poetas, intelectuais de diferentes áreas do conhecimento, artistas das mais variadas aptidões, emerge das "águas escondidas entre pedras", origem de seu nome e brilha no horizonte da cultura fluminense. Diversas Academias de Letras e demais entidades congêneres compõem o cenário cultural da cidade. Para ilustrar a importância do contexto histórico, da atuação e do saber/fazer das referidas instituições, destacarei no presente texto a **Academia Niteroiense de Letras e o Elos Clube de Niterói**.

A Academia Niteroiense de Letras foi fundada em 11 de junho de 1943, no gabinete de Rubens Falcão e foram considerados sócios fundadores os que compareceram à referida reunião. Antônio Santa Cruz Lima, Brígido Tinoco, Carlos Alberto Lúcio Bittencourt, Dulcydides de Toledo Piza, Francisco Martins de Almeida, Francisco Pimentel, Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes, Guaracy de Albuquerque Souto Mayor, Heitor Luiz do Amaral Gurgel, Horácio Pacheco, Jefferson d'Avila Júnior, José Pinto Nazareth, Lealdino Soares Alcântara, Macário de Lemos Picanço, Marcos Almir Madeira, Myrtharístides de Toledo Piza, Raul de Oliveira Rodrigues, Rubens Falcão, Ruy Albuquerque de Nazaré, Serafim Silva, Sílvio Lago e Walfredo Martins.

A ANL possui uma rica história; aqui apresento breve resumo, pois ela é contada, principalmente, no livro *A dança das cadeiras – história da Academia Niteroiense de Letras*, de Wanderlino Teixeira Leite Netto. Possui em seu quadro 50 Patronos, representativos da intelectualidade brasileira e cada Cadeira Patronímica é ocupada por um Acadêmico atual. Quando um deles fica "encantado" como disse Guimarães Rosa, a Cadeira fica vaga e procede-se a uma nova eleição para ocupá-la. Assim se constroem a continuidade e a "imortalidade" acadêmicas.

Eis os Patronos: 1- Alberto de Oliveira; 2- B. Lopes; 3- Alberto Torres; 4- Casimiro de Abreu; 5- Euclides da Cunha; 6- Fagundes Varela; 7- José do Patrocínio; 8- Lopes Trovão; 9- Lúcio de Mendonça; 10- Oscar de Macedo Soares; 11- Antônio Parreiras; 12- Raul Pompeia; 13- João Caetano; 14- Silva Jardim; 15- Alcindo Guanabara; 16- José Geraldo Bezerra de Menezes; 17- Henrique Castrioto; 18-

Andrade Figueira; 19- Azevedo Cruz; 20- Cardoso Fontes; 21- Silva Ramos; 22- Sebastião de Lacerda; 23- Senna Campos; 24- Padre Júlio Maria; 25- Joaquim Manoel de Macedo; 26- Luiz Pistarini; 27- Carlos de Lacerda; 28- Luiz Murat; 29- Pedro Luiz Pereira de Souza; 30- Salvador de Mendonça; 31- Belizário de Souza; 32- Osório Duque Estrada; 33- Domício da Gama; 34- Joaquim Norberto; 35- Teixeira de Mello; 36- Gomes Filho; 37- Múcio da Paixão; 38- Raul de Leoni; 39- José Carlos Rodrigues; 40- Alfredo Pujol; 41- Oliveira Vianna; 42- Levy Carneiro; 43- Ismael Coutinho; 44- Melchiades Picanço; 45- Leopoldo Fróes; 46- Luiz



Sede da Academia Niteroiense de Letras.
Bico-de-pena de Miguel Coelho.
Fonte: Academia Niteroiense de Letras

Leitão (Lili); 47- Everardo Backheuser; 48- Américo de Castro; 49- Benjamin Constant; 50- Agripino Grieco.

A Academia Niteroiense de Letras tem sua sede na Rua Visconde do Uruguai, 456, Centro Niterói, espaço que foi cedido graças ao prefeito da época, Waldenir de Bragança, hoje Membro Titular da ANL, Cadeira nº 42, Patrono Levy Carneiro. O atual presidente é o Acadêmico Juber Baesso, sucedendo à Acadêmica Márcia Pessanha, primeira mulher a presidir a ANL.

E finalizando este breve relato, com o intuito de ressignificar o valor das Academias de Letras e em especial da ANL, cito as palavras de dois de seus fundadores:

Professor Horácio Pacheco, também ex-presidente da ANL:

A ANL soube cumprir – sabe cumprir – o destino das instituições do gênero: a defesa da língua e da boa tradição literária, a transmissão às gerações futuras – como o assinalava o 1º presidente – de frutos sazonados de inteligência e do espírito... E que nos mantenhamos sempre unidos, em condições de preservar a fina arte do convívio e de garantir – Deus ajude! – pelos processos de uma evolução tranqüila, os interesses superiores de nossa Casa.

Marcos Almir Madeira, também Membro da Academia Brasileira de Letras:

Folgo em ver que arrumada a casa, ela mesma vai arrumando ideias, fruto daquilo que não pode faltar a uma academia: a pesquisa literária, instrumento da formação de uma consciência crítica. Fortalecê-la e expandi-la é nosso dever. E a ANL, pelo claro exemplo que vem dando – de idealismo, de produtividade, de continuidade e brilho – está aparelhada, mais do que nunca, a honrar e ampliar o patrimônio intelectual de nossa terra.

Que assim seja, dizemos nós, atuais membros da Academia Niteroiense de Letras.

O Elos Clube de Niterói

Antes de focalizarmos o Elos Clube de Niterói, é preciso dizer que o Elos Clube foi fundado em São Paulo, na cidade de Santos, no dia 09 de setembro de 1959, tendo por idealizador Eduardo Dias Coelho. Foi implantado nos países de língua oficial portuguesa: Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Guiné Equatorial, com o objetivo de difundir e de zelar pela língua portuguesa, sua cultura e tradições, estreitando os laços entre esses povos. O elismo é um símbolo de manutenção e sobrevivência dos princípios e ideais que o Humanismo, a História e a Língua Mater conferiram e consolidaram ao

longo dos anos. Cada Elos é a fração de um todo; peça de entrosagem; elemento que se prende a outros, formando uma poderosa corrente de pensamento e ação, em função de ideais e fins comuns.

O Elos Clube de Niterói completou 40 anos no dia 22 de abril de 2020, pois foi fundado no ano de 1980, por um grupo de amigos da Comunidade Portuguesa local. Atualmente assume sua presidência a Acadêmica Márcia Pessanha, sucedendo à Acadêmica Matilde Carone Slaibi Conti.

E de acordo com a filosofia elista de união dos que comungam dos mesmos ideais de amor à língua mater e de propagar os valores humanistas, cabe citar um fragmento da oração do Elos:

Que cada um de nós encontre tempo para amar e ser amado. Tempo para ser útil aos outros e capacidade para transmitir o humanismo lusíada a todo o mundo, para que ele seja cada vez mais forte e fraternal. E que nesta hora, amanhã e sempre, possamos estender nossas mãos, numa corrente de harmonia e ocupar nossos lugares na construção de um mundo melhor.

E assim, caminhamos, de mãos dadas, com outras instituições culturais, tentando cada vez mais contribuir para o florescer das letras e da cultura, dando mais brilho à história de Niterói, nossa cidade sorriso.

MÁRCIA MARIA DE JESUS PESSANHA
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 6
Classe de Letras

Formada em Letras Português/ Francês, mestrado e doutorado em Literatura pela UFF. Primeira mulher a presidir as Academias Guanabarina e Niteroiense de Letras e o Cenáculo Fluminense de História e Letras. Autora de: *Borboletrando* e *Fatias do viver*; *Casimiro de Abreu: o poeta das Primaveras; Interfaces da cotidianidade no romance Léonora; Quarto de despejo de Carolina de Jesus; A Literatura Brasileira e o papel do autor/personagens negros; Conceitos de Literatura e Cultura; O Memorialismo Epistolar* e vários outros.

NITERÓI – SEDE DO I CONGRESSO DE ACADEMIAS DE LETRAS

WALDENIR DE BRAGANÇA

Realizado em Niterói, no Centro de Convenções do H Hotel, de 20 a 22 de julho de 2017, o I Congresso Brasileiro de Academias de Letras foi um marco nas comemorações do Centenário da Academia Fluminense de Letras.

Tendo como temas principais "Ética, Educação e Cultura – Instrumentos Básicos para Fortalecer o Sentimento Nacional", o evento congregou Academias de Letras das cidades brasileiras, para estimular e desenvolver ações socioculturais e educacionais vinculadas à ética, estimular a produção de livros e a difusão da leitura, valorizar o idioma nacional e intensificar a campanha para a sua oficialização na Organização das Nações Unidas.

Contamos, ainda, com a participação da Academia Brasileira de Letras, representada pelo então presidente Domício Proença e os Acadêmicos Marco Lucchesi (que preside a instituição hoje) e Evanildo Bechara, além dos

O Acadêmico - julho 2017, edição comemorativa do Centenário
Foto: Deborah Eltz

presidentes ou representantes das Academias de Letras de Sergipe (José Anderson Nascimento), do Paraná (Ernani Lopes Buchmann), do Amazonas (Cláudio Chaves) e da Academia Brasileira Rotária de Letras / Seção Mato Grosso (Vicente

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega (Reitor da Universidade Federal Fluminense), Waldenir de Bragança (Presidente da Academia Fluminense de Letras), Rodrigo Neves (Prefeito de Niterói) e Paulo Bagueira (Vereador), na solenidade de abertura do I Congresso Brasileiro de Academias de Letras
Foto: Deborah Eltz

Os acadêmicos Marco Lucchesi (AFL e ABL), Maximiano de Carvalho e Silva (AFL) e Domício Proença (então presidente da ABL)
Foto: Deborah Eltz

Evanildo Bechara, membro da ABL e do Real Gabinete Português de Leitura
Foto: Deborah Eltz

Benedito Guimarães Aguiar Neto, presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, profere conferência de abertura
Foto: Deborah Eltz

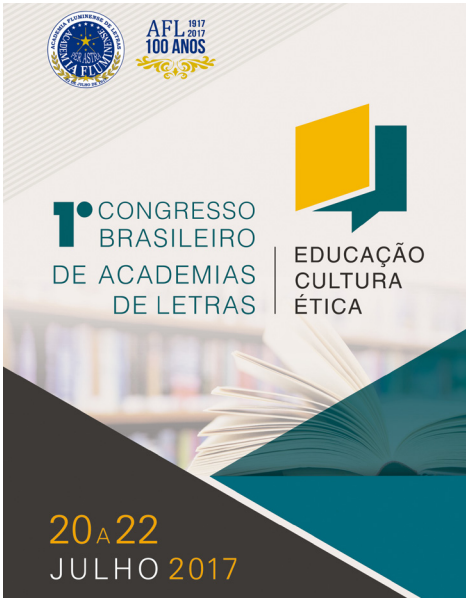
Herculano da Silva). Abrilhantaram, também, o evento, o então presidente do Elos Internacional da Comunidade Lusíada, Ramiro Alves da Rocha Cruz, seu vice-presidente José Roberto Frutuoso (atual presidente) e o reitor Benedito Guimarães Aguiar Neto (Universidade Mackenzie / São Paulo), presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, que proferiu a Conferência de Abertura, com o tema "Ensino Universitário e Ética".

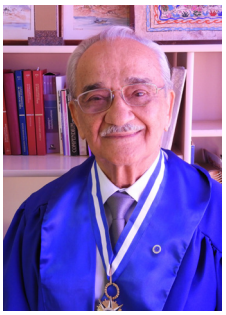
Comprovando a vocação de Niterói como cidade cultural, o congresso recebeu apoio da Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Cultura e da Fundação de Arte de Niterói, tendo contado com a presença do prefeito Rodrigo Neves, do presidente da Câmara Municipal, vereador Paulo Bagueira e do secretário de Cultura à época, Marcos Gomes. Também esteve presente o deputado estadual Comte Bittencourt. A missão desta Academia tem sido, sobretudo, o reconhecimento de que o patrimônio cultural é de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade, riquezas naturais de nosso povo. Temos lutado, também, para preservar o patrimônio imaterial ou intangível – como expressão de vida e tradições que a comunidade, grupos e indivíduos no Estado recebem de seus ancestrais e passam para seus descendentes. Consideramos fundamental que a Educação e a Cultura estejam impregnadas de Ética para o melhor comportamento humano e das instituições.

Com o mesmo empenho, formulamos convite às academias congêneres do Rio de Janeiro – cuja participação resultou na fundação da Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro – FALERJ, visando fortalecer o movimento cultural de nosso Estado. Desde então a FALERJ e a AFL já promoveram diversas jornadas culturais em cidades fluminenses, solidificando os laços entre as instituições.

Ao final das exposições e debates foram colhidas sugestões, propostas e recomendações para a elaboração de documento intitulado "Carta de Educação, Cultura e Ética de Niterói", que recebeu ampla divulgação.

Folder de divulgação do congresso elaborado pela Secretaria de Cultura de Niterói





WALDENIR DE BRAGANÇA
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 29
Classe de Letras

Médico, professor, advogado, jornalista. Foi secretário municipal de Saúde, deputado estadual e prefeito de Niterói. Preside a Academia Fluminense de Letras, a Academia Brasileira Rotária de Letras, a Universidade Aberta da Terceira Idade e a UBT-Niterói. Presidiu a Federação Brasileira de Academias de Medicina. Membro honorário da Academia Nacional de Medicina. Autor dos livros *Terceiridade e Marketing Social: relevância e resultados;* das publicações *Origem do ensino médico no Brasil em 1808 e panorama atual das escolas médicas, O direito do idoso e a realidade, O Brasil na Organização Mundial de Saúde e Direito Médico – Direito Médico-Social.* Coautor da obra *Aborto e o direito à vida* (Prêmio Genival Londres/ANM).

CARTA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ÉTICA DE NITERÓI

Os integrantes do I CONGRESSO BRASILEIRO DE ACADEMIAS DE LETRAS, promovido pela Academia Fluminense de Letras e pela Secretaria de Cultura / Fundação de Arte de Niterói, de 20 a 22 de julho de 2017, em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, celebrando o transcurso do Centenário da Academia – 22 de julho – com a parceria da Universidade Federal Fluminense / Pró-Reitoria de Extensão, com a participação de Academias de Letras de várias regiões do Brasil e de municípios do Estado do Rio de Janeiro, além de entidades literárias e culturais congêneres, universidades, autoridades das áreas da Cultura e da Educação, professores, escritores, jornalistas, artistas, estudantes reunidos no Centro de Convenções do H Niterói Hotel para tratar de assuntos relevantes relativos à Cultura, à Educação e à Ética nos territórios fluminense e nacional, com análise e estudos, através de exposições, palestras e mesas redondas sobre os temas: *"Educação, Cultura e Ética", "Contribuição das Academias para Preservação do Patrimônio Cultural", "Como Melhorar o ENEM e a Base Nacional Comum Curricular", "Valorização do Idioma Português como Patrimônio Nacional – Campanha para Oficialização na ONU", "A Relevância da Leitura no Século XXI", "Entre o Autor e o Leitor – O Editor de Livros na Contemporaneidade", "O Papel da Imprensa Fluminense"*, visando a constante melhoria dos padrões de Educação e de Ética, e o incentivo às iniciativas de preservação da Memória e de difusão da Cultura;

Decidiram assinalar neste documento, intitulado CARTA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ÉTICA DE NITERÓI em homenagem à cidade sede do Congresso, pontos fundamentais considerados propostas de equacionamento de alguns problemas debatidos, com sugestões e recomendações a serem levados às instituições públicas e particulares, Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, assim como às pessoas comprometidas em contribuir para um futuro mais ético, justo e responsável, a partir do processo educacional e do movimento cultural, para melhoria da conduta da sociedade em favor do Bem Comum.

PROPÕEM E RECOMENDAM:

01 - Que seja inserido na formação educacional de todos os níveis, desde o fundamental ao superior, o ensino de Ética e Moral, na modalidade mais adequada, para criação de uma consciência ética, essencial na formação da cidadania, nas profissões, negócios e seu desempenho digno na sociedade, como meio de prevenção e combate à corrupção degeneradora do organismo nacional;

02 - Que sejam implantadas em todos os estabelecimentos de ensino dos mais variados níveis e modalidades, comissões de Ética, com a participação de professores, alunos, pais, promovendo reuniões periódicas, abertas à comunidade;

03 - Que se promovam medidas para aperfeiçoamento da qualidade do Ensino, incluindo no currículo matérias como Educação Moral e Cívica, Educação Artística, Educação Musical e outras;

04 - Que o ensino da Língua Portuguesa e da Literatura seja feito com a visão de que na língua nacional e na sua expressão literária estão as mais altas representatividades da nossa cultura, em permanente contato com as demais manifestações artísticas;

05 - Que seja incluído nas escolas regulares o ensino da Linguagem Brasileira de Sinais / Libras – reconhecida como Língua Oficial do Brasil pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 – garantindo o aprendizado dos deficientes auditivos, e que as bibliotecas públicas incluam em seus acervos obras em Braille, destinadas aos deficientes visuais, como forma de disseminação da leitura e Cultura para todos;

06 - Que os estabelecimentos de ensino públicos e privados de todos os níveis e as organizações sociais, além das entidades públicas, estimulem o respeito aos símbolos nacionais, contribuindo para levantar os sentimentos de brasilidade e amor à Pátria;

07 - Que se elabore e promova estratégia destinada a mais dignificar a figura do Professor – responsável pela Educação e pela Cultura – em sua missão fundamental para o desenvolvimento sociocultural do Brasil, destinando recursos suficientes para condições adequadas de trabalho e uma remuneração condigna valorizadora de suas altas responsabilidades para a comunidade nacional;

08 - Que o ENEM, em sua função de vestibular, busque constante aperfeiçoamento, levando-se em conta as críticas feitas em razão do conteúdo, tipo de provas e tempo exíguo para ler os textos propostos e interpretados pelos

candidatos, e a distorções na formulação das questões, e que sejam incluídos temas sobre Ética nos concursos;

09 - Que sejam criados em todos os municípios brasileiros os Conselhos de Educação como instrumento de participação e fiscalização da gestão escolar, respeitando-se em sua composição a paridade de representatividade de órgãos do governo e da sociedade, buscando-se o equilíbrio entre membros da Secretaria de Educação, de entidades particulares, pais e estudantes, com a presidência sendo exercida em forma de rodízio entre os órgãos governamentais e as entidades particulares;

10 - Que sejam organizadas bibliotecas nas instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País, dirigidas por profissionais habilitados em Biblioteconomia, sendo cumprida a meta prevista na Lei nº 12.244/2010 (2020), por serem as mesmas ferramentas fundamentais para a Educação e a Cultura;

11 - Que os livros e a leitura sejam incentivados como instrumento insubstituível para a cultura ética, a educação, o saber transformador de vidas, para melhoria da convivência e integração social, através de subsídios governamentais para a edição de livros, sobretudo os voltados para estimular esta ferramenta básica para o desenvolvimento cognitivo infantil e a futura caminhada nos estudos, facilitando o acesso aos livros;

12 - Que seja compromisso dos órgãos públicos nos três níveis de Governo estimular, fomentar, apoiar e manter as Academias de Letras nas capitais dos estados e nas cidades a fim de fortalecer o movimento cultural;

13 - Que as Academias de Letras e outras entidades congêneres se unam em entidades representativas, em âmbito nacional e nos estados brasileiros, como estratégia destinada a fortalecer suas importantes ações em favor do patrimônio cultural, da Educação e da Ética, vencer obstáculos a fim de defender e mais valorizar os sentimentos e as raízes nacionais;

14 - Que seja proporcionada maior relevância, por todos os meios ao alcance das instituições, federais, estaduais e municipais, ao Dia Nacional da Cultura e da Língua Portuguesa no Brasil – o 5 de novembro – como uma das formas de mais valorizar o idioma nacional e ressaltar a importância da Cultura como patrimônio nacional;

15 - Que se intensifique a Campanha para que o Idioma Português se torne oficial na Organização das Nações Unidas, congregando entidades socioculturais, organizações públicas e particulares, a fim de evidenciar o reconhecimento e o valor do 4º idioma mais falado no mundo, presente em todos os continentes, integrador de etnias, culturas, costumes, religiões e posições políticas e ideológicas, e que o Memorial contendo os fundamentos da proposta, com as assinaturas dos participantes deste Congresso e de outros interessados nesse esforço consensual, seja levado à sede da ONU em Nova York;

16 - Que os meios de comunicação em massa, imprensa escrita, radiofônica, televisiva e redes sociais sejam intérpretes dos anseios de respeito à dignidade humana, à defesa da vida desde a concepção, à verdade, à justiça, à melhoria dos padrões de conduta da cidadania e da sociedade, promovendo a compreensão e a tolerância, a resolução de conflitos e a busca da paz;

17 - Que os veículos de comunicação das cidades do interior, de grande importância na capilaridade da difusão cultural em todas as regiões do território nacional, sejam também contemplados na seleção de mídia dos órgãos públicos para fins de veiculação da publicidade oficial, como forma de valorização da imprensa independente e de contribuição para a democratização dos meios de comunicação.

Este documento resultante do I CONGRESSO BRASILEIRO DE ACADEMIAS DE LETRAS, que celebrou o Centenário da Academia Fluminense de Letras, contém contribuições recolhidas durante sua realização, constitui compromisso solidário em defesa da Cultura, da Educação e da Ética, envolvendo o propósito de múltiplas profissões, atividades culturais, educacionais, científicas e sociais, e deverá ser encaminhado aos poderes públicos, entidades e órgãos cujas atribuições compreendem os assuntos tratados, bem como aos meios de comunicação e à sociedade em geral, como expressão de respeito à Cultura, à Educação e à Ética

Sala das Sessões, Niterói, 22/07/2017

Waldenir de Bragança, Presidente
Eneida Fortuna Barros, Vice-Presidente
Márcia Maria de Jesus Pessanha, 1ª Secretária
Alba Helena Corrêa, 1ª Tesoureira
Seguem assinaturas

ORAÇÃO DE GRAÇAS PELO CENTENÁRIO DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

Senhor, meu DEUS DE AMOR, Vós que Sois o criador e doador do que somos, a Vós elevamos nosso coração e nossa mente para externar nossa infinita gratidão pelos 100 anos da ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS. Ela chega ao glorioso Centenário pela perseverante colaboração de vidas que se deram e se dão para torná-la a Casa do Amor à Cultura e Templo da Palavra. Nela se encontram os Patronos que são seus pilares luminosos, cuja memória é preservada com honras, enaltecidos pelos exemplos fornecidos para a construção da história do Estado do Rio de Janeiro e da nossa Pátria.

PAI GENEROSO, oferecemos nosso Hino de Glória e Louvor para bendizer-Vos e pedir que nos dê força, vigor e senso de responsabilidade para corresponder à confiança dos que nos escolheram para ser membros atuantes da Casa que nos acolhe para bem servi-la.

SENHOR, agradecemos a proteção para a nossa Academia, para que continue a receber honras pela inestimável contribuição ao fortalecimento das raízes culturais do Brasil.

Abençoe, DEUS DE BONDADE, os Acadêmicos e Acadêmicas que entraram e entram nesta Academia para encontrar a eternidade e, com suas atividades intelectuais e socioculturais, iluminar caminhos a serem percorridos pelos que se identificam com seus ideais e objetivos; que continuem compromissados em servir às Letras, às Belas Artes, às Ciências e às Ciências Sociais, fundamentando suas ações no respeito à dignidade da pessoa humana e à ética, em corajosa e fiel missão.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo,

Amém.

MARIA DO CARMO SOARES CORDEIRO
Acadêmica Titular da Cadeira nº 9
Classe de Letras

Nominata

CLASSE DE LETRAS

CADEIRA 01
Patrono: Alberto Silva
Fundador: Salomão Cruz
Ocupantes: Hélio Nogueira, Élio Monnerat Solon de Pontes
Membro atual: Alexandre Gazé (Alexandre Gazé Filho)

CADEIRA 02
Patrono: Alberto de Oliveira
Fundador: Antônio Lamego
Ocupantes: Phocion Serpa, Walfrido Faria, Maria da Conceição Pires de Melo
Membro atual: Waldeck Carneiro (Waldeck Carneiro da Silva)

CADEIRA 03
Patrono: Alberto Torres
Fundador: Carlos Maul
Ocupantes: Luiz Magalhães
Membro atual: José Raymundo Martins Romeo

CADEIRA 04
Patrono: Alcindo Guanabara
Fundador: Alceste Fróes
Ocupantes: Alfredo Cumplido de Sant'Ana, Enéas Marzano
Membro atual: Luiz Felizardo Barroso

CADEIRA 05
Patrono: Andrade Figueira
Fundador: Henrique Castrioto
Ocupantes: Abel Sauerbronn de Azevedo Magalhães, Edmo Rodrigues Lutterbach
Membro atual: Franci Machado Darigo

CADEIRA 06
Patrono: Antônio Aguiar
Fundador: Jônatas Botelho
Ocupantes: Ramon Alonso, Mario Ritter Nunes
Membro atual: Márcia Pessanha (Márcia Maria de Jesus Pessanha)

CADEIRA 07
Patrono: Azeredo Coutinho (Bispo)
Fundador: Olímpio de Castro
Ocupantes: Arnaldo Nunes, Antônio Carlos da Rocha Villaça
Membro atual: Marcus Antônio de Souza Faver

CADEIRA 08
Patrono: Azevedo Cruz
Fundador: Homero Pinho
Ocupantes: Jacy Pacheco, Paulo Campos, Herval de Souza Tavares, Waldir Pinto de Carvalho
Membro atual: Eduardo Antônio Klausner

CADEIRA 09
Patrono: B. Lopes
Fundador: Olavo Bastos
Ocupantes: Maurício de Lacerda, Lyad de Almeida, Leir de Souza Moraes
Membro atual: Maria do Carmo Cordeiro

CADEIRA 10
Patrono: Belisário Augusto
Fundador: Epaminondas de Carvalho
Ocupantes: Paulino Neto, José Antônio Soares de Souza, Hilton Massa
Membro atual: Lúcia Romeu (Lúcia Maria Barbosa Romeu)

CADEIRA 11
Patrono: Benjamin Constant
Fundador: Ricardo Barbosa
Ocupantes: Oscar Fontenelle, Dayl de Almeida, Etacyr Guimarães de Campos
Membro atual: Fernando Gama (Fernando Gama de Miranda Netto)

CADEIRA 12
Patrono: Carlos de Lacerda
Fundador: Tomé Guimarães
Ocupantes: Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes
Membro atual: Cleber Francisco Alves

CADEIRA 13
Patrono: Casimiro de Abreu
Fundador: Altino Pires
Ocupantes: Vilmar de Abreu Lassance
Membro atual: Alba Helena Corrêa

CADEIRA 14
Patrono: Castro Menezes
Fundador: Creso Braga
Ocupantes: Marcos Almir Madeira
Membro atual: João Batista Thomaz

CADEIRA 15
Patrono: Duque de Caxias
Fundador: Soares Filho
Ocupantes: Oswaldo Paixão, Henrique Glória Serpa Pinto
Membro atual: Mirian Paura Sabrosa Zippin Grinspun

CADEIRA 16
Patrono: Euclides da Cunha
Fundador: Cortes Junior
Ocupantes: Vasconcelos Torres
Membro atual: Cybelle Moreira de Ipanema

CADEIRA 17
Patrono: Ezequiel Freire
Fundador: Manuel Duarte
Ocupantes: Elói Pontes, Mário Newton Filho, José Newton de Almeida Baptista Pereira (Arcebispo)
Membro atual: Cláudia Cataldi

CADEIRA 18
Patrono: Fagundes Varela
Fundador: Emílio Kemp
Ocupantes: Luiz Reid
Membro atual: Luiz Carlos Silva Lessa

CADEIRA 19
Patrono: Felisberto de Carvalho
Fundador: Quaresma Júnior

Ocupantes: Agenor de Roure, L.F. Carpenter, Albertina Fortuna
Membro atual: Eneida Fortuna Barros

CADEIRA 20
Patrono: Firmino Silva
Fundador: Eugênio Cordeiro
Membro atual: Jota Carino (Jonaedson Carino)

CADEIRA 21
Patrono: Francisco de Lemos (Bispo)
Fundador: Serpa Pinto
Ocupantes: Ismael de Lima Coutinho, Maria Alice Barroso
Membro atual: Elídio Robaina (Monsenhor)

CADEIRA 22
Patrono: Guilherme Briggs
Fundador: Edmundo March
Ocupantes: Sylvio Figueiredo, Mário Duarte Monteiro
Membro atual: Maximiano de Carvalho e Silva

CADEIRA 23
Patrono: Joaquim Manuel de Macedo
Fundador: Armando Negreiros
Ocupantes: Leopoldo Teixeira Leite Filho, Xavier Placer, Hélio Alonso
Membro atual: Peterson Barroso Simão

CADEIRA 24
Patrono: José do Patrocínio
Fundador: Levi Fernandes Carneiro
Membro atual: Tarcísio Meireles Padilha

CADEIRA 25
Patrono: Júlio Maria (Padre)
Fundador: J. Demorais
Ocupantes: Nelson Rangel, Newton Perissé Duarte, Lourenço Luiz Lacombe
Membro atual: Roberto dos Santos Almeida

CADEIRA 26
Patrono: Lúcio de Mendonça
Fundador: Ildefonso Falcão
Membro atual: Sávio Soares de Sousa

CADEIRA 27
Patrono: Luiz Pistarini
Fundador: Gomes Leite
Ocupantes: Alberto Lamego, Alberto Torres
Membro atual: Erthal Rocha (Célio Erthal Rocha)

CADEIRA 28
Patrono: Macedo Soares (Conselheiro)
Fundador: Júlio Salusse
Ocupantes: Toledo Piza, Romeu Silva, Lourival Ribeiro
Membro atual: Maria Beltrão (Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão)

CADEIRA 29
Patrono: Manuel Carneiro
Fundador: Múcio Paixão
Ocupantes: Teófilo Guimarães, Hamilton Nogueira
Membro atual: Waldenir de Bragança

CADEIRA 30
Patrono: Martins Teixeira
Fundador: Alfredo Rangel
Ocupantes: Luiz Lamego, Amélia Tomás, Vera de Vives
Membro atual: Leslie Aloan (Leslie de Albuquerque Aloan)

CADEIRA 31
Patrono: Paulo da Silva Araújo
Fundador: Castro Menezes
Ocupantes: J.E. da Silva Araújo, Francisco Pimentel, Raul de Oliveira Rodrigues
Membro atual: Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro

CADEIRA 32
Patrono: Pedro Luiz
Fundador: Belisário de Souza
Ocupantes: Kleber de Sá Carvalho, Emmanuel de Macedo Soares
Membro atual: Vaga

CADEIRA 33
Patrono: Pedro II
Fundador: Alberto Fortes
Ocupantes: Magalhães Gomes, Dulcydides de Toledo Piza
Membro atual: Wainer da Silveira e Silva

CADEIRA 34
Patrono: Pereira da Silva (Conselheiro)
Fundador: Honório Silvestre
Ocupantes: Thiers Martins Moreira, Celso Kelly, Walter Di Biase
Membro atual: Regina Coeli Vieira da Silveira e Silva

CADEIRA 35
Patrono: Quintino Bocaiúva
Fundador: Horácio Campos
Ocupantes: Nelson Rebel, Artur de Almeida Torres
Membro atual: Fátima Cunha Ferreira Pinto

CADEIRA 36
Patrono: Raja Gabaglia
Fundador: Henrique de Araújo
Ocupantes: Everardo Backheuser, Brigido Tinoco, Waldyr Jansen de Mello
Membro atual: Vaga

CADEIRA 37
Patrono: Raul Pompeia
Fundador: Adelino Magalhães
Ocupantes: Alípio Mendes, Luiz Calheiros Cruz
Membro atual: Marcelo Câmara (Marcelo Nóbrega da Câmara Torres)

CADEIRA 38
Patrono: Saldanha da Gama
Fundador: Lacerda Nogueira
Ocupantes: Godofredo Tinoco, Ayrton Pinto Ribeiro, Alberto Valle
Membro atual: Luiz de Albuquerque (Luiz Carlos de Albuquerque Santos)

CADEIRA 39
Patrono: Salvador de Mendonça
Fundador: Sena Campos
Ocupantes: Henrique Lagden, Valfredo Martins, José Geraldo Pires de Mello
Membro atual: Flávio Chame Barreto

CADEIRA 40
Patrono: Silva Jardim
Fundador: Olavo Guerra
Ocupantes: Mauricio de Medeiros, João Rodrigues de Oliveira, José Alfredo de Andrade
Membro atual: Rogério Devisate

CADEIRA 41
Patrono: Silva Marques
Fundador: Eurípedes Ribeiro
Membro atual: Marco Lucchesi (Marco Americo Lucchesi)

CADEIRA 42
Patrono: Soares de Souza Júnior
Fundador: Martins Teixeira Júnior
Ocupantes: Alberto Ribeiro Lamego, Togo de Barros
Membro atual: Sara Rifer (Jussara Ribeiro de Souza Ferreira)

CADEIRA 43
Patrono: Teixeira de Melo
Fundador: Ernesto Paixão
Ocupantes: Arthur Nunes da Silva, Heitor Gurgel, José Inaldo Alves Alonso
Membro atual: Vaga

CADEIRA 44
Patrono: Teixeira e Souza
Fundador: Osório Dutra
Ocupantes: José Cândido de Carvalho, Hervê Salgado Rodrigues, Milton Nunes Loureiro
Membro atual: Marcello Cerqueira (Marcello Augusto Diniz Cerqueira)

CADEIRA 45
Patrono: Visconde de Araguaia
Fundador: Joaquim Peixoto
Ocupantes: Prado Kelly, Alaor Eduardo Scisínio, Kleber Leite (Sebastião Kleber da Rocha Leite)
Membro atual: Vaga

CADEIRA 46
Patrono: Visconde de Beaurepaire Rohan
Fundador: Antônio Figueira de Almeida
Ocupantes: Alves Cerqueira, Renato de Lacerda, Luis Antônio Pimentel
Membro atual: Andréa Caldas (Andréa Christina Silva Panaro Caldas)

CADEIRA 47
Patrono: Visconde de Itaboraí
Fundador: Oliveira Viana (Francisco José de Oliveira Viana)
Ocupantes: Sabóia Lima, Alcydes Machado Gonçalves, Angelo Longo
Membro atual: Sandro Pereira Rebel

CADEIRA 48
Patrono: Visconde de Sepetiba
Fundador: Melquíades Picanço
Ocupantes: Macário Picanço, Aloysio Tavares Picanço
Membro atual: Lúcio Picanço Facci

CADEIRA 49
Patrono: Feliciano Sodré
Fundador: José Mauro Haddad

CADEIRA 50
Patrono: Ary Parreiras (Almirante)
Fundador: Alexandre Chini (Alexandre Chini Neto)

CLASSE DE BELAS ARTES

CADEIRA 01
Patrono: Acácia Brazil de Mello
Fundador: Dalka Azevedo (Dalka Lima Coutinho de Azevedo)
Membro atual: Vaga

CADEIRA 02
Patrono: Affonso Gonçalves Reis
Fundador: Maestro Bernardo (José Bernardo de Souza)

CADEIRA 03
Patrono: Alcyr Pires Vermelho
Fundador: Deila Scharra (Deila Maria Ferreira Scharra)

CADEIRA 04
Patrono: Chiquinha Gonzaga
Fundador: Lúcia Motta (Lúcia Regina Antunes da Motta)

CADEIRA 05
Patrono: Francisco Mignone
Fundador: Leda Mendes Jorge (Leda Mendes Jorge Aidar)

CADEIRA 06
Patrono: Israel Pedrosa
Fundador: Robert Preis

CADEIRA 07
Patrono: Jayme Moreira de Luna
Fundador: Antônio Machado (Antônio Alberto Carvalho Machado)

CADEIRA 08
Patrono: Leopoldo Fróes
Fundador: Veronica Debellian Accetta
Membro atual: Gracinha Rego (Maria das Graças Alves de Azevedo Rego)

CADEIRA 09
Patrono: Lourenço Fernandes
Fundador: Magda Belloti (Magda Telles Loureiro Belloti)

CADEIRA 10
Patrono: Margarida Lopes de Almeida
Fundador: Maria Aparecida Barreto da Silva

CADEIRA 11
Patrono: Maria Sabina
Fundador: Neide Barros Rêgo

CADEIRA 12
Patrono: Noel Rosa
Fundador: Myrtis Ruschel Bergamaschi de Leoni Ramos

CADEIRA 13
Patrono: Raimunda Viana
Fundador: Maria de Carvalho Mendes

CADEIRA 14
Patrono: Silvio Vianna
Fundador: Marly Prates (Marly Soares Prates Lima)

CADEIRA 15
Patrono: Villa-Lobos
Fundador: Therezinha de Maria Carvalho Pinto

CLASSE DE CIÊNCIAS

CADEIRA 01
Patrono: Américo Braga
Fundador: Aristeu Pessanha (Aristeu Pessanha Gonçalves)

CADEIRA 02
Patrono: Aurora de Afonso Costa

CADEIRA 03
Patrono: Carlos Chagas
Fundador: Luiz Augusto de Freitas Pinheiro

CADEIRA 04
Patrono: Emilia de Jesus Ferrreiro

CADEIRA 05
Patrono: João da Silva Vizella
Fundador: Alcir Chácar (Alcir Vicente Visela Chácar)

CADEIRA 06
Patrono: Marcolino Candau
Fundador: Wanderley Francisconi Mendes
Membro atual: Vaga

CADEIRA 07
Patrono: Otílio Machado
Fundador: Salvador Borges Filho

CADEIRA 08
Patrono: Oswaldo Cruz
Fundador: Demócrito Jonathas de Azevedo

CADEIRA 09
Patrono: Osvaldo Monteiro de Carvalho
Fundador: Alcides Pissinatti

CADEIRA 10
Patrono: Paulo Pimentel
Fundador: Cláudio Chaves (Cláudio do Carmo Chaves)

CADEIRA 11
Patrono: Roched Seba
Fundador: Cresus Vinicius Depes de Gouvêa

CADEIRA 12
Patrono: Rodolpho Albino

CADEIRA 13
Patrono: Romero Cunha
Fundador: Guilherme Eurico Bastos Cunha

CADEIRA 14
Patrono: Silvio Pires de Mello
Fundador: Luiz Rogério Pires de Mello

CADEIRA 15
Patrono: Vital Brazil
Fundador: Antônio Werneck (Antônio Joaquim Werneck de Castro)

CLASSE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CADEIRA 01
Patrono: José de Anchieta (Padre)
Fundador: Carlos Wehrs

CADEIRA 02
Patrono: Darcy Ribeiro
Fundador: Luiz Augusto Erthal

CADEIRA 03
Patrono: João VI
Fundador: Francisco Tomasco de Albuquerque

CADEIRA 04
Patrono: Durval de Almeida Baptista Pereira
Fundador: Aidyl de Carvalho Preis

CADEIRA 05
Patrono: Emilio do Carmo
Fundador: Matilde Carone Slaibi Conti

CADEIRA 06
Patrono: Francisco Alves
Fundador: Aníbal Bragança (Aníbal Francisco Alves Bragança)

CADEIRA 07
Patrono: Hipólito José da Costa
Fundador: Mário Sousa (Mário José Fernandes Rodrigues de Sousa)

CADEIRA 08
Patrono: Jalmir Gonçalves da Fonte
Fundador: Nagib Slaibi Filho

CADEIRA 09
Patrono: João Brasil
Fundador: Clélio Erthal

CADEIRA 10
Patrono: José Bonifácio da Silva
Fundador: Sylvio Lago Jr. (Sylvio Pereira Lago Júnior)

CADEIRA 11
Patrono: José Clemente Pereira
Fundador: José Alves Pinheiro Júnior

CADEIRA 12
Patrono: Nina Rita Torres
Fundador: Haroldo Zager (Haroldo Zager Faria Tinoco)

CADEIRA 13
Patrono: Princesa Izabel
Fundador: Antônio Izaías da Costa Abreu

CADEIRA 14
Patrono: Teixeira de Freitas
Fundador: Edson Alvisi (Edson Alvisi Neves)

CADEIRA 15
Patrono: Violeta Campofiorito Saldanha da Gama
Fundador: Andréa Ladislau (Andréa Antônia Ladislau)

MEMBROS HONORÁRIOS

01 - Domício Proença Filho
02 - Pietro Novellino
03 - Roberto de Souza Salles

Detalhe da fachada do prédio da Academia Fluminense de Letras e Biblioteca Pública Municipal, na Praça da República, 7, Centro de Niterói (projeto do arquiteto Pedro Campofiorito, parte integrante do conjunto arquitetônico da Praça da República)
Foto: Acadêmico Antônio Machado

PARCERIA:

PREFEITURA DE NITERÓI

SECRETARIA DAS CULTURAS

FUNDAÇÃO DE ARTE

www.academiafluminensedeletras.com.br